

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO COMPONENTE CURRICULAR DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INTERVENÇÃO AO FENÔMENO DO  
MULTICULTURALISMO: Presença da matriz africana

Gina Paola Mosquera Andrade

São Paulo

2023

GINA PAOLA MOSQUERA ANDRADE

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO COMPONENTE CURRICULAR DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INTERVENÇÃO AO FENÔMENO DO  
MULTICULTURALISMO: Presença da matriz africana

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Pinto Basto  
Tourinho Dantas

São Paulo

2023

Catálogo da publicação  
Serviço de Biblioteca  
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Mosquera Andrade, Gina Paola

Educação intercultural no componente curricular da educação física como intervenção ao fenômeno do multiculturalismo: presença da matriz africana / Gina Paola Mosquera Andrade. --São Paulo : [s.n.], 2023.

108 p.

Dissertação (Mestrado) --Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Pinto Basto T. Dantas

1. Multiculturalismo 2. Educação física 3. Diversidade cultural 4. Matriz africana I. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Autora:** Mosquera A, Gina P.

**Título:** Educação Intercultural no componente curricular da Educação Física como intervenção ao fenômeno do multiculturalismo: Presença da matriz africana.

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Julgamento: \_\_\_\_\_

*Dedico este trabalho aos meus pais e avó.*

*À minha família que sempre me apoiou incondicionalmente.*

*E os grandes amigos que o Brasil me apresentou durante esta etapa.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço enormemente ao meu pai Jardanys Mosquera por ser meu exemplo, por me orientar durante este processo, a minha mãe Alcira Andrade por seu apoio incondicional mesmo à distância e pelas palavras de alento e não me permitir desistir. As minhas irmãs Ashly Mosquera por que foi um grande suporte em todos os aspetos enquanto eu estava longe de casa e minha irmã Sara Mosquera por estiver do meu lado em todo momento e me inspirar a continuar resiliente.

Preciso agradecer enormemente a minha avó “Minina” pois com ela começou este sonho de migrar pro Brasil e seu apoio foi constante e em todos os sentidos, junto a ela minhas tios Francisca, Cielo, Julia e Diego que sempre procuraram o jeito de me segurar nos momentos difíceis, especialmente durante a pandemia do COVID-19.

Agradeço enormemente ao meu orientador o professor Luiz Dantas, pela paciência, sabedoria, orientações, e por correr o risco e se aventurar a orientar a uma estrangeira com um português meio fraco, por ser uma guia e modelo acadêmica excelente.

Agradeço também a Emi e Oscar, os irmãos que o Brasil me deu, por me apoiarem nos momentos que mais precisei, em momentos de angustia e solidão que traz o fato de migrar porque foram meu suporte nos momentos mais difíceis.

Aos professores que participaram desta pesquisa, por me compartilhar suas experiências e colaborar com meu processo de formação.

À EEFÉ-USP por fazer parte do meu processo acadêmico, porque tive o privilégio de fazer parte de tão prestigiosa faculdade e todos os docentes que fizeram parte deste processo.

Por fim, porém não menos importante agradeço a Deus e a vida por me permitir chegar até este momento, e por ter superado todos os obstáculos que puderam se apresentar durante este tempo todo.

## RESUMO

MOSQUERA ANDRADE, G. P. **Educação Intercultural no componente curricular da Educação Física como intervenção ao fenômeno do multiculturalismo: Presença da matriz africana**. 2023. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2023.

O multiculturalismo é um fenômeno que permeia a sociedade atual e, por conseguinte, o contexto escolar. Nesta pesquisa, o termo multiculturalismo representa uma realidade social na que estamos imersos, e é entendido como a diversidade cultural presente num mesmo contexto social e acadêmico. Esse fenômeno apresenta um desafio de desconstrução e reconstrução das práticas pedagógicas com a finalidade de abranger as diversas situações culturais presentes na aula. A educação hoje exige que o professor reflita frente a uma diversidade de identidades e grupos socioculturais, e na Educação Física não é diferente. Assim, faz-se necessário compreender como o professor de Educação Física trata as diferenças culturais no seu ofício. Esta pesquisa faz uma introdução ao debate da inclusão dos conteúdos da matriz africana nas aulas de Educação Física escolar fundamentado na Educação Intercultural como elemento solucionador de conflitos que reforça, por meio das aulas, o vínculo com a comunidade e a diversidade que a caracteriza. O objetivo desta pesquisa foi o de analisar a Educação Física escolar brasileira na perspectiva da Educação Intercultural, com ênfase na matriz africana; para tal fim foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física, escolhidos por conveniência tendo como critério de inclusão a preocupação com conteúdos pedagógicos relacionados à matriz africana. Após a análise das entrevistas, foi feita uma revisão de escopo a partir de outras produções sobre esse tema. De acordo com os resultados obtidos, foi possível identificar o papel do professor diante do tratamento desse fenômeno, as dificuldades que enfrentam os professores no seu fazer docente e os aspectos que têm facilitado a abrangência desses conteúdos nas aulas. Dessa forma, observou-se que a abordagem desses conteúdos apresenta alguns fatores que dificultam o trabalho, como a falta de formação dos docentes, o preconceito da sociedade referente a algumas manifestações culturais e a desinformação social; por outro lado, certas estratégias didático-metodológicas podem facilitar o processo de criação de identidade cultural dos alunos e inclusive dos professores, minimizando impactos sociais negativos e potenciando a formação integral do sujeito.

**Palavras chave:** Multiculturalismo; Educação Física Intercultural; Matriz Africana; Lei 10.639/03.

## ABSTRACT

MOSQUERA ANDRADE, G. P. **Intercultural Education in the curricular component of Physical Education as an intervention to the multiculturalism phenomenon: Presence of the African Matrix.** 2023. 108 f. Dissertation (Master in Science) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo.

Multiculturalism is a phenomenon that permeates the current society and therefore the school context. In this research, the term multiculturalism represents a social reality in which we are immersed and is understood as the cultural diversity present in the same social and academic context. This phenomenon presents a challenge to deconstruct and reconstruct the pedagogical practices with the purpose of covering the diverse cultural situations present in the classroom. Education today requires the teacher to reflect about the diversity of identities and sociocultural groups, and it is no different in Physical Education. Thus, it is necessary to understand how the Physical Education teacher deals with cultural differences in his/her job. This research introduces the debate about the inclusion of the contents of the African matrix in the classes of school Physical Education based on Intercultural Education as a conflict-solving element which reinforces through the classes the bond with the community and the diversity that characterizes it. The objective of this research was to analyze Brazilian School Physical Education from the perspective of Intercultural Education, with emphasis on the African matrix. To that end, semi-structured interviews were carried out with Physical Education teachers, chosen by convenience, having as inclusion criterion the concern with pedagogical contents related to the African matrix. After analyzing the interviews, a scope review was made based on other productions on this topic. According to the results obtained, it was possible to identify the teacher's role when dealing with this phenomenon, the difficulties that teachers face in their teaching and the aspects that have facilitated the inclusion of these contents in classes. Thus, it was observed that the approach to these contents presents some factors that make the work difficult, such as the teachers' lack of training, the prejudice of society regarding some cultural manifestations and the social misinformation; on the other hand, certain didactic-methodological strategies can facilitate the process of creation of cultural identity of the students and even of the teachers, minimizing negative social impacts and enhancing the integral formation of the subject.

**Keywords:** Multiculturalism; Intercultural Physical Education; African Matrix; Law 10.639/03.



## **LISTA DE FIGURAS**

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos.....     | 40 |
| Figura 2 – Apresentação e análise de entrevistas..... | 47 |
| Figura 3 – Distribuição geográfica dos estudos.....   | 78 |
| Figura 4 – Distribuição temporal dos estudos.....     | 78 |

## **LISTA DE TABELAS**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 - Sistema de categorias e subcategorias.....         | 48 |
| Tabela 2 - Definição das subcategorias .....                  | 49 |
| Tabela 3 - Categorias e autores identificados na revisão..... | 80 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO .....   | 13 |
| 1.1. JUSTIFICATIVA .....  | 15 |
| 1.2. OBJETIVOS .....  | 17 |
| OBJETIVO GERAL .....  | 17 |
| OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....   | 17 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....  | 18 |
| 2.1. MULTICULTURALISMO .....  | 18 |
| 2.1.1. Multiculturalismo na escola.....   | 21 |
| 2.2. EDUCAÇÃO INTERCULTURAL .....   | 22 |
| 2.2.1. A Educação Intercultural na legislação e o currículo escolar.....                | 25 |
| 2.3. EDUCAÇÃO FÍSICA INTERCULTURAL .....  | 26 |
| 2.3.1. A BNCC e a Educação Física Intercultural no Ensino Fundamental .....             | 27 |
| 2.4. PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA INTERCULTURAL .....                          | 30 |
| 2.5. A MATRIZ AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR.....  | 30 |
| 2.5.1. Presença da matriz africana no currículo da Educação Física.....                 | 32 |
| 3. METODOLOGIA .....  | 35 |
| 3.1. DESENHO METODOLÓGICO.....  | 36 |
| 3.1.1. Instrumentos de coleta de dados .....  | 36 |
| 3.2. UNIVERSO (SUJEITOS PARTICIPANTES).....   | 41 |
| 3.3. DELINEAMENTO DE PESQUISA .....   | 42 |
| 3.4. SUBMISSÃO AO COMITÊ DE ÉTICA .....   | 43 |
| 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS QUALITATIVOS: ENTREVISTAS E REVISÃO DE ESCOPO ..... | 44 |
| 4.1. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....                                       | 44 |
| 4.1.1. Transcrição .....  | 45 |
| 4.1.2. Sistematização .....   | 45 |
| 4.1.3. Codificação .....  | 46 |
| 4.1.4. Categorização .....  | 46 |
| 4.1.5. Síntese.....   | 47 |
| 4.2. RESULTADOS DAS ENTREVISTAS.....  | 52 |
| 4.2.1. Análise e interpretação segundo as categorias e subcategorias .....              | 52 |
| 4.3. UM OLHAR A PARTIR DAS PRODUÇÕES E LITERATURA (APORTE DA REVISÃO DE ESCOPO) .....   | 77 |
| 4.3.1. Análise Temática .....   | 79 |

|        |  |     |
|--------|--|-----|
| 4.3.2. | Prática docente a partir da perspectiva da Lei 10.639/03 .....                             | 80  |
| 4.3.3. | Análises curriculares e dos conteúdos a partir da perspectiva da Lei 10.639/0381 .....     |     |
| 4.3.4. | Propostas didático-metodológicas de currículo para uma Educação Física Intercultural ..... | 82  |
| 4.4.   | ACHADOS DA REVISÃO DE ESCOPO .....   | 84  |
| 5.     | CONCLUSÕES.....  | 86  |
| 6.     | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 88  |
|        | REFERÊNCIAS .....  | 91  |
|        | APENDICE A. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....                               | 101 |
|        | APENDICE B. CARTA DE ANUENCIA .....  | 104 |
|        | APENDICE C. ROTEIRO DE ENTREVISTAS .....   | 105 |

## 1 INTRODUÇÃO

O contexto escolar, ao menos nos últimos 30 anos, tem sua diversidade cultural reconhecida e mesmo afirmada no apelo e luta por uma educação intercultural. No entanto, encontra-se ainda diante do desafio de reconstruir suas práticas e comunidades educativas em cenários de intercâmbio comunicativo positivo, de forma que favoreça o reconhecimento e respeito das diferenças que habitam a instituição escolar.

A Educação Física, assim como as demais áreas da educação, exige que o professor atue em meio a uma diversidade de identidades e grupos socioculturais e, por conta disso, faz-se necessário compreender como o professor de Educação Física trata as diferenças culturais no seu ofício. Já existe o consenso no campo acadêmico e profissional, como destaca Candau, (2020), de que as diferenças não deveriam ser vistas como um problema, mas sim como uma riqueza, de modo que se torna necessário articulá-las à igualdade e refutar qualquer processo que as promova à condição de desigualdade.

A diversidade cultural também não deve ser confinada a eventos esporádicos (como celebrações folclóricas) destituídos de significado e, portanto, sem potência para penetrar no cotidiano escolar (SANTIAGO, AKKARI, & MARQUES, 2013). É necessário fomentar processos sistemáticos de diálogo entre diferentes grupos socioculturais que, como afirma Candau (2016) favoreçam o reconhecimento mútuo das diferenças com a finalidade de promover justiça moral, cognitiva e judicial para todos os sujeitos da sociedade, concretizado, assim, uma Educação Intercultural.

Nesse contexto, o verdadeiro desafio da interculturalidade na Educação Física é viver a diferença e igualdade, valorizando-as, reconhecendo e potencializando a própria cultura para, posteriormente, propor uma estratégia metodológica com base no reconhecimento de que a cultura corporal é multicultural.

É importante diferenciar a multiculturalidade da interculturalidade. A primeira refere-se ao fato de que, em determinado espaço social, é possível haver culturas diferentes. Isso, contudo, não é garantia de reconhecimento, do ponto de vista escolar, dessas diferenças no currículo, mas somente uma constatação da realidade. Alguns podem compreendê-la como positiva e ver nisso uma riqueza da sociedade, outros podem buscar o caminho contrário.

E por outro lado a interculturalidade é abordada como uma ação pedagógica de intervenção à construção da corporeidade e motricidade dos sujeitos como contribuição a sua formação integral, contextualizada em relação ao ambiente e a sociedade. Nesse sentido a

Educação Física Intercultural é interpretada como um elemento gerador e solucionador de conflitos facilitando o vínculo com a comunidade, pois é fundamental para a integração cultural.

A partir do conceito de multiculturalismo, reconhece-se que a escola brasileira é caracterizada por uma diversidade, o que gera a necessidade de implementar currículos que deem resposta a esta diversidade por meio de uma pedagogia que se afirme a partir do trabalho com essa diferença, da busca cotidiana pelo diálogo em todos os âmbitos da escola.

Neste trabalho, a visão de multiculturalismo compreende mais que a afirmação das diferenças culturais e a luta pelo empoderamento daqueles grupos que têm tido suas vozes silenciadas. Ele é também um compromisso com o diálogo em meio à diversidade cultural e o compromisso com a construção de uma sociedade intercultural, pois

o multiculturalismo propugna a convivência num mesmo espaço social de culturas diferentes sob o princípio da tolerância e do respeito à diferença, a interculturalidade, ao pressupor como inevitável a interação entre essas culturas, propõe um projeto político que permita estabelecer um diálogo entre elas, como forma de garantir uma real convivência pacífica (LOPES, 2011, p.1213)

Este projeto promove uma reflexão sobre as questões concernentes ao fato de o Brasil ser uma sociedade multicultural, colocando na cena escolar a dinâmica de intercâmbios culturais. Por essa razão, o fenômeno do multiculturalismo será abordado através do conceito de Educação Intercultural, tendo como eixo a Educação Física escolar; dentro desse componente curricular serão sistematizadas as possíveis ferramentas que podem contribuir na construção da identidade cultural dos estudantes, a partir do estudo das raízes étnico-raciais das práticas corporais. A Educação Física escolar, se amparada pelo construto da Educação Intercultural, pode fazer uso da riqueza da diferença e das relações multiculturais dentro da escola para promover uma Educação Física Intercultural.

Portanto, esta dissertação parte do pressuposto de que somos uma sociedade multicultural e busca identificar a presença de uma Educação Intercultural nas aulas de Educação Física, mais particularmente, a presença da dimensão étnico-racial afrodescendente nas propostas educativas e na prática cotidiana de professores de Educação Física escolar.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

O fenômeno da diversidade cultural, cada vez mais presente, abre a possibilidade de gerar processos formativos que convertam uma situação, muitas vezes de conflito e exclusão, em uma potência de crescimento, afinidade social e aprendizado acadêmico. Aprender com a diversidade pode promover a equidade entre diferentes e, com isso, deslegitimar quaisquer atos discriminatórios e preconceituosos. Com mediação de uma equipe docente cuidadosa e apoio dos demais profissionais de educação, pode-se criar um espaço acadêmico rico em diversidade e diálogo, capaz de proporcionar aos alunos acolhimento a sua identidade cultural a partir da presença de práticas culturais próprias; ajudando-os, assim, a se identificarem culturalmente com a escola, e garantindo a valorização da diversidade cultural como uma riqueza.

Cada contexto social apresenta à escola demandas próprias que poderão ser respondidas mediante uma postura consciente, coletiva e conjecturada por parte dos educadores. Para além da área da Educação Física em específico, é importante ressaltar que todos os educadores, independentemente do componente curricular, têm a obrigação de desenvolver social e culturalmente os seus alunos, considerando a condição multicultural da sociedade brasileira.

Nesse sentido, deve haver a exigência de ambientes de aprendizado que permitam a circulação permanente de saberes ancestrais, tradições e costumes das comunidades atendidas por uma determinada escola. O reconhecimento desses fatores como vetores de crescimento na estruturação do conhecimento pode contribuir eficazmente com a formação intercultural dos estudantes.

No caso de alunos negros e negras, a falta de conhecimento sobre suas origens, sobre os costumes (entre eles a prática corporal) de seus antepassados, sobre a representação cultural contemporânea e sobre a formação cultural de seus próprios grupos sociais são fatores que dificultam a construção de uma identidade. Da mesma forma, sem o reconhecimento do valor de diferentes culturas e da história de opressão de umas sobre as outras, é difícil para a maioria dos estudantes compreender o porquê de determinadas ações e julgamentos serem racistas.

O tratamento da interculturalidade pode gerar experiências na Educação Física que convertam a diversidade cultural em uma oportunidade de diálogo. Assim, a adoção de um enfoque intercultural pode contribuir para o desvelamento das temáticas que abordem a realidade cultural dos alunos e permitir o surgimento de uma dinâmica social em que a comunidade educativa se reconheça diversa e o saber do outro seja partícipe na formação e na identidade coletiva e pessoal.

Sob essa perspectiva, a Educação Física é um dos componentes curriculares que pode contribuir para fomentar a interculturalidade em meio à sociedade multicultural. Isso pode se

dar por meio de diversos enfoques metodológicos e por meio do próprio objeto de estudo da cultura corporal (jogos, lutas, dança, festas, música e outros), pois essas práticas são representativas de diversos povos e comunidades que compõem a identidade multicultural do país e estão associadas a processos educativos de tradição, resistência cultural e diálogo.

A obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira é estabelecida pela Lei 11.645 de 2008, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e incluiu a temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" no currículo oficial da rede de ensino. Ela torna necessário que o corpo docente esteja preparado para abordar os conteúdos propostos e, assim, construir o diálogo sobre relações étnico-raciais. Apesar da intenção do legislador de dar concretude a uma reivindicação bastante madura na sociedade brasileira, para além da implementação, ainda devem ser feitos grandes esforços para que o espírito da lei se torne de fato efetivo na educação escolar no Brasil.

É imperativo construir uma sociedade que seja democrática e igualitária, que respeite a individualidade e valorize o sujeito como integrante participativo de um grupo humano rico em valores, gostos, costumes e crenças; como consequência disso, espera-se a criação de uma escola intercultural que se fundamente na participação, integração, intercâmbio e reconhecimento do outro.

Em suma, a escolha da temática de estudo parte do fato de que uma educação intercultural é uma necessidade para a sociedade brasileira e para a América Latina como um todo, uma vez que o multiculturalismo é uma característica proeminente da sociedade na qual estamos imersos e, com isso, está presente também na escola. Partimos também do pressuposto de que o multiculturalismo deve ser compreendido em um contexto de respeito, tolerância e florescimento mútuo das culturas que caracterizam o "multi" do fenômeno, com a finalidade de afirmar e fomentar a interculturalidade no processo de escolarização.



## **1.2 OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL**

Analisar a Educação Física escolar brasileira sob a perspectiva da Educação Intercultural, com ênfase na matriz africana.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Identificar e analisar referências a uma Educação Intercultural (dialogicidade) sob a presença da matriz africana no componente Educação Física escolar.
- b) Identificar e analisar referências a uma Educação Intercultural com a matriz africana no componente da Educação Física.
- c) Identificar e analisar as referências e práticas cotidianas de Educação Intercultural com a matriz africana, realizadas por professores de Educação Física Escolar.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para abordar a presença da matriz africana no currículo de Educação Física em meio ao multiculturalismo, é necessária a apropriação de alguns conceitos que servem de base para a compreensão desse fenômeno.

Nesta dissertação, tratamos inicialmente do multiculturalismo seguido pelo multiculturalismo no contexto escolar; a seguir, aborda-se o tratamento e estudo deste fenômeno através da intervenção da Educação Intercultural; por fim, apresenta-se a temática da matriz africana e sua presença na prática curricular de quatro professores de Educação Física. A abordagem teórica da matriz africana, como referência da Educação Física escolar, abarca temas de tipo histórico, cultural, social, técnico e até político, que também são explanados.

### 2.1 MULTICULTURALISMO

Multiculturalismo refere-se à diversidade cultural que constitui grande parte dos Estados modernos. Uma sociedade multicultural, por sua vez, é aquela que abriga povos de origens culturais distintas em um mesmo território. Apesar de a convivência entre culturas diferentes não ser uma questão nova, a partir do século XX, alguns fatores contribuíram para o surgimento dessas sociedades multiculturais, conforme destaca Ferreira (2017):

As lutas pela independência ocorreram nas colônias europeias da segunda metade do século XX, especialmente na África e na Ásia. O cenário pós-colonial gerou um processo de resgate das culturas tradicionais locais e, ao mesmo tempo, pela ligação histórica, desencadeia um movimento migratório para os países colonizadores. Também os conflitos de ordem étnica, religiosa e política, além das deficiências econômicas, são fatores que aumentam o fluxo migratório. Incentivado por tudo isso e pelo próprio cenário criado pela globalização, esse movimento migratório transforma de modo profundo as nações que receberam os imigrantes, colocando em xeque a capacidade dos estados modernos de gerirem sua nova configuração multicultural. (FERREIRA, p. 72)

Assim, é consenso que vivemos num mundo globalizado que está em constante mudança e transformação, e essa globalização abarca características sociais, econômicas e culturais. O multiculturalismo surge, dessa forma, como uma consequência desse fenômeno, já que envolve convivência de diferentes tradições culturais num mesmo território. Mesmo que o conceito já seja debatido em alguns países que abraçam políticas multiculturais, só de modo recente o termo começou a ser incorporado nas pesquisas realizadas no Brasil, principalmente nas que abordam estudos culturais (PANSINI; NENEVÉ, 2008).

O Brasil deve ser considerado um país multicultural por agregar, antes mesmo de sua formação, os ocupantes originais da América do Sul e, após, os sucessivos estrangeiros que aqui chegaram ao longo dos últimos séculos (portugueses, africanos, italianos, japoneses etc.). Outro fator que contribui para essa classificação é o próprio desenvolvimento cultural dentro

das regiões do país, marcado por tradições regionais diversas. Com isso, o país se vê diante da necessidade, ética e política, de agir diante do desafio de estabelecer diálogo entre diferentes culturas.

O multiculturalismo pode significar, ainda, “variedade, diferença e multiplicidade entre diferentes objetos ou realidade” (ABRAMOWICZ, 2006, p.12), e faz parte da existência do ser humano. De acordo com Lima (2006), ele pode ser visto inclusive como um preceito da natureza/cultura humana:

Os seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Os seres humanos apresentam, ainda, diversidade biológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimentos de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas (as chamadas de portadoras de necessidades especiais). (LIMA, 2006, p. 17)

Dessa forma, precisa-se conhecer e acolher a diversidade como distintiva da natureza do ser humano, que deve compreender a própria diversidade como uma das condições que facilita o reconhecimento da diversidade do outro, como ente facilitador da construção de uma identidade social e cultural. Essa convivência em uma sociedade multicultural é abarcada por Stuart Hall na própria definição de multiculturalismo proposta pelo autor:

Multiculturalismo é um termo qualitativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais. (HALL, 2006, p. 50).

Assim, o conceito de multiculturalismo surge próximo ao de pluralidade, heterogeneidade e variedade e está, muitas vezes, atrelado à percepção de diferenças, como expressa a professora Vera Candau (2019, p. 51) : “onde existe diversidade, existem as diferenças, e nas diferenças está a riqueza”. No entanto, essa riqueza pode também não ser valorizada e cultivada, o que transforma a diferença em desigualdade. Nesse contexto, o multiculturalismo deve ser mobilizado a favor do reconhecimento mútuo das diferenças, articulando a diferença com a igualdade.

Desse modo, esse conceito surge como uma forma de enfrentamento e resolução do entendimento social (SALES; GARCIA, 1997). Segundo García Sánchez (2006), o multiculturalismo tenta combater as incompatibilidades e leva a entender e aceitar a presença do pluralismo cultural, o que, por sua vez, auxilia uma troca real de diálogos entre diferentes grupos culturais. Apesar de o multiculturalismo também poder existir como um fato social (em que as diferentes culturas coexistem, porém sem a convivência entre os sujeitos dessas

diferentes culturas), para o autor ele não pode se reduzir à coexistência de diversos grupos e comunidades de diferentes culturas, descendências e tradições em um mesmo espaço ou território, o diálogo intercultural é imprescindível. Sob essa perspectiva, Abelli e de Zubiria, (1998, p.47) afirmam que:

O multiculturalismo baseia-se no fato de as culturas não serem isoladas nem produzidas por geração espontânea. Pelo contrário, na sua ocorrência diária, tendem a abraçar espaços que os levam a entrar em diálogo e relações com outras culturas. E estas relações que são estabelecidas entre culturas é o que se chama interculturalidade.

Nesse sentido, o conceito de multiculturalismo é sempre dialógico e parte do encontro e aceitação de diferenças em certa comunidade. Por isso, ele coloca o aprendizado mútuo no centro dos processos de convivência nas comunidades, o que gera oportunidade de integração social, reconhecimento de identidade e intercâmbio contínuo da diversidade.

Há quem considera que o multiculturalismo está atrelado a certos acontecimentos das últimas décadas, entre eles as reivindicações sociopolíticas da década dos 60, isto é, a luta por direitos civis dos afro-americanos contra os abusos e discriminação social. Esse movimento fez com que a luta fosse estendida a outros países da Europa e América Latina, onde tais setores marginalizados e minoritários enfrentaram a ideologia de uma sociedade homogênea e monocultural que impedia a pluralidade cultural e social. (SALES; GARCIA, 1997)

Outro fator influente na origem sociopolítica do multiculturalismo é o sentido de pertença que tinham essas sociedades marginalizadas com respeito às suas raízes, ideologias, religião e demais fatores que fazem parte da cultura de cada grupo. A necessidade de passarem a ter seus rasgos culturais reconhecidos teve como decorrência um movimento de resgate de identidades outrora silenciadas pela ideologia monocultural.

O fenômeno migratório é um outro fato que gerou o multiculturalismo. A busca, por parte de determinados grupos, por melhores condições de vida, segurança, refúgio, entre outros fatores, gerou a interação entre diferentes grupos culturais, como é o caso do Brasil. O país tem políticas de acolhimento a imigrantes, em certa medida devido a alguns mecanismos de violência presentes no colonialismo e às sequelas da escravidão, e isso torna a sociedade brasileira extremamente multicultural, o que pode ser evidenciado no dia a dia, nas grandes cidades do país e, conseqüentemente, nas suas escolas.

Segundo Walsh (2004), o multiculturalismo é um processo de reconstrução social que exige que as relações interétnicas e interculturais estejam sempre em movimento, em meio ao surgimento de novas diferenças e novas desigualdades. Desse modo, construir diariamente um ideal distinto da sociedade permite criar e pensar condições para desenvolver um poder social

diferente, que consiga gerar novas oportunidades para todos, primando pela igualdade. Esse processo de reconstrução também sinaliza para um movimento, ainda necessário nos países do sul-sul, de descolonização.

O multiculturalismo, portanto, tem sido responsável pela construção do seu próprio pensamento e conhecimento, desafiando sistemicamente o conhecimento hegemônico. No entanto, isso vai além de um simples conceito de inter-relação, uma vez que promove continuamente processos de construção e de conhecimento, e gera diferentes formas de pensar e agir em relação à modernidade e à colonialidade. Ao se desligar da prática do poder e do paradigma da diferença como forma de exercer o poder, desviando-se das normas dominantes que questionam e discriminam as origens e, ao mesmo tempo, desafiando-as radicalmente, abre-se assim a possibilidade de descolonização. (SALAZAR, 2013)

### **2.1.1 Multiculturalismo na escola**

Para muitos, a escola é o primeiro espaço de socialização dos sujeitos. Neste cenário, a escola transmite os valores da sociedade, é importante para que o indivíduo se reconheça e seja reconhecido como integrante de uma cultura. Segundo Althusser (2005), a escola pode reproduzir as estruturas do sistema em que está imersa e, por conta disso, os alunos aprendem mais do que ler e escrever, aprendem também elementos da cultura que resultam úteis para diferentes pontos de produção. Assim, seria de grande importância que o cenário escolar se convertesse em um campo de incubação e preparação de ideias emergentes que possibilitem permear a cultura dominante em prol da transformação, na direção de uma sociedade justa e democrática que retome as ideologias, crenças, imaginários e representações silenciadas.

O multiculturalismo, pedagogicamente, tem sido estudado a partir de diversas abordagens ao longo da história. Existem estudos, por exemplo, que têm sido feitos com a finalidade de fornecer um modelo educativo que deveria operar sobre as necessidades particulares de cada grupo sociocultural existente e sobre a sociedade na qual está imerso.

Para Jordan (1996 apud CANDAU, 2002, p.106), os docentes que abordam o conceito do multiculturalismo a partir de uma perspectiva humanista buscam fomentar o respeito e a tolerância ao “diferente”, ou seja, a pessoas pertencentes a outras culturas, respeitando as suas crenças, religiões, manifestações e tradições. Porém, para além desse objetivo fundamental, é necessário propiciar espaços de aprendizagem sobre as diferentes culturas, adquirir conhecimentos e reconhecer a pluralidade cultural que está presente na sociedade, em que hipoteticamente deveria existir a igualdade de direitos e oportunidades.

Muñoz (1997) identifica um exemplo positivo de inclusão e multiculturalismo na escola em uma diretoria da União Europeia exposta no 24 de maio (1988), em que foram adotadas

algumas medidas como estratégias metodológicas, entre elas: promover a revisão de programas escolares, assim como a troca de conhecimentos e perspectivas de professores com os alunos; trabalhar com a formação da classe docente através de novos cursos que ampliem os conhecimentos e estratégias para o domínio e intervenção do fenômeno do multiculturalismo na escola; trabalhar não somente com escolas e faculdades, mas também com agências de governo para prover orientações a respeito.

Um modelo educativo que enxerga o multiculturalismo como um fenômeno positivo favorece a convivência pacífica, o relacionamento entre indivíduos sem que direitos sejam violentados e espaços sejam transgredidos e o reconhecimento de que a sociedade atual é formada por múltiplas culturas. No entanto, o fato de que existem características distintas entre as culturas não garante por si só que a multiculturalidade seja uma riqueza para a comunidade. Precisa-se entender que uma sociedade não é multicultural unicamente pela presença de diferentes descendências, manifestações e tradições, mas pela capacidade de estabelecer relações democráticas entre essas diferenças e, assim, vivê-las como uma riqueza social.

Nesse contexto, a implementação de currículos que considerem a multiculturalidade permite a interação entre estudantes e a integração das diferentes culturas presentes no âmbito escolar, tendo em vista que a percepção e reconhecimento dessa diversidade vai afetar a forma como o saber do aluno é legitimado e construído. Por isso, a escola deve estar atenta aos preconceitos e discriminações e à forma como os atores escolares se percebem culturalmente.

Dessa maneira, a organização escolar deve estar comprometida com a presença de diversas culturas, visando a integração de todos os sujeitos no mesmo âmbito escolar. O ideal não seria o tratamento isolado das diferenças culturais, pois isso seria uma forma de segregação e poderia fazer com que se acentuassem as desigualdades, em vez de promover a diversidade e o processo de uma identidade cultural (HOUSSAYE, 2000).

## 2.2 EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Atualmente, nossa sociedade é cada vez mais diversa culturalmente e isso é algo que se faz notório também nas salas de aula. Na busca pelo reconhecimento da diversidade social e cultural, têm sido desenvolvidos alguns processos com a finalidade de superar o construto de uma cultura homogênea, por meio da integração das diferentes culturas presentes no âmbito escolar. A educação escolar pode contribuir para a disseminação de uma postura de tolerância e aceitação, ou seja, de um comportamento social ativo e positivo perante o multiculturalismo.

Nessa perspectiva, a Educação Intercultural visa otimizar a convivência das diferentes culturas presentes no ambiente escolar. De uma maneira geral, o conceito se refere a uma educação que abarca a totalidade das diferenças, que prima aprender a conviver numa sociedade multicultural; isso não envolve somente reconhecer a existência de culturas diferentes, mas também respeitar e fortalecer o processo de aprendizagem intersujeitos (interculturais) dentro e fora da instituição escolar. Segundo Candau (2009, p.165), a Educação Intercultural:

Não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc.

Quando há presença de grupos culturais e étnicos claramente diferenciados, deve-se reconhecer a necessidade de uma educação que atenda tais diferenças. Cruz Oliveira e Daolio (2011) entendem a Educação Intercultural como uma oportunidade para superar as desigualdades e preconceitos presentes na escola, pois é um processo de ensino-aprendizagem que tem como fundamento o reconhecimento, tolerância e respeito pela existência de culturas diversas em um mesmo ambiente.

Desse modo, vista como uma forma de intervenção sobre o multiculturalismo de forma que a diferença seja vivida como riqueza e gere desenvolvimento humano, a Educação Intercultural é uma proposta que procura favorecer dinâmicas com o objetivo inclusivo nos processos de ensino-aprendizagem, socialização e convivência no ambiente escolar. Tal proposta auxilia o desenvolvimento de capacidades e atitudes para uma participação ativa na construção de uma sociedade multicultural e igualitária.

A educação, sob a perspectiva de um processo pessoal, é gerada internamente no sujeito, e visa desenvolver capacidades e atitudes em cada indivíduo para que viva em sociedade, assumindo a responsabilidade por sua continuidade e renovação. Dessa forma, espera-se que os sujeitos apreendam os diferentes códigos culturais existentes e assim sejam capazes de respeitar, tolerar e desfrutar das diferenças sociais e individuais de forma autônoma. Nesse cenário, segundo Aguado, Gil e Mata (2005), a educação intercultural

[...]propõe uma prática educativa que coloca as diferenças culturais de indivíduos e grupos como foco de reflexão e investigação educativa, propõe responder à diversidade cultural das sociedades democráticas a partir de premissas que respeitam e valorizam o pluralismo cultural, a riqueza e o recurso educativo. A interculturalidade pode ser considerada como uma dimensão em que cada uma das propostas formuladas para responder à diversidade de grupos e pessoas se situa. (AGUADO; GIL; MATA 2005, p.278)

Assim, ela apresenta uma metodologia mais específica, mais dialógica, mais horizontal e menos monológica com respeito à seleção e transmissão dos saberes na escola. Essa perspectiva possui, ainda, implicações para o projeto político social e pedagógico escolar, pois pensar e atuar nas escolas do século XXI, em que a população é cada vez mais diversa, implica maior diversidade dos saberes no currículo e nas aulas e, por conseguinte, novas formas de selecionar, ensinar e transmitir esses saberes. Como afirma Candau (2008, p.2), a Educação Intercultural “aparece como uma perspectiva alternativa e contra hegemônica de construção social, política e educacional, sendo complexa por estar atravessada por desafios e tensões, tornando necessária a problematização das diferentes práticas sociais e educativas”

No entanto, paradoxalmente, a pedagogia, como ciência da educação, é um campo social que tem apresentado também resistência à diversidade, porque tem originalmente a tendência de gerar padrões de saberes e competências homogêneos. Tal fato remonta à Idade Média, quando o papel fundamental do professor era formar cidadãos segundo um modelo único. Na época, um cidadão modelo era aquele europeu e civilizado, e isso carrega o estigma de que o heterogêneo é “chato” ou “pesado”. (DIETZ, 2019).

A diversidade, entretanto, não deve ser tratada como problema ou elemento segregador, mas como um recurso formador, político e social e, o mais importante, inclusivo. É necessário que haja consciência sobre a existência da diversidade e que se modifique o olhar enviesado sobre o fenômeno. A diversidade deve ser enxergada como uma fortuna e oportunidade, como indica a professora Vera Candau (2009): Na diversidade não está o problema, na diversidade está a riqueza, o verdadeiro problema está na desigualdade.

Sob essa perspectiva, as diferenças formam parte integral de relações interpessoais e de processos pedagógicos e metodológicos no âmbito escolar. Deve-se, portanto, criar estratégias coletivas e grupais, recursos e ações pedagógicas que permitam o intercâmbio cultural e social entre os diferentes grupos e sujeitos. Ao priorizar o respeito, a tolerância e a valorização das diversidades culturais presente, tem-se como objetivo fomentar uma sociedade pluralista e democrática, que articule políticas de inclusão, de igualdade e de identidade. (FLEURI. apud. CANDAU, 2002).

Assim, as diferenças culturais e étnicas devem ser identificadas, contextualizadas e tratadas como relações sociais; é preciso evitar colocar a diferença como um problema, e tentar definir os grupos e pessoas em termos do que representam e possuem, priorizando abordagens, por exemplo, de sua história e de seu patrimônio cultural. A partir do processo pedagógico deve-se gerar as condições para dar um tratamento ao multiculturalismo.



### 2.2.1 A Educação Intercultural na legislação e o currículo escolar

Neste trabalho, parte-se da premissa de que a Educação Intercultural é fundamental para que se atinja uma educação de qualidade para todos. A partir disso, este tópico aborda, de forma breve e sucinta, a Educação Intercultural de diferentes perspectivas, a partir de políticas tanto internacionais, como nacionais e locais.

Inicialmente, destacamos que a Educação Intercultural se fundamenta na Declaração dos Direitos Humanos, conforme a qual

A educação dever ter por objeto o desenvolvimento pleno da personalidade humana e fortalecimento do respeito aos direitos humanos e as liberdades fundamentais, favorecerá a compreensão, tolerância e amizade entre todas as nações e todos os grupos étnicos ou religiosos, e promovendo o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948)

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (1945), indica que a Educação Intercultural não deve se limitar ao programa de educação tradicional, mas deve enxergar e abordar o entorno pedagógico como um todo. Assim, deve atuar junto às outras dimensões dos processos educativos, subordinadas ao documento “Educação para o século XXI”, delineado por meio dos quatro pilares do: Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender ser.

No Brasil, a aprovação da Lei 10.639/2003 explicita um compromisso com a Educação Intercultural por meio da obrigatoriedade de abordar a história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos nacionais.

Em 2004, o Parecer CNE/CP 003/04 (Brasil, 2004) estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação das Relações Étnico-raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, tornando obrigatório o ensino desses temas pelos sistemas de ensino, o que Verrangia & Gonçalves (2013, p. 713) chama de dever assumido: “fazer justiça à história e cultura provenientes do continente africano, em contínuo desenvolvimento e transformação na diáspora negra”. Isso se fundamenta na dívida histórica que se tem com o povo afrodescendente como povo escravizado, considerando também que existem sociedades que ainda guardam sequelas desse fato histórico considerado hoje um crime de lesa-humanidade.

Nesse contexto, a Lei 10.639/03 e o Parecer CNE/CP 003/2004 introduziram à prática educativa do Brasil um desafio, que foi o de “reeducar as relações étnico-raciais vividas na sociedade, desigual e racialmente injusta” (PAIXÃO, 2003, p.81).

Ao analisar a legislação educacional vigente, percebe-se que essa reeducação procura o vínculo de suposições gerais que orientem os componentes curriculares perante o contexto de formação cidadã. Tal lei, em teoria, não propõe um contexto muito novo à educação, porém, torna-a mais ativa, aberta, prática e objetiva em relação à legislação de anos anteriores a 2003; passa a haver, assim, referência à formação de cidadãos críticos e ativos, capazes de reconhecer o multiculturalismo como patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos ou comunidades, rejeitando qualquer manifestação de discriminação baseada em diferenças culturais, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998).

Portanto, do ponto de vista da legislação brasileira atual, valorizar a história e cultura afro-brasileira é a base da formação para a cidadania. Essa formação, necessariamente multicultural, além de combater o racismo e suas manifestações, implica um desafio mais profundo: educar relações étnico-raciais. Ela contribui, ainda, para que os sujeitos construam uma identidade cultural e étnico-racial positiva, o que favorece o respeito com o “diferente”, propiciando um espaço de equidade de oportunidades e direitos democráticos. (BRASIL, 2004).

### 2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA INTERCULTURAL

A Educação Física é um dos componentes curriculares com um grande potencial para introduzir aspectos que contribuam na integração das diferentes culturas presentes no ambiente escolar. Nesta perspectiva, a Educação Física intercultural propõe mais do que dar sentido e significado aos saberes tradicionais como insumo para a construção do conhecimento coletivo a partir das experiências e vivências dos integrantes da comunidade (MOSQUERA, 2017).

A Educação Física Intercultural é um modo de educar que procura restituir, através das situações motoras e manifestações corporais, os valores e as constantes sociais e culturais das pessoas e dos costumes do lugar onde se realiza essa educação. Ao evidenciar símbolos sociais e constantes de um contexto sociocultural, permite-se que seus protagonistas internalizem valores socializantes.

Dessa forma, as aulas de Educação Física, sob a perspectiva do multiculturalismo (Educação Física Intercultural), convertem-se numa ferramenta pedagógica e metodológica que auxilia na busca pela construção da identidade cultural dos alunos e até do corpo docente, abordando aspectos diversos como a linguagem, sistema de valores e crenças, tradições, ritos, costumes e diferentes comportamentos implicados nas práticas corporais. Estas podem ser

vistas como atividades sociais materializadas em ações corporais, verdadeira obra de construção coletiva associada a saberes, histórias e memórias dos povos, por sua vez em constante desenvolvimento e mudança.

Logo, a Educação Física Intercultural visa promover, através das práticas corporais, os valores e as constantes sociais e culturais e os costumes do lugar e das pessoas, que constituem as diversas identidades que habitam a escola.

### **2.3.1 A BNCC e a Educação Física Intercultural no Ensino Fundamental**

É preciso lembrar que, na organização das disciplinas da Base Nacional Comum Curricular, Educação Física está no conjunto de linguagens, juntamente com Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Artes. Sendo assim, fica clara a opção dos consultores do documento de reafirmar (essa posição já tinha sido proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais) o caráter expressivo da Educação Física no desenvolvimento dos alunos.

Visto que a disciplina de Educação Física não está presente no Ensino Infantil, neste trabalho, a análise será feita apenas nas referências do Ensino Fundamental. É importante destacar que, apesar da disciplina estar ausente na Educação Infantil, a área de conhecimento da Educação Física está em atuação através das diversas práticas corporais estimuladas durante os primeiros anos de escola.

Ao se focar, portanto, na Educação Física como componente curricular de Ensino Fundamental, observa-se, na BNCC o subcapítulo “Educação Física”, área descrita da seguinte forma:

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (BRASIL, 2019, p. 213).

Além de ressaltar a importância da Educação Física como meio de expressão corporal, a BNCC indica a contextualização cultural do corpo e, por conseguinte, de seu movimento. Não há corpo sem história, sem cultura. Assim sendo, o estudo da disciplina deve levar tal contextualização em conta no decorrer das aulas.

As competências específicas do campo de Linguagens são sete. O documento revela, na quinta competência, uma especificidade em relação à Educação Física e, logo, é a ela que nos atemos inicialmente: “Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e

identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade” (BRASIL, 2018, p. 495). A essa competência estão associadas três habilidades, sendo que a primeira (EF12EF01) revela mais especificamente um cuidado com a interculturalidade. Ainda que a primeira e a terceira abordem as diferenças e sociabilidade, a mais interessante para nossa discussão é a segunda habilidade: “Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos” (BRASIL, 2019, p. 495).

A segunda habilidade, desse modo, ultrapassada a valorização e propõe uma análise de relações de poder. Mais do que isso, a partir da crítica explicitada, propões uma diretriz objetiva para se posicionar contra a desigualdade racial, por exemplo. Assim, é esperado que o aluno apreenda os processos formadores da nação, como as diferentes culturas africanas influenciaram nossas práticas corporais, como essa relação é permeada por preconceito, ideologias relacionadas a essas opressões, entre outros assuntos mais complexos do que os abordados com os mais jovens.

O documento ainda estabelece três “elementos fundamentais comuns às práticas corporais” (BRASIL, 2019, p. 213), sendo eles movimento corporal, organização interna e produto cultural. Em seguida, define seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos; esportes; ginásticas; danças; lutas; e práticas corporais de aventura. A partir do trabalho nessas unidades temáticas, surgem oito dimensões de conhecimento a serem trabalhadas pela disciplina: experimentação; uso e apropriação; fruição; reflexão sobre a ação; construção de valores; análise; compreensão; e protagonismo comunitário.

Não cabe, neste momento, entrar em detalhes sobre cada unidade temática ou cada dimensão do conhecimento. Porém, fica evidente que a BNCC prevê muito mais do que exercícios físicos e prática de esportes. Há a preocupação em se utilizar da disciplina para refletir sobre a cultura, o papel social do aluno e a história da prática realizada. E são esses elementos que remetem a uma Educação Física Intercultural, um dos focos de análise deste trabalho (primeiro objetivo específico).

Na sequência, são apresentadas as dez competências específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental. Dentre as mais relevantes para a nossa discussão, vale destacar a primeira: “Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual” (BRASIL, 2019, p. 223). Ela evidencia a necessidade de conhecer a origem de determinados movimentos e sua relação cultural com a comunidade em que são produzidos. Utilizando o exemplo da capoeira, seria como não apenas reproduzir os movimentos, mas também tratar sobre sua história, sua relação com a época da escravidão,

com as décadas seguintes à abolição, quando era proibida, o porquê de sua criminalização, entre outros fatores socioculturais.

Ao mesmo cenário podem ser aplicadas as competências seis e sete, “Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam” e “Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos”, respectivamente. (BRASIL,2019)

A quinta competência destaca uma preocupação especial com esse tipo de caso: “Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes”. (BRASIL,2019)

Cabe ao educador trazer essas problematizações e promover o debate sobre esse tipo de questão, levando conhecimentos históricos, legais e culturais sobre as diferentes práticas.

Embora o documento da BNCC preveja uma flexibilidade quanto aos conteúdos trabalhados, existe uma tabela de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas de acordo com os anos do Ensino Fundamental. Assim, apesar da flexibilidade, o documento estabelece que as habilidades descritas são o que caracteriza o aspecto comum da base, ou seja, devem ser desenvolvidas em qualquer escola brasileira.

Vale destacar, também, os objetos relacionados às questões da população negra. Os anos iniciais do Ensino Fundamental são divididos em dois grupos, 1º e 2º; 3º ao 5º ano. O primeiro grupo não possui nenhum objeto específico em relação à negritude. Já o segundo grupo possui três: brincadeiras e jogos de matriz indígena e africana; danças de matriz indígena e africana; e lutas de matriz indígena e africana.

A cada objeto de conhecimento estão associados alguns objetivos, chamados de habilidades. Cabe, então, ressaltar as características em comum e que dialogam com nossa discussão. A valorização do patrimônio histórico-cultural se repete em várias delas, assim como a ideia de fruir esses conhecimentos.

Destaca-se, ainda em relação aos anos iniciais, a habilidade (EF35EF12): “Identificar situações de injustiça e preconceito geradas e/ou presentes no contexto das danças e demais práticas corporais e discutir alternativas para superá-las” (BRASIL,2019), relacionada a danças de matriz indígena e africana. Nesse caso, além do conteúdo da matriz africana e indígena, que deve ser estudada, faz-se necessário construir diálogos que promovam encontros entre as diversas culturas atendidas na escola, superando qualquer forma de deslegitimação e preconceito cultural.

Sobre os anos finais do Ensino Fundamental, não é explícito o trabalho com conteúdo de matriz africana. Contudo, alguns pontos podem ser considerados. Um dos objetos, por exemplo, é “Lutas do Brasil”. Assim, por maior valor que a escola ou o educador dê a alguma outra prática, como o Jiu Jitsu, seria incoerente com a história do Brasil não abordar a capoeira neste mesmo módulo, por exemplo.

Em síntese, vemos que o desenvolvimento da disciplina em questão no Ensino Fundamental passa por uma contextualização sociocultural das práticas corporais, além do desenvolvimento dos movimentos por parte dos alunos a fim de se expressarem corporalmente.

#### 2.4 PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA INTERCULTURAL

Os professores de Educação Física devem ter a capacidade e o protagonismo de se apresentar como mediadores culturais para a comunidade escolar, além de serem uma referência cultural. Tudo isso converte o professor dessa área em um profissional que tem a urgente necessidade de atualização em relação às realidades sociais, evidenciando seu papel social de formação e construção de conhecimento dos fatos produzidos no campo da educação e cultura.

O principal objetivo de todo profissional da educação deve se centrar no âmbito formativo, social e cultural, independentemente da especialidade, uma vez que todos os professores são atores de uma Educação Intercultural. Nessa direção, a formação continuada do profissional da Educação Física deve dar resposta a uma perspectiva crítica que favorece a condição humana, dando ênfase a princípios como conhecimento pertinente, aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer, o poder da comunicação assertivamente e compreender e reconhecer a diversidade humana como segmento de riqueza sociocultural (SILVA<sup>1</sup>, 1996 apud MOSQUERA, 2017).

#### 2.5 A MATRIZ AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR

A inclusão de conteúdos da matriz africana na escola como um todo visa ensinar sobre a diversidade cultural e, favorecer o diálogo constante entre diferentes culturas e, sobretudo, da valorizar culturas subjugadas ao longo de séculos.

---

<sup>1</sup> Silva, T. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política.** Petrópolis: Vozes, 1996.

Nas palavras de Artunduaga (1997, p.36) "cada grupo humano tem os mecanismos básicos para educar os seus membros no contexto da sua concepção do homem e da sociedade, e é por isso que a sociedade como um todo é educadora". Nesse contexto, Calvo & Garcia (2013) argumentam que os modelos educativos construídos para gerar a afirmação da diversidade cultural devem se tornar parte da esfera acadêmica e institucional, para deixar de ser apenas uma insígnia das lutas e da resistência das comunidades e de vários grupos étnicos.

Tradicionalmente, os conteúdos educativos e a produção de conhecimentos acadêmicos têm sido influenciados, em sua maioria, pelo paradigma eurocêntrico. Com isso, nota-se uma marginalização de conteúdos que têm possibilidades de contribuir para que as diferentes culturas se vejam contemplados no cotidiano escolar. De acordo com Canteiro a educação eurocêntrica pode ser

desmistificada com a inclusão da história afro-brasileira, africana nos currículos, não para criar um tipo de revanchismo, mas a história deve ser recontada com a presença de outros atores que a compuseram. O Brasil tem todos estes atores, então, é preciso que o estudo seja melhor distribuído. A Europa já é bem estudada. (CANTEIRO, 2017, p. 4)

Silvério (1999) afirma que é benéfica a inclusão desse conteúdo no currículo escolar, já que favorece o encontro das crianças com a sua própria história. Para a cultura negra, as questões ancestrais têm grande importância e, por isso, considera importante se relacionar historicamente com o conteúdo, a partir do conhecimento da corporeidade para se identificar culturalmente e favorecer o processo de desenvolvimento da identidade cultural. Com essa mudança da relação dos estudantes com o espaço escolar, os professores deverão se capacitar para tematizar conteúdos de matriz africana.

Dessa forma, a formação escolar deveria, segundo o conceito desenvolvido no âmbito da teoria das capacidades de Nussbaum, (2013), auxiliar no desenvolvimento de capacidades (liberdades), de forma que a compreensão dos fenômenos sociais e culturais permita aos alunos usufruir das manifestações da comunidade a que pertencem.

Por muitos anos, os materiais didáticos e conteúdos curriculares limitaram suas referências às pessoas negras como descendentes de uma população escravizada pelos colonizadores europeus, resumindo a história dos seus antepassados à história da escravidão. Para Ribeiro (2002, p.150), "o fato de associar o passado dos afrodescendentes à escravidão é, em parte, 'responsável' pelas representações e estereótipos negativos dos africanos do continente e da diáspora".

Nesse sentido, o conteúdo da matriz africana favorece a construção curricular a partir do enfoque sociocultural do multiculturalismo crítico, uma abordagem que questiona

permanentemente a cimentação dos saberes exclusivamente no conhecimento científico. Esse enfoque crítico gera a capacidade de contemplar o conhecimento a partir dos saberes emergentes, segundo os quais o saber popular ancestral é um insumo válido na estrutura do conhecimento e útil para a transformação social (MOSQUERA, 2017), pois a educação socializa através do conhecimento que é passado de geração em geração para a continuidade do seu saber e renovação.

Sob essa perspectiva, os conhecimentos transmitidos na escola usualmente são recriados e ganham um novo sentido, pois são o resultado de uma interação dinâmica entre o saber formal escolarizado e os outros saberes, ou seja, entre o que se aprende na escola e o que cada sujeito traz consigo para o espaço do saber escolar, favorecendo o processo contínuo e constante da aquisição de saberes.

O conteúdo da matriz africana, portanto, não pode ser menosprezado. Além de ser um direito de todo aluno conhecer as diferentes origens da formação da população brasileira, os professores de Educação Física são obrigados a reconhecer que, além de acatar bases estabelecidas pelas diretrizes oficiais, sua missão educacional perpassa a formação de pessoas para conviver numa sociedade multicultural, como é claramente a sociedade brasileira atual.

### **2.5.1 Presença da matriz africana no currículo da Educação Física**

A BNCC manifesta que, no novo cenário escolar global, é necessário que os sujeitos tenham a oportunidade e capacidade de reconhecer-se no seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, participar e serem abertos ao novo e saber conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. Nesse sentido, o parágrafo segundo da Lei 11.645/08 diz: "Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira deveriam ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras".

Com relação à presença dos conteúdos africanos no currículo de Educação Física, as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013) apontam que a história e a cultura dos povos africanos e descendentes e das relações étnico-raciais devem ser tratadas pelas escolas nos distintos níveis e modalidades de ensino. Devem ser um conteúdo das disciplinas, com maior ênfase nas que envolvem arte, literatura e história nas atividades curriculares, sendo assim trabalhados nas aulas e demais espaços escolares.

Nesse contexto, as práticas corporais da matriz africana devem ser consideradas um conteúdo curricular específico, já que abrangem diversos componentes que requerem tempo



para serem tratados. No entanto, a formação dos profissionais ainda é vaga no que tange à formação cultural, mesmo que a multiculturalidade sempre tenha existido no território latino-americano, especialmente brasileiro.

Para preparar os espaços e os professores de Educação Física, o currículo da área deve ter em consideração o protagonismo que têm o professor de Educação Física como agente social de mudança. Assim, a estrutura programática deve ser incentivada e as práticas corporais devem ser tematizadas, de forma a quebrar as dinâmicas hegemônicas.

Segundo Freire (1987), os cenários que servem como ambientes para a aprendizagem facilitam o conhecimento no campo social e cultural. Logo, a abordagem dos componentes da matriz africana na Educação Física deve abranger o estudo de práticas corporais em diferentes grupos, raças, povos, culturas com relação à estrutura sociocultural atual. Com isso, é possível demonstrar a organização social da corporeidade, tendo em consideração que as técnicas corporais são dependentes dos hábitos, da educação e da cultura geral.

O estudo desses conteúdos na Educação Física age como facilitador do reconhecimento de subjetividades e da valorização das identidades do ser humano como um integrante ativo de uma comunidade multicultural. Esse estudo facilita, ainda, a percepção dos sujeitos como agentes de crescimento e mudança social, o que possibilita uma construção corporal que fortaleça o conhecimento e as particularidades entre as diferentes sociedades.

Nesse sentido, Parlebas (1986) definiu que o estudo da motricidade em diferentes raças, povos, crenças, entre outros, como uma estrutura sociocultural nasce como resultado do esforço de definir e demonstrar uma estrutura social de nossa corporeidade. Além disso, o autor defende que as técnicas corporais são profundamente dependentes da educação, dos hábitos e, conseqüentemente, da cultura em geral.

Na abordagem dos conteúdos da matriz africana, deve-se distinguir dois tipos de variações culturais: a intercultural, que faz referência às singularidades e semelhanças motoras entre as sociedades; e a intracultural, que faz referência ao foco central de uma mesma comunidade. Por exemplo, as práticas lúdico-motrizas de uma mesma cultura diferenciam-se em função da situação geográfica, classes sociais etc.

Esses conteúdos podem ser abordados também em relação à natureza das práticas motoras e manifestações corporais, consideradas a partir da sua relação com a cultura e o meio social em que têm se desenvolvido.

A Educação Física, tendo em consideração os conteúdos curriculares e as estratégias metodológicas que são aplicadas, pode ser vista como uma área essencial no trabalho com a interculturalidade, fomentando valores como a solidariedade, cooperação, responsabilidade,

respeito, entre outros, que podem provocar uma melhora nas relações humanas dentro de um grupo e sociedade. Os jogos tradicionais, por exemplo, que já deveriam fazer parte do currículo, representam uma forma de se inserir o tratamento da identidade cultural, ou seja, a Educação Intercultural.

A presença da matriz africana, como referência da Educação Física Intercultural, visa incentivar e explorar a curiosidade de crianças e adolescentes em perceber não somente jogos, danças e diversas manifestações culturais, mas também, a partir da noção do contato relações, as relações étnico-raciais, o autoconhecimento e o respeito a determinados povos e sua respectiva cultura. Nessa perspectiva, a Educação Física Intercultural pode dar sentido à prática por meio da apresentação dos significados aos saberes tradicionais e pode fomentar a construção do conhecimento coletivo a partir das experiências e vivências dos integrantes da comunidade (MOSQUERA, 2017). Ela se torna, assim, uma ferramenta pedagógica e metodológica para despertar a consciência dos alunos (e também do corpo docente) sobre sua identidade cultural.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa sobre a abordagem de conteúdos da matriz africana na Educação Física escolar como geradora de espaços que fomentem uma Educação Física Intercultural (com intervenção do multiculturalismo) requer análises detalhadas referentes às perspectivas dos atores do processo de ensino-aprendizagem em respeito às inquietudes, dúvidas e obstáculos que podem aparecer durante o processo de planificação e aplicação deste conteúdo.

Nesse sentido, busca-se descrever e interpretar essas perspectivas com a finalidade de apresentar opiniões e recomendações para a implementação e a planificação desses conteúdos por meio de estratégias didático-metodológicas nas aulas de Educação Física. Para o desenvolvimento e justificação da presente pesquisa, o método investigativo abordado foi classificado como pesquisa qualitativa.

Empregar o método de pesquisa qualitativo permite obter uma fonte cheia de significados mediante falas, escritas e condutas observáveis dos indivíduos, que geram uma aproximação em relação à realidade percebida pelos sujeitos perante o fenômeno do multiculturalismo, para assim conseguir a interpretação da ação social com a finalidade de descobrir seu significado e poder transformá-lo (TAYLOR; BOGDAN, 1992). Este tipo de enfoque metodológico possibilita um tratamento mais eficaz das informações coletadas, com uma grande variedade de instrumentos para a coleta de dados.

Neste projeto, foram efetuadas entrevistas com professores e análise documental. As entrevistas permitem aprofundar o estudo do fenômeno social, considerando opiniões e experiências dos atores principais (no caso, os docentes) no processo formativo escolar e os contextos nos quais se encontram.

A complexidade do objeto da pesquisa demanda várias estratégias metodológicas para poder abordar o fenômeno estudado. A partir do enfoque qualitativo, indaga-se, por meio da coleta e análise de dados, sobre um sistema delimitado contemporâneo que acontece no dia a dia da comunidade educativa e social brasileira. Esta pesquisa busca atingir a plenitude de um contexto através da interpretação da heterogeneidade de uma situação determinada, situada em tempo e lugar, mediante uma imersão detalhada em determinado objetivo.

Em suma, este estudo requer uma abordagem de estratégias metodológicas que permita se aproximar mais do fenômeno estudado. Por ter caráter documental, os dados são coletados diretamente na realidade dos sujeitos da comunidade educativa envolvida por meio de

entrevistas, abordando o conteúdo e produções inclusos na revisão de alcance referente as temáticas estudadas.

### 3.1 DESENHO METODOLÓGICO

Em termos metodológicos, este projeto de pesquisa é baseado no *método interpretativo* quanto aos seus objetivos, o que permite descrever e elucidar uma realidade, no caso, a Educação Intercultural delimitada pela presença da matriz africana no currículo de Educação Física escolar. Visa, assim, caracterizar e analisar a disciplina de Educação Física sob a perspectiva intercultural, com ênfase na presença da matriz africana, através da percepção de docentes, expressa em suas falas e também em produções acadêmicas e científicas sobre o tema.

O enfoque de pesquisa no qual se baseia o presente trabalho é de tipo interpretativo, porque permite obter uma ideia geral do que interessa no propósito da investigação. A partir do nível interpretativo desta pesquisa, foram apontadas proposições existentes nas percepções dos participantes sobre o multiculturalismo e, principalmente, sobre a Educação Física Intercultural perante os conteúdos de matriz africana.

Esse tipo de estudo permite também avaliar diferentes dimensões e componentes da Educação Física Intercultural manifestas na prática pedagógica, oferecendo a possibilidade de analisar como se manifesta tal fenômeno numa determinada população e, ainda, de formular hipóteses para estudos futuros.

#### 3.1.1 Instrumentos de coleta de dados

A diversidade de instrumentos escolhidos, como roteiro de entrevista, pesquisa e análise documental e revisão de escopo, permitiram obter as informações que cimentaram a construção do conhecimento da Educação Intercultural no componente curricular da Educação Física como intervenção ao fenômeno do multiculturalismo, dando ênfase à presença da matriz africana como objeto de estudo.

Neste estudo, os instrumentos de coleta de dados adotados dividiram-se em entrevistas semiestruturadas, uma revisão de escopo e uma análise de documentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tratassem da matriz curricular escolar perante a Educação Física Intercultural, tendo como base o fenômeno do multiculturalismo abordado a partir de conteúdos da matriz africana.

A população investigada é constituída de professores da disciplina de Educação Física escolar da unidade acadêmica, escolhidos por conveniência por espelharem um compromisso com a inclusão e tratativa do fenômeno multicultural nas aulas.

Tais instrumentos e técnicas pretendem descobrir características da Educação Física Intercultural como intervenção ao fenômeno do multiculturalismo, com a finalidade de investigar as percepções dos sujeitos e analisar a realidade desse fenômeno na escola. O tratamento desses dados foi feito usando o programa de Microsoft Excel e Microsoft Word.

#### 3.1.1.1 Entrevista

A forma como os dados são recolhidos é uma parte muito importante no desenvolvimento de um trabalho de pesquisa, pois dela partem os achados e dependem a confiabilidade e eficácia da pesquisa. Por isso, opta-se por usar a entrevista como um dos métodos de recolha de dados, pois é o que melhor se adapta à investigação.

A principal finalidade da entrevista é ter acesso à perspectiva dos sujeitos, para assim compreender suas percepções e sentimentos, suas ações, experiências, motivações e conhecimentos. Tradicionalmente, na pesquisa qualitativa, a entrevista caracteriza-se como um processo comunicativo que se dá por um encontro entre sujeitos, previamente planejado e negociado.

Dessa forma, com a finalidade de atingir os objetivos da pesquisa serão realizadas entrevistas semiestruturadas que permitam registrar as percepções de docentes sobre a presença do multiculturalismo e da Educação Física Intercultural como forma de intervenção na sua prática docente.

Esse tipo de entrevista é usado como uma opção que permite observar e analisar o momento reflexivo no qual os autores principais do processo formativo (no caso, professores e professoras) externam suas percepções e intenções em relação ao fenômeno estudado. Com isso, o objetivo é se aproximar desse fenômeno não a partir de uma teoria ou hipótese inicial, mas sim através da coleta e análise sistemáticas dos dados empíricos.

#### 3.1.1.2 Revisão de escopo

Para auxiliar na resposta dos objetivos do presente estudo realiza-se uma revisão de escopo, uma metodologia exploratória baseada numa revisão de literatura que consiste em realizar um mapeamento sistemático de literatura existente sobre um determinado tema. É uma

síntese do conhecimento cujo objetivo principal é a análise da literatura acadêmica produzida em uma área específica.

Arksey e O'Malley (2005) propuseram a primeira estrutura para realizar uma revisão de escopo; ela possui cinco fases e propõe uma fase adicional que sugere uma consulta que permita ao pesquisador incluir fontes de informação adicional na revisão, complementares às encontradas nas bases de dados. Posterior a essa proposta, Levac, Colquhoun e O' Brien (2010) apresentam um esquema mais aprimorado e expõem detalhes mais explícitos sobre cada fase do processo da pesquisa desse caráter.

As revisões de escopo são úteis para examinar e identificar questões de pesquisa futuras mais específicas sobre um tema, explorar a amplitude da literatura, fazer uma primeira aproximação de um tema identificando os elementos essenciais e mostrando os aspectos que precisam ou podem ser investigados. De acordo com o exposto por Munn et al (2018), a revisão de escopo visa responder à ampla questão da pesquisa, propondo ferramentas idôneas que permitem determinar a abrangência da literatura sobre o tema abordado, obter uma descrição geral ou detalhada sobre ela e oferecer indicações claras sobre o volume.

Usa-se, portanto, a revisão de escopo para obter uma visão mais geral da temática de estudo, com a finalidade de analisar as reflexões, os resultados, os referenciais teóricos, as possíveis “lacunas de conhecimento” existentes e examinar como a pesquisa é dirigida em um campo determinado (ARKSEY; O´MALLEY, 2005).

#### *3.1.1.2.1 Procedimento*

No que diz respeito ao procedimento de realização da revisão de escopo deste estudo, foram seguidos os seguintes passos: com o título e a questão de pesquisa estabelecidos, foram definidos os critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos estudos, para posteriormente definir e selecionar os termos referentes ao objeto da pesquisa; após, foi realizada a implementação da estratégia de busca como tal, a extração dos dados e, por fim, foi feita a análise dos resultados (GANONG, 1987).

Foram incluídos, nesta revisão, estudos primários quantitativos ou qualitativos. Foram considerados, também, teses, dissertações e artigos escritos originalmente em língua portuguesa, publicados a partir do ano 2003, que corresponde ao ano em que a Lei 10.639 entrou em vigor; foram incluídas publicações em inglês, espanhol e português que abordassem estudos feitos e direcionados para a população brasileira e que contenham as seguintes palavras-chave:

“multiculturalismo”, “africanidade”, “matriz africana”, “cultura afro-brasileira”, “Lei 10.639/03”, utilizando o operador booleano “AND” no termo “Educação Física escolar”.

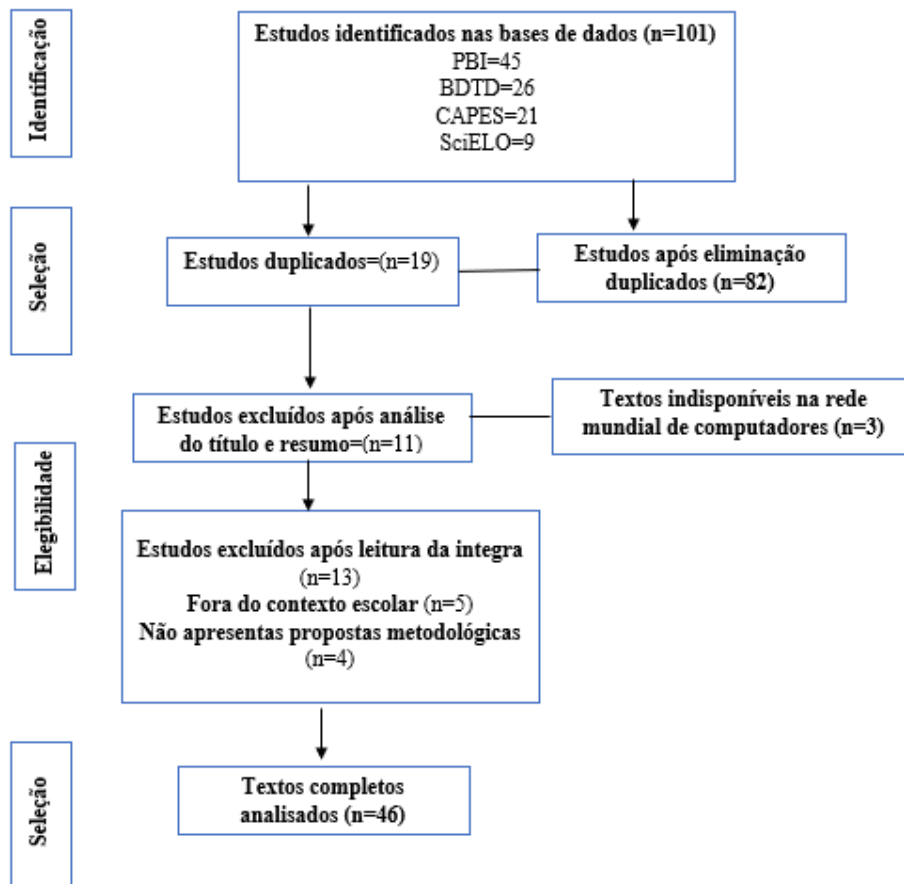
Para a busca dos dados, foram utilizadas as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (BTC), Portal de Busca Integrada (PBI) e SciELO.

É importante ressaltar que, na plataforma do Banco de Teses e dissertações da CAPES, não é disponibilizada a opção para realizar a busca avançada inserindo os termos com o operador booleano; com isso, foi necessário realizar a busca usando o mecanismo de escritura manual, ou seja, inserindo os termos incluindo a palavra “AND” e o outro termo.

A estratégia de busca definida, por sua vez, é representada na Figura 1. Inicialmente, foi identificado um total de 101 estudos, dos quais foram excluídos aqueles duplicados nas bases de dados. Numa primeira etapa, analisou-se os títulos e resumos dos estudos identificados com a finalidade de selecionar os que permitissem observar propostas ou sugestões para lidar com o fenômeno do multiculturalismo perante a matriz africana na Educação Física. Com base nisso, nessa etapa, foram excluídos os estudos que tinham como discussão central o multiculturalismo e as relações étnico-raciais, porém que não tinham relação com o componente curricular ou estavam fora do contexto escolar; foram excluídos também textos indisponíveis na rede mundial de computadores devido à falta de acesso.

Inicialmente, a partir da análise acima exposta dos títulos e resumos, foram selecionados 45 estudos. Após a leitura integral desses 45 estudos, foram excluídos aqueles que não abordavam o multiculturalismo na Educação Física num contexto escolar e estudos cujo objetivo não era a análise curricular e propor estratégias e propostas metodológicas para o tratamento do fenômeno do multiculturalismo. Após essa segunda triagem, foram escolhidos 23 estudos.

Figura 1 - Fluxograma de seleção dos estudos



Fonte: Adaptado de Fluxograma PRISMA, 2020

Na leitura integral dos estudos selecionados, foram analisados o ano da publicação, local (mais exatamente o estado), objetivos do estudo, metodologia empregada e os conteúdos que foram abordados.

Posteriormente à seleção dos estudos, empregou-se a análise temática como procedimento analítico qualitativo, procurando nos dados originados, por meio da análise dos títulos, resumos e da leitura na íntegra do estudo, padrões de significados que representam um possível interesse à pesquisa (MINAYO et. al, 2019)

### 3.1.1.3 Triangulação bibliográfica

A análise dos dados produzidos pelos diferentes processos e fontes descritos foi feita por meio de uma triangulação dos dados. O objetivo da triangulação é o de conhecer e aprofundar a realidade que está sendo pesquisada por meio de informações obtidas com a aplicação de diferentes instrumentos de coleta. Assim, nesta pesquisa, a triangulação foi feita a partir dos dados obtidos por meio das entrevistas com professores, dos dados que emergiram



da revisão de escopo e dos fundamentos bibliográficos, permitindo então realizar uma análise comparativa para poder expandir a visão do fenômeno estudado.

### **3.2 UNIVERSO (SUJEITOS PARTICIPANTES)**

Os procedimentos adotados permitem desvelar os fatos vivenciados e expressos pela amostra escolhida. Devido à impossibilidade de investigar a população como um todo, diante do cenário que passa a sociedade mundial, a amostra é delimitada.

Nesta pesquisa, participaram quatro professores formados em Licenciatura em Educação Física, que ministram aulas nos ciclos de Ensino Fundamental I e II e no Ensino Médio, no estado de São Paulo. Entre eles há duas mulheres e dois homens, entre uma faixa etária de 30 e 45 anos.

Os sujeitos foram escolhidos por conveniência teórica, incluindo assim professores que já abordaram os conteúdos da matriz africana nas escolas onde trabalham. Os participantes foram informados sobre o objetivo da pesquisa e autorizaram a participação na pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), assim como tiveram a participação autorizada através das cartas de anuência assinadas pelos responsáveis das instituições de ensino (Anexo 2).

O tamanho da amostra foi definido em função da disponibilidade dos professores. Uma vez que a amostra é de conveniência, não foi feita estratificação com relação a anos de experiência, gênero e raça, o que sabidamente acarreta limitações para o estudo.

Essas entrevistas foram agendadas e realizadas de acordo com a disponibilidade dos professores, no mês de abril de 2023, por meio da plataforma Google Meet. Os encontros foram gravados através da ferramenta da própria plataforma e depois transferidos para um armazenamento em nuvem. As entrevistas foram integralmente transcritas pela pesquisadora e as transcrições foram armazenadas também em nuvem.

Os nomes dos professores participantes foram substituídos pelas seguintes identificações: Depoente 1, Depoente 2, Depoente 3 e Depoente 4, com a finalidade de proteger as identidades dos sujeitos.

Os professores entrevistados ministram aulas tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio. Dentre eles, o professor identificado como Depoente 4 é quem tem maior experiência na área de Educação Física escolar, com aproximadamente 21 anos de atuação, seguido pelo professor identificado como Depoente 3, com aproximadamente 13 anos de experiência; o professor identificado como Depoente 2 possui cerca de 7 anos de atuação e, por

fim, o professor identificado como Depoente 1 tem cerca de 5 anos de experiência. Todos os professores lecionam em escolas do município de São Paulo.

O processo para a seleção e contato com os professores teve início com a identificação de produções e publicações referentes à temática da Educação Física Intercultural perante os conteúdos da matriz africana; uma vez identificados esses trabalhos, os profissionais foram contactados via e-mail e foi apresentada a finalidade e objeto de estudo do trabalho. A resposta inicial dos professores contactados foi positiva, no entanto, foi necessário que os docentes que aceitassem participar da pesquisa solicitassem aos responsáveis diretivos das escolas a assinatura autorizando também a participação, tendo em consideração os objetivos da pesquisa. Nesse ponto, o número de professores foi reduzido devido à dificuldade de apresentação dos documentos solicitados para a participação, o que gerou o total de quatro participantes.

### **3.3 DELINEAMENTO DE PESQUISA**

Conforme o exposto, para a elaboração desta pesquisa, foi necessário aplicar uma série de etapas metodológicas. Houve, de início, a delimitação da temática e do objeto de estudo, a partir de um enfoque metodológico qualitativo, com a finalidade de compreender os fenômenos abordados tendo em consideração o contexto e também a percepção dos docentes. A principal busca foi por respostas que permitissem compreender o fenômeno do multiculturalismo e a Educação Física Intercultural, partindo de uma perspectiva obtida pelas experiências e vivências na sala de aula de Educação Física.

Em um segundo momento, deu-se início à pesquisa bibliográfica para obter as informações necessárias e identificar antecedentes estudados e investigados sobre o fenômeno. Nesta etapa, foram usados trabalhos de pesquisa, livros, revistas e internet, com o fim de ampliar conhecimentos importantes relativos a enfoques, teorias, critérios, conceitos e autores relacionados ao fenômeno em questão; esse estudo teórico teve como tópicos principais a Educação Física escolar relacionada ao fenômeno do multiculturalismo; a Lei 10.639/2003; o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Física escolar; Educação Física Intercultural; conteúdos e manifestações da matriz africana abordados na Educação Física escolar; conteúdos referentes à matriz africana estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular.

Após, foram formulados os instrumentos para a recolha de dados. O instrumento aplicado foi a entrevista semiestruturada (Anexo 3), dirigida a professores de escolas públicas

municipais, escolhidos previamente por conveniência. Os encontros para as entrevistas ocorreram por meio da plataforma Google Meet com cada um dos professores participantes, e o uso do recurso da gravação dos encontros permitiu armazenar as informações para sua posterior transcrição e análise.

Posteriormente à realização das entrevistas, elas foram transcritas de forma integral em um documento de word. Houve, então, a análise desses dados, que visou determinar e interpretar o modo como são aplicadas as práticas pedagógicas referentes ao fenômeno do multiculturalismo, considerando os conteúdos da matriz africana na Educação Física escolar.

Para essa análise, foram identificados manifestações e indicadores chaves e recorrentes entre as respostas dos professores participantes, para assim categorizá-los de acordo com aqueles relacionados ao tema de estudo e que deram uma resposta aos objetivos da pesquisa. A finalidade, assim, é sintetizar essas manifestações numa fala que represente o fazer docente a partir da perspectiva da Educação Física Intercultural.

Por fim, em vista da dificuldade e amplitude do fenômeno em questão, optou-se por incluir uma revisão de escopo como ferramenta para contribuir como resposta aos objetivos propostos. Nesta etapa, foram estabelecidas palavras e combinações chaves pertinentes à pesquisa, conforme as bases de dados incluídas, para assim começar a pesquisa das produções para sua posterior análise (o procedimento usado nesta revisão é especificado na Figura 1, exposta anteriormente).

#### 3.4 SUBMISSAO AO COMITE DE ETICA

O projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética da Escola de Educação Física e Esporte da USP, sob o número do certificado de apreciação ética (CAAE): 57161622.0.0000.5391.

Todos os depoentes participantes receberam e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), junto às respectivas cartas de anuências assinadas pelo diretor da escola.

## **4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS QUALITATIVOS: ENTREVISTAS E REVISÃO DE ESCOPO**

Neste capítulo, é feita a análise dos resultados obtidos a partir da experiência pedagógica dos professores em relação ao conteúdo da matriz africana como referenciais teórico-práticos para a implementação da Educação Física Intercultural perante o fenômeno do multiculturalismo.

Como mencionado anteriormente, nesta pesquisa participaram 4 professores (escolhidos por conveniência), formados na área de Educação Física escolar e atuantes na rede de ensino do estado de São Paulo. As entrevistas foram realizadas no mês de abril do 2023, conforme a disponibilidade dos participantes, por meio da plataforma Google Meet, facilitando assim os encontros e considerando o cenário mundial pelo qual passou a sociedade há algum tempo.

Para esta análise, feita a partir das respostas dos entrevistados, pretende-se abordar a pesquisa sob três perspectivas e/ou finalidades: a) Avaliativa: analisa-se qualitativamente a dinâmica do ensino da Educação Física perante os conteúdos da matriz africana em relação ao planejamento, enfoque, desenvolvimento e abordagem de tais conteúdo dentro da sala de aula, e os documentos curriculares que os endossam; b) Crítico-reflexiva: determinam-se as necessidades para a abordagem destes conteúdos nas aulas, de acordo aos dados obtidos através dos professores que são uns dos autores dos processos didático-metodológicos nas aulas; c) Proposta didático-metodológica: sintetiza-se os indicadores analisados com o objetivo de sugerir aos docentes e/ou leitores estratégias de ensino referentes a uma Educação Física Intercultural com a abordagem dos conteúdos da matriz africana.

### **4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

Após a aplicação dos instrumentos de coleta de dados usados nesta pesquisa, os resultados obtidos foram analisados, com a finalidade de descrever os relatos e experiências dos professores entrevistados e sintetizá-los numa única fala, abordando as situações e experiências do seu fazer docente perante os conteúdos da matriz africana nas aulas de Educação Física escolar.

Neste tópico, consideramos pertinente descrever e justificar o processo metodológico adotado. Esse processo, realizado para chegar à análise dos resultados obtidos, foi pautado por uma série de passos que permitiram organizar os dados.

#### **4.1.1 Transcrição**

Foi feita a transcrição literal das entrevistas para registrar as respostas obtidas, a fim de realizar, posteriormente, sua análise. Com o objetivo de obter o registo das entrevistas para sua transcrição, elas foram gravadas, com a autorização de todos os participantes. Na transcrição literal dos encontros, foram omitidos dados que sugerissem a identificação dos professores. Essa transcrição foi realizada por meio de um documento de Word, e foi necessário contactar posteriormente alguns dos professores para corroborar informações que não ficaram claras.

#### **4.1.2 Sistematização**

Neste passo, uma vez transcritas as entrevistas em sua totalidade, organizou-se o material de tal forma que facilitasse o processo da análise. A fim de preparar a análise, foram adotados alguns critérios para organizar as informações e facilitar seu processamento. Com esse propósito, foi elaborada uma espécie de grade para segmentar os fragmentos textuais das entrevistas de acordo com as unidades temáticas, de modo que, para cada entrevista, os fragmentos correspondentes a cada grande dimensão de análise fossem separados.

Para a definição das unidades temáticas nesta, foi necessária uma revisão do roteiro de entrevista; os tópicos principais do roteiro foram considerados para a organização da grade, pois constituíram as pautas que estruturaram as entrevistas realizadas, procurando formular unidades temáticas que deram resposta às perguntas que se pretende resolver com esta pesquisa. Nesse ponto, ao sistematizar as informações dos resultados obtidos, surgiram eixos temáticos não previstos, o que ocasionou uma reorganização dos eixos existentes.

Foram inclusos na grade, copiando e colando textualmente, unicamente fragmentos da entrevista relacionados a um eixo temático; assim, informações que não contribuíram significativamente para algum dos tópicos foram ignoradas. Para tal organização, inicialmente se fez a releitura das respostas, separando manualmente aquelas consideradas pertinentes aos eixos temáticos, o que permitiu uma aproximação com o material.

À medida que as leituras e releituras dos registros foram sendo efetuadas, considerou-se oportuno realizar algumas anotações referentes às ideias que iam surgindo sobre as unidades temáticas em um caderno de anotações, para apoio e consultas posteriores.

### **4.1.3 Codificação**

Após a sistematização das informações obtidas, realizou-se o processo de codificação: os trechos foram separados e diferenciados com cores para facilitar a agrupação. Esses códigos utilizados na codificação não estavam predefinidos, foram elaboradas durante a própria análise.

Ao longo dessa etapa, foram ressaltadas palavras e/ou expressões consideradas significativas e, após isso, passou-se a codificar por frases e parágrafos. Nesse processo de destacar esses indicadores, foram surgindo muitas respostas isoladas, o que dificultou em certa medida a análise e tornou necessária uma nova abordagem, análise e releitura. Ao se efetuar novamente a leitura dos resultados, foi possível identificar certos padrões nas respostas e levantar mais códigos, os quais geraram categorias maiores; essas categorias abrangem, a partir de uma perspectiva pessoal, os aspectos mais gerais e importantes referentes ao contexto educacional como um todo e à Educação Física escolar como ponto focal desta pesquisa perante o fenômeno do multiculturalismo, fundado na Educação Física Intercultural como forma de intervenção didático-metodológica. Como resultado, foram identificados padrões de resposta que permitiram sintetizar a discussão.

A partir desse momento, começou-se a trabalhar de acordo com cada unidade temática na qual os registros das entrevistas foram segmentados anteriormente. Ao determinar um eixo relevante nos registros textuais, foi elaborado um conceito provisório para se referir a ele, criado durante a análise como o objetivo de afinar o processo. Assim, cada conceito gerado foi identificado com um código, de modo que os fragmentos textuais considerados de mesmo tipo de significado foram classificados sob o mesmo código.

### **4.1.4 Categorização**

Após a definição desses códigos, na tentativa de organizar e registrar os dados, as informações foram sendo discriminadas e agrupadas nessas categorias estabelecidas após a releitura. Dentro de cada categoria, essas informações atenderam a uma série de subcategorias que emergiram dos mesmos dados.

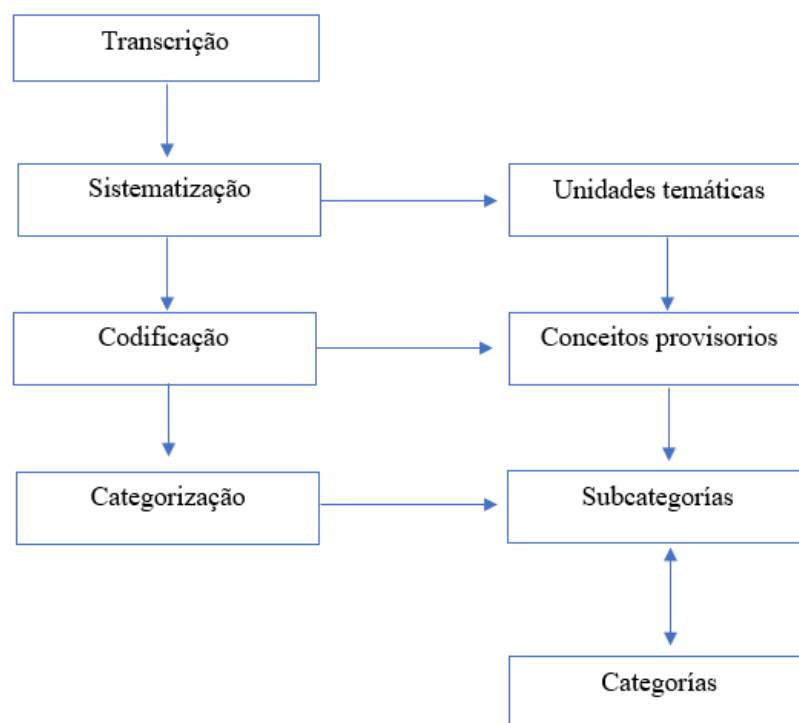
O processo de categorização foi continuamente revisto à medida que categorias e subcategorias iam sendo formuladas; com isso, as alocações que não eram coerentes com as unidades temáticas e não davam uma resposta aos objetivos da pesquisa foram sendo corrigidas. Por exemplo, um código podia parecer claro no momento de sua criação, porém, após várias releituras, percebia-se a que não se adequava plenamente. Para superar esses problemas, foram sendo criados critérios que discriminassem melhor cada código com a finalidade de manter a homogeneidade do significado durante a análise.

#### 4.1.5 Síntese

Considerando que o objetivo principal da análise é encontrar padrões relacionados ao tema da pesquisa, tais padrões se apresentaram como códigos, os quais pretendem agrupar as informações que ilustram uma ideia temática em uma categoria, com a finalidade de responder aos objetivos da pesquisa. As categorias determinadas são: ensino-aprendizagem perante a matriz africana na Educação Física (EAM), aspectos da educação brasileira referentes à Educação Física escolar (AEB) e recursos metodológicos para a abordagem da matriz africana na Educação Física escolar (RMM).

Para cada categoria, destacaram-se uma série de subcategorias a partir dos indicadores obtidos na coleta dos dados e vinculados diretamente com os principais temas (sistematizados na Tabela 1) e desta forma compará-los com as referências teóricas. A Figura 2 sistematiza o processo descrito neste tópico:

Figura 2 - Apresentação e análise de entrevistas



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Tabela 1 – Sistema de categorias e subcategorias

| <b>Categoria</b>   | <b>Código</b> | <b>Subcategorias</b>  |
|--|---------------|---|
| <b>ENSINO-<br/>APRENDIZAGEM<br/>PERANTE A MATRIZ<br/>AFRICANA NA<br/>EDUCAÇÃO FÍSICA</b>                         | <b>EAM</b>    | Conceitos pertinentes à abordagem da matriz africana  |
|  |               | Teorias sobre o ensino-aprendizagem na Educação Física perante a abordagem da matriz africana         |
|  |               | Planificação e seleção dos conteúdos para a abordagem da matriz africana nas aulas de Educação Física |
|  |               | Estratégias para a abordagem da matriz africana nas aulas de Educação Física                          |
|  |               | Dificuldades na abordagem da matriz africana na Educação Física                                       |
| <b>ASPECTOS DA<br/>EDUCAÇÃO<br/>BRASILEIRA<br/>REFERENTES À<br/>EDUCAÇÃO FÍSICA<br/>ESCOLAR</b>                  | <b>AEB</b>    | Enfoque dos conteúdos da matriz africana  |
|  |               | Eixos transversais  |
|  |               | Projetos pedagógicos  |
|  |               | Formação docente perante os conteúdos da matriz africana  |
| <b>RECURSOS<br/>METODOLÓGICOS<br/>PARA A ABORDAGEM<br/>DA MATRIZ AFRICANA<br/>NA EDUCAÇÃO FÍSICA<br/>ESCOLAR</b> | <b>RMM</b>    | Referências culturais como recurso para a abordagem da matriz africana                                |
|  |               | Recursos e materiais para a abordagem da matriz africana nas aulas de Educação Física                 |
|  |               | Papel do professor em relação aos recursos metodológicos para a abordagem da matriz africana          |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A análise foi realizada a partir das diferentes categorias, tomando como base as subcategorias definidas, especificadas na Tabela 2, a seguir:



Tabela 2 – Definição das subcategorias

| <b>ENSINO-APRENDIZAGEM PERANTE A MATRIZ AFRICANA NA EDUCAÇÃO FÍSICA (EAM)</b>                         |  |
|---|--|
| <i>Subcategoria</i>   | <i>Unidade de análise</i>  |
| Conceitos pertinentes à abordagem da matriz africana  | Familiaridade do docente aos termos e conceitos chave em relação à matriz africana nas aulas de Educação Física, incluindo o conhecimento sobre a legislação que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira. |
| Teorias sobre o ensino-aprendizagem na Educação Física perante a abordagem da matriz africana         | Conhecimentos dos docentes sobre os modelos e teorias de ensinar e aprender o que concerne à temática da matriz africana, permitindo compreender e controlar o comportamento do aluno na sala de aula.                             |
| Planejamento e seleção dos conteúdos para a abordagem da matriz africana nas aulas de Educação Física | Organização das aulas do docente, como são selecionados os conteúdos e como é a sequência deles dentro da aula.  |
| Estratégias para a abordagem da matriz africana nas aulas de Educação Física                          | Ações que o docente dirige com a finalidade de implementar e abordar o conteúdo da matriz africana na aula de Educação Física.   |
| Dificuldades da abordagem da matriz africana na Educação Física                                       | Aspectos que têm dificultado o trabalho com a matriz africana nas aulas de Educação Física escolar, percepção de barreiras e obstáculos para atender à abordagem da temática.  |

| <b>ASPECTOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA REFERENTES À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (AEB)</b> |  |
|---|--|
| <i>Subcategoria</i>   | <i>Unidade de análise</i>  |
| Enfoque dos conteúdos da matriz africana  | Visão do docente referente ao conteúdo da matriz africana na Educação Física escolar, como abordá-lo e de que forma é possível |

|  |   |
|--|---|
|  | <p>relacioná-lo ou vinculá-lo a outros conteúdos da área.</p>   |
| Eixos transversais                                       | <p>Tratamento da transversalidade, por parte do docente, nas aulas de Educação física:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A forma de vincular a escola com a realidade social do aluno;</li> <li>- Forma como o docente aborda os conteúdos da matriz africana para o que o aluno perceba a relação com a sua vida cotidiana;</li> <li>- Atitudes que favorecem os valores éticos do aluno e do corpo docente;</li> <li>- Ações que permitem desenvolver capacidades que podem favorecer o processo de criação de identidade cultural do aluno, promovendo o conhecimento e respeito às diferenças presentes no contexto social e escolar;</li> <li>- Forma como a escola contempla esse conteúdo.</li> </ul> |
| Projetos pedagógicos da sala de aula/escola              | <p>Planejamento de acordo com o projeto político pedagógico (PPP) da escola e a forma de abordar o saber e conteúdo, na aula de Educação Física escolar, relacionados à matriz africana, e relação que se estabelece com as orientações prescritas na legislação e nas bases nacionais curriculares perante uma Educação Física intercultural.</p>  |
| Formação docente perante os conteúdos da matriz africana | <p>Áreas temáticas nas quais se incluem respostas que fazem referência à formação continuada do professor como aspecto fundamental no tratamento desse fenômeno. As diversas modalidades de formação continuada dos docentes. As necessidades do</p>  |

|  |   |
|--|---|
|  | docente de cobrir as deficiências da formação na abordagem da matriz africana na Educação Física. |
|--|---|

| <b>RECURSOS METODOLÓGICOS PARA A ABORDAGEM DA MATRIZ AFRICANA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (RMM)</b> |  |
|--|--|
| <i>Subcategoria</i>  | <i>Unidade de análise</i>  |
| Referências culturais como recurso para a abordagem da matriz africana                             | Ações educativas voltados às manifestações da cultura afro e afro-brasileira em relação a jogos, danças, brincadeiras e capoeira, entre outros.  |
| Recursos metodológicos e material didático para a abordagem da matriz africana                     | Elementos que o docente usa para o desenvolvimento dos conteúdos da matriz africana, dentro da aula de Educação Física, que possam facilitar a abordagem dessa temática.   |
| Papel do professor em relação aos recursos metodológicos para a abordagem da matriz africana       | Ações dos professores dentro da sala de aula de Educação Física como meio de intervenção e/ou tratamento do multiculturalismo na Educação Física com a abordagem dos conteúdos da matriz africana como eixo principal. |

Fonte: Criado pela autora (2023)

## 4.2 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Conforme já exposto, foram entrevistados quatro professores, todos profissionais de Educação Física e docentes de escolas do município de São Paulo. Cada um desses professores trouxe suas experiências, conhecimentos e dificuldades referente ao multiculturalismo com ênfase no conteúdo da matriz africana nas aulas de Educação Física. Nas quatro entrevistas realizadas, é possível perceber alguns pontos comuns.

### 4.2.1 Análise e interpretação segundo as categorias e subcategorias

#### 4.2.1.1 Ensino-aprendizagem perante a matriz africana na Educação Física (EAM)

##### 4.2.1.1.1 *Conceitos pertinentes à abordagem da matriz africana*

Os conceitos base da pesquisa fazem referência ao multiculturalismo, à educação intercultural assim como às legislações que tornam obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira. Todos esses conceitos foram abordados pelos depoentes, que expressaram seu ponto de vista sobre o assunto.

Ao analisar os resultados obtidos nas entrevistas referentes à categoria EAM, observou-se que o termo multiculturalismo se apresentou como familiar para os professores, mesmo que nem todos tenham se aprofundado sobre tema. Para eles, a definição do conceito de multiculturalismo é um tanto subjetiva:

- “Diversidade, né? diversas culturas, diversos povos, diversos corpos, eu vejo bem nesse sentido de plural, né? De todo que é fora do dito como padrão, nada de branco, nada de loiro, vejo bem essa miscigenação, essa mistura”. (DEPOENTE 2)
- “Uma imensidão, vem o Brasil em primeiro lugar que é muito multicultural e agregar as outras culturas dos outros países também, uma sociedade que respeita todas as culturas, que agrega e utiliza todas as sociedades, respeita as culturas e basicamente isso respeita todas as culturas”. (DEPOENTE 1)
- “É uma ideia que nasce do multiculturalismo de uma teoria que vai fazer com que a gente pense no respeito e na valorização das diferenças culturais” (DEPOENTE 3)
- Além da teoria é quando a gente pensa da possibilidade de uma mistura de culturas, das manifestações culturais que podem acontecer em diferentes povos e de que forma nos toca, o povo brasileiro em sim, mas o povo mundial também, essa comunidade mundial, onde a gente tem diferentes línguas, diferentes culturas, acho que o multiculturalismo traz um pouco dessa possibilidade né. (DEPOENTE 4)

Com o propósito de vincular multiculturalismo aos processos de ensino-aprendizagem dos depoentes, foi necessário questioná-los sobre como veem a legislação vigente, neste caso a Lei 10.639/03 (ela determina a obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nos sistemas de ensino brasileiro):

- “Eu conheci elas em 2013-2014 eu conheci a 10.639 que foi dali de onde eu parti o meu estudo de TCC, então eu já ouvi falar e a partir disso me aprofundei nos estudos” (DEPOENTE 2).

- “Pela capoeira, por que eu também sou professora de capoeira hoje, eu estudei para concursos, estava estudando o ano passado para concurso de diretora, e acabei dando uma estudada”. (DEPOENTE 1).

- “Eu tenho mais trânsito na 10.639 porque além de ser um projeto de pesquisa de muito tempo, da graduação ne, lá no 2003-2004 eu já fazia pesquisa relacionadas à lei desde quando sai a lei, inclusive tem uma coisa engraçada que quando eu conheci a escola [...], eu conheci a escola [...] por causa de um evento que a escola de aplicação estava fazendo relacionado à lei 10.639, então acabei conhecendo a escola a partir desse evento”. (DEPOENTE 4).

Os depoentes abordam e explicam a temática referente ao conteúdo da matriz africana na Educação Física e mostram o percurso e justificção da lei a partir de um contexto social e de luta:

-Eu tenho estudado um pouco também esse contexto tanto atuando como orientando de estudantes que vão pensar também nessa discussão, então eu parto muito para responder na professora Nilma Nilo Gomes, num livro chamado “movimento negro educador” onde a Nilma vai contar para nós toda a história da organização da lei 10.639, então a Nilma vai contar pra gente que essa lei é criada no Brasil lá no governo Lula no 2003 mas depois de muita luta do movimento negro para que essas questões, esses saberes se transformassem obrigatórios na lei, então a Nilma conta todo o processo histórico de resistência da população e o quanto foi difícil conseguir que essa lei fosse implementada lá em 2003 por uma questão de um país que eminentemente racista estruturalmente dizendo. (DEPOENTE 3)

-Eu trabalhei numa escola que tinha um projeto bem legal, eu dava aula só de capoeira na escola daqui de Jundiaí e aí se falava mais nas reuniões, agora na maioria das escolas fala bem pouco, com pouca informação sobre o assunto, é um déficit, como o professor pode ensinar algo que já não aprendeu na formação, na pedagogia ou na faculdade e não tem uma formação continuada disso, é pouco? (DEPOENTE 1).

- Essa lei, vamos dizer que é uma luz que surgiu no fim do túnel para gente justificar práticas que a gente já realizava, então muitas vezes eram questionadas pensando principalmente por essa trajetória que eu já tenho na capoeira, e fazer certas coisas que já estão relacionadas a partir da prática na capoeira ou de outras culturas, como Jongo, ou o próprio maculelê, se a gente for pensar também algumas puxadas de rede, algumas outras práticas culturais que já estão associadas à capoeira em muitos momentos, a própria capoeira em si, então essas práticas elas aconteciam já nas escolas, eu pensando como professor de educação física trabalhava em alguns momentos também essas práticas, só que assim, sempre nessa coisa de resistência, num conflito interno dentro da escola para que eles se avaliassem (DEPOENTE 4).

Assim, nota-se que os professores têm conhecimento das leis que tornam obrigatório o ensino da história africana e afro-brasileira nas escolas e têm experiências com a abordagem delas, pois isso faz parte de suas rotinas profissionais; no entanto, a abordagem desses conteúdos acaba sendo restrita de uma ou outra forma.

#### *4.2.1.1.2 Teorias sobre o ensino-aprendizagem na Educação Física perante a abordagem da matriz africana*

A Educação Física é uma área do conhecimento que tem um estreito vínculo com o multiculturalismo, o que requer uma análise minuciosa visando contemplar questões referentes

à convivência de diferentes perspectivas e possibilidades de formação dos sujeitos que fazem parte do contexto escolar.

O multiculturalismo expressa-se em diversas atividades, como esporte, jogos, ginástica, dança, brincadeiras entre outras. Nesse contexto, ao tratar de modelos e teorias para o ensino e a aprendizagem referente à temática da matriz africana nas aulas de Educação Física, os docentes falam sobre as abordagens das teorias críticas na Educação Física:

- Então eu mesma sempre busco, trabalho mais a crítica-superadora, na linha crítico superadora, ne? não digo que isso ou aquilo, que eu acho você pode seguir uma linha mas é importante também abraçar o que você vê de bom nas outras e sempre que vou trabalhar qualquer tema da cultura corporal eu tento trazer as questões raciais as questões de gênero e as questões da cultura em si, eu acredito que tem como se, em qualquer tema que a gente trabalhar, jogos, brincadeiras, ginástica podem trazer temas do multiculturalismo. Eu tento seguir com a maioria das atividades, sim, dos temas que eu trabalho, tento trazer um histórico. (DEPOENTE 1)

-Eu fui formado Gina, muito forte com o que nós chamamos de teorias críticas no Brasil da educação física, não na graduação tá, mas depois quando eu fui tendo contato com esses autores eu fui tentando me aproximar principalmente de um livro chamado metodologia do ensino da educação física que é um coletivo de autores que escrevem no Brasil essa obra, então eu sempre achava que minhas práticas tinha que perpassa as questões de classe social, então todas as minhas aulas traziam muito essa questão da desigualdade socioeconômica e o tempo todo eu fazia essa discussão, ao me aproximar mais no debate que a gente vai chamar até de ressignificação das teorias críticas e também o que no Brasil a gente chama de currículo cultural da educação física. (DEPOENTE 3)

A abordagem crítico-superadora destacada considera a Educação Física escolar como uma disciplina que trata jogos, brincadeiras, lutas, entre outros a partir de uma perspectiva pedagógica histórica-crítica. Com isso, ela estabelece a cultura corporal como objeto de estudo e considera as manifestações corporais humanas como construções de humanidade, o que se pode inferir nas falas a seguir:

-Eu trabalho com conteúdo principal, pensando no conteúdo africano e afro-brasileiro, com capoeira, eu trabalhei com os quintos anos do bimestre passado por exemplo e aí quando trabalho com capoeira eu vou desde a história até a gente chegar aos movimentos, então faço uma brincadeira com eles, quando a gente trabalha com os pequeninhos é o coelhinho sai da toca, mas eles não sabem de nada eu só dou os comandos, e aí depois eu falo gente por que vocês acham que eu estou trabalhando isso para falar de capoeira e aí eu falo a questão dos quilombos, a questão dos escravizados que estavam fugindo, a questão dos senhores, as questões dos capitães do mato que há atrás desses escravizados, então eu sempre tento trazer essa questão do movimento para não só ficar na teoria, e aí eu também trabalho bastante com esses temas paralelos. (DEPOENTE 2)

- A proposta era dança e aí nessas ideias de tema veio a samba rock como tema de estudo, e aí, assim pensando que era uma dança, como se dança? E a gente foi desde vendo vídeos até trazendo pessoas que sabiam dançar, num determinado momento tinha uma estagiária que nem acompanhava a turma, mas aí ficou sabendo do projeto aí veio e me ensinou alguns passos básicos, desde música, tipos das músicas, como se dança, e aí a partir desses temas vão surgindo algumas problematizações[...] Vão surgindo algumas problematizações, por exemplo, por que é que o samba rock acontecia em determinados locais, então em alguns bailes por que é que os negros eram proibidos de entrar? E por que é que o samba rock ele vai surgir em determinado momento por uma forma de resistência de abrir um baile onde não era proibido, não era um baile que só os negros fariam, mas assim os negros abriam para todas pessoas,

mas em alguns clubs os negros não podiam entrar para dançar por exemplo, e aí como isso vem acontecendo aqui em São Paulo, a gente vai trocando ideia com várias pessoas que a gente acaba acessando. (DEPOENTE 4)

Com relação a uma Educação Física Intercultural, as abordagens críticas dos temas tratados na escola expressam um sentido que deveria estar vinculado à vida do aluno na sociedade, uma sociedade com características multiculturais, o que propõe um intercâmbio cultural na aula. Essa abordagem a qual os depoentes se referem surgiu como uma superação do modelo clássico esportivista da Educação Física, que limitava a área ao estudo de modalidades esportivas.

Com base nas respostas e indicadores obtidos das entrevistas, nesta subcategoria surge uma visão segundo a qual o foco é a mudança no ensino da Educação Física, a partir da busca por diferentes metodologias que facilitem o processo didático e pedagógico, com a finalidade de contribuir para uma reflexão mais crítica e emancipatória dos alunos. O objeto central, neste caso, é a Educação Física Intercultural fundada na Educação Intercultural, mantendo como eixo principal o fenômeno do multiculturalismo como fato social, assim como mencionado ao longo da pesquisa.

#### *4.2.1.1.3 Planificação e seleção dos conteúdos para a abordagem da matriz africana nas aulas de Educação Física*

Para analisar os indicadores referentes a esta subcategoria, foram selecionados alguns exemplos de registros em que os docentes fizeram apontamentos referentes à abordagem da matriz africana nas aulas de Educação Física no momento de sistematizar os conteúdos, planejar e organizar as aulas.

A respeito de conteúdos trabalhados nas aulas, evidenciou-se um certo padrão, que pode ser sintetizado no ensino da capoeira, danças e algumas brincadeiras com as crianças.

-Eu comecei, ainda no ensino fundamental, a trazer jogos e brincadeiras de matriz africana, jogos e brincadeiras de matriz indígena, a capoeira mas também um pouco trazer as práticas até a fala sobre elas mas trazer essa subjetividade e sem fazer uma reflexão mais crítica sobre isso, no ensino médio [...] aí eu acho que tive a possibilidade de estruturar um pouco mais meu pensamento, então uma das coisas que eu faço é sempre organizar o projeto de uma forma que as questões de raça, gênero, classe social, religião e geração aparecem as práticas e eu trabalho muito com os representantes, com as pessoas que fazem as práticas, então todos os meus projetos sempre tem um mestre de capoeira que não acadêmico, um dançarino de hip hop que não é acadêmico, porque eu quero que os estudantes tenham contato com os representantes das práticas, não sou para eles apresentarem a gestualidade dessas práticas mas para eles falarem na cultura na que eles estão inseridos, então aí eu vou trazer um pouco (DEPOENTE 3)

-Eu busco trazer primeiro as informações deles, quem já fez, quem conhece quem já viu na praça e aí a gente conversa, eu coloco capoeira será que é dança será que é ginástica, será que é esporte vou preenchendo, geralmente está na lousa da quadra, e aí eles vão falando é esporte, é luta e isso é aquilo, na verdade a capoeira tem um pouquinho de tudo isso, ela tem um pouquinho da dança, um pouquinho de esporte,

ela tem da luta, ela tem música, ela tem instrumento, mas ela também história do Brasil, ela também trabalha questões do preconceito (DEPOENTE 1)

No fragmento a seguir, o Depoente 2 fala sobre seu jeito de trabalhar as temáticas referentes à matriz africana nas aulas de Educação Física, quais conteúdos predominam, como os aborda nas aulas e as sequências que segue dentro da aula perante a temática da matriz africana:

-Tudo vai depender do seu objetivo com aquele conteúdo, e da idade que você está trabalhando, então com os pequenos são coisas muito simples, que você tem que ser muito prático, não dá para você parar e refletir muito sobre o contexto e tudo mais (DEPOENTE 2)

O Depoente 4, por sua vez, dá alguns exemplos de situações ou atividades que já foram trabalhadas dentro das aulas, e traz, inclusive, as justificativas para elas:

-A gente teve a capoeira, jongo, a gente já teve Batuque, aí estou falando de práticas que eu acabe fazendo em aula, mas assim tem outras que outros professores também fizeram, outras coisas tipo que acontecem em vários momentos na escola, falando no meu caso em específico, o jongo, samba, e aí o samba no contexto de carnaval, de samba enredo, de desfile, deixa eu ver que mais... samba rock, break, a luta indígena o “Huka-Huka”, basicamente que vem na mente agora seria isso [...] normalmente parte dos estudantes, parte da conversa entre os estudantes que acaba tendo um tema latente aí esse tema que a gente está vendo que está meio latente na turma a gente acaba emergindo (DEPOENTE 4)

#### 4.2.1.1.4 *Estratégias para a abordagem da matriz africana nas aulas de Educação Física*

É interessante conhecer as estratégias que os docentes empregam em suas aulas, principalmente as relacionadas a processos de ensino-aprendizagem perante a temática da matriz africana na Educação Física escolar, com a finalidade de criar referentes teórico-práticos que possam se tornar uma base metodológica. Dessa forma, citamos textualmente as respostas dos docentes entrevistados em relação a esse tópico:

-Uma coisa que eu tenho feito bastante é produzir um espaço de materiais que dialogam com as questões étnico-raciais, então de sugestão de materiais eu tenho utilizado bastante os livros de Rogério Andrade Barbosa até pra falar de obras para crianças, não sei se você já viu essa, “Kakopi Kakopi. Brincando com as crianças de Vinte países africanos” esse mesmo autor junto com Yaguarê Yamã escreveu “Doze brincadeiras indígenas e africanas”. E o primeiro livro que o encontrei desse autor esse aqui “Ndule Ndule, como brincam as crianças africanas”, e o que que eu tenho feito, como dou aula na pedagogia, também eu tenho organizado o material tanto para minhas aulas do ensino superior, tanto para pensar nessas práticas e fazer a leitura com o ensino médio né? uma obra que me encanta muito, muito, muito é essa: “princesas negras” (DEPOENTE 3)

-Eu tenho utilizado muito essas obras para pensar na questão africana e tenho tentado fazer um material enorme para discutir esse tema tá; em síntese o que é que eu acho que é? sempre pôr para os coletivos de resistência em que esses representantes das práticas corporais de matriz africana e indígena estão situados, não só pra trazer eles pra aula mas para aprender com eles e aí a partir da aprendizagem que a gente tem com eles a gente vai repensando e vai reposicionando a aula de educação física (DEPOENTE 3)



No caso do Depoente 3, o uso de literaturas e materiais bibliográficos que abordam temáticas multiculturais apresenta-se como um recurso que o professor pode utilizar para suas aulas, pois se trata de um material amplo e didático.

-Eu acho que a estratégia é você pensar em seu objetivo principal, e eu sempre bato na tecla de trazer coisas que sejam palpáveis para eles entenderem mesmo. Então, desde a linguagem até imagens, vídeos, que possam complementar essa informação, seria de extrema importância porque às vezes você fala algo que fica muito abstrato e eles não conseguem compreender então quando fala, quando você lê, quando você vê um desenho ou um vídeo, quando você faz uma brincadeira que lembra daquilo que você está fazendo eu acho auxilia muito, mas tudo vai depender de qual o objetivo que você vai trabalhar. Eu acho que tudo é válido, porque desde os alunos entenderem “qual é o seu objetivo?” os alunos entenderem o que é a capoeira. Esse é um objetivo extremamente importante os alunos saírem dessa aula sabendo o que é capoeira, então eu acho que é uma coisa muito bacana de se pensar em coisas simples (DEPOENTE 2)

De acordo como a fala dos depoentes, o planejamento de uma aula deve partir da seleção de um objetivo. Nesse sentido, ao fazer a planificação, é muito importante levar em consideração o objetivo da aula, o objetivo em abordar tal temática, com a finalidade de prever os resultados esperados dos alunos de uma forma ordenada, lógica e estruturada, para assim conseguir cumprir esses objetivos.

-Eu trabalharia por três caminhos diferentes. Na verdade não seriam três caminhos diferentes, seria um caminho com três frentes. A primeira tentar trazer elementos durante vários momentos, então, sei lá, colocar alguns pontos da escola, então por exemplo tem os murais algumas coisas da escola aí, colocar algumas coisas ali nesses murais, seja cartazes ou de repente alguns textos, alguma coisa que chamasse a atenção para despertar esse interesse, então essa seria uma das frentes. Outras frentes seria trazer pessoas na escola, aí depende, vamos imaginar, vai trabalhar com Hip-Hop, então vou trazer as pessoas do movimento Hip-Hop em algum momento para alguém dançar, fazer alguma intervenção e puxar essa conversa em algum momento com os estudantes. Lembrando que, assim, se a gente for pensar hoje nas aulas de educação física, o break, muitas vezes, ele vai estar presente. Agora em 2024, se não estou enganado, os Jogos Olímpicos[...] e eu traria alguém por exemplo do break aí para falar, para dançar, fazer uma intervenção, isso ir aproximando das diferentes possibilidades para aula, e aí sim iniciaria de repente um trabalho nas aulas né, mas seriam três frentes para começar algo. (DEPOENTE 4)

A aproximação da situação dos alunos, levar elementos didáticos e pedagógicos referentes a essas temáticas que dialoguem com a realidade deles, tanto na área esportiva quanto cultural e acadêmica, aumenta o interesse em participar. Dessa forma, é possível fazer com que o aluno se interesse por algo que está em pauta no cotidiano social e global, vinculando-o como o conteúdo da matriz africana por meio das aulas de Educação Física. Evidentemente, para que isso possa ocorrer, é necessário manter o diálogo entre essas atividades e o projeto da escola.

A formação continuada do docente é um fator importante para a otimização da abordagem dessa temática, afinal, conhecê-la a fundo é indispensável para que o docente possa utilizar os recursos disponíveis e implementar metodologias e estratégias a fim de ministrar

uma aula integral sobre a temática, pois o desconhecimento do tema pode se tornar uma grande dificuldade no momento da aula.

-Além de formação específica e que eu digo formação mesmo de trazer, dar instrumento para o professor, claro, a teoria é super importante, mas o professor precisa ter instrumento para dar aula, precisa mesmo aí aprender uma brincadeira, aprender uma cantiga, saber fazer, entendeu? Para poder trabalhar, então, eu acho que precisa instrumentalizar o professor também com as formações, tanto na faculdade, tanto na formação continuada na própria prefeitura (DEPOENTE 1)

Os depoentes apresentam um leque de recursos didáticos e metodológicos que permitem otimizar o trabalho com a matriz africana nas aulas de Educação Física, abrindo espaço à possibilidade de reconstruir o currículo e atingir bons resultados tanto a nível de ensino como de aprendizado perante tal conteúdo.

#### *4.2.1.1.5 Dificuldades na abordagem da matriz africana na Educação Física*

As práticas pedagógicas a partir de uma perspectiva cultural, do que a professora Vera Candau (2009) chama de “grupos culturais diferentes”, representa, sob um ponto de vista pessoal, a principal dificuldade para os professores em sua atuação docente, isso faz com que exista uma brecha que permite a implantação dos valores da cultura hegemônica no contexto escolar.

Nesta subcategoria, observa-se uma resposta comum por parte dos professores entrevistados referente às dificuldades que enfrentam quanto à abordagem dos conteúdos da matriz africana, as quais vão ser mencionadas usando as suas próprias manifestações:

#### **Falta de clareza na Base Nacional Comum Curricular**

De acordo com as respostas dos professores neste tópico, há falta de clareza nos conteúdos referente à matriz africana na BNCC, pois, embora existam indicações de que esta temática deve ser abordada, elas não são claras:

-Então, acho que não é fácil, a lei não está clara, a lei ela assegura, por isso que eu acho que a importância desses instrumentos de que façam essa ponte da legislação para o chão da sala de aula, porque não é fácil não, para mim é fácil, mas é algo que é do meu interesse que eu conheço um pouco mais, mas eu acho que só assegurar e largar pro professor não adianta nada, e pelo contrário, isso ainda dá uma ferramenta a mais da pessoa falar, “mas a gente fez uma lei, por que é que eles não estão trabalhando”? Então, eu acho que é bem complicado e que precisa dessa mediação, porque principalmente a questão racial é toda uma história que está por trás disso, não é só você falar a diferença de preto e branco, então acho que ela não é fácil trabalhar, não assegura, o corpo da legislação não assegura que o professor trabalhe. (DEPOENTE 2)

Além da falta de clareza, o Depoente 3 pontua, citando um colega, que faltam conteúdos/saberes em todo o currículo, pois os saberes das relações étnico-raciais aparecem só nas séries iniciais. Ele julga pertinente a abordagem desses conteúdos ao longo da formação, pois é uma temática que faz parte de uma problemática social atual e ela é importante para o desenvolvimento integral e social do aluno:

-A BNCC do ensino médio foi construída pelos institutos privados, não foi construída nem pelas pessoas que estavam fazendo a BNCC no ensino fundamental. Ela trabalha por habilidades e competências e ela é extremamente voltada para uma teoria do capital humano que até trata das questões de diversidade mas sempre para questões do ser empreendedor de si mesmo, para uma manutenção da sociedade como está posta. Agora, quando eu penso no ensino fundamental, o que a base nacional traz de interessante talvez é colocar lá jogos e brincadeiras de matriz africana e indígena, porque só aparece como saber na base da base nacional. Entretanto Gina, por exemplo, Márcio que eu indiquei para você, ele faz uma baita discussão, do por que esse conhecimento por exemplo está nas series iniciais do ensino fundamental. Nas series finais pela base nacional você não discute mais jogos e brincadeiras não discute mais os saberes das relações étnico-raciais. Então, assim, a gente entende que a base nacional ao padronizar essas questões e colocar certos temas em determinados anos, de uma certa forma até amplia o debate nos contextos, mas ela minimiza e descaracteriza muito a intelectualidade do professor e da professora que está na ponta, (DEPOENTE 3)

Por outro lado, para o depoente 4, existe uma clareza “superficial”, pois os saberes estão expostos, porém não cobrem todos os objetivos e conteúdos competentes para abordar a temática, como ele indica com o exemplo da capoeira:

-Eu vou usar a capoeira como referência, eu preciso fazer um trabalho com tema capoeira, mas quando vou olhar os objetivos que estão ali presentes pensados na prática ali, talvez vão afastar alguns elementos que seriam relevantes para trabalhar nas aulas, que está para além de uma competência, de você ser competente, de conseguir fazer determinadas coisas. Então, por exemplo, vou pegar uma parte de musicalidade da capoeira nas aulas de educação física. Quando eu vou trabalhar a gestualidade da capoeira, essa gestualidade, ela está totalmente ligada com a musicalidade, então algumas gestualidades na capoeira elas só vão ser possíveis porque dentro da musicalidade que vai estar acontecendo ali, essa musicalidade vai de determinada gestualidade, isso vai dialogar diretamente com outras possibilidades de culturas africanas e afro-brasileiras, isso não vai estar na BNCC. (DEPOENTE 4)

Por fim, a resposta do Depoente 1 expõe que a falta de conhecimento por parte dos professores sobre essa temática dificulta o entendimento do que a BNCC determina em relação ao conteúdo da matriz africana:

-Eu acho bem abaixo do que poderia ser, viu? Não tem tanta clareza não...Ah, no currículo ele está né, está escrito, é utilizado, mas não são todos os professores que conseguem. Eu acho bem abaixo do que poderia ser, viu? Não tem tanta clareza não. (DEPOENTE 1)

### **Falta de acesso à informação**

A falta de informação ou falta de acesso a ela tem gerado dificuldades aos professores na abordagem dessas temáticas. Muito deles têm acesso à informação principalmente pelo que

se encontra na mídia, um conteúdo que pode ter qualidade duvidosa, atrapalhando a formação continuada do professor e trazendo consequências ao ensino:

- Acho que aí as dificuldades elas são grandes né, mas hoje eu não posso dizer de condições de trabalho, nem de salário, nem dessas questões Gina, mas principalmente no começo da carreira a inexperiência para achar as pessoas, para achar o material, para entender como lidar com estudantes (DEPOENTE 3)
- Eu acho que a gente é muito restrito à questão dos nossos acessos, a gente tem acesso ao que está nas mídias, (DEPOENTE 2)
- Então na educação física não, né? por que eu me formei no 2004, então a lei é do 2003, foi uma discussão que não existiu na minha graduação de Educação Física ne, porem em pedagogia e em filosofia, filosofia é mais recente minha formação, em filosofia existe uma disciplina chamada História e Cultura Afro-brasileira, mas não se tem um debate sobre filosofia africana, esse debate ele acontece no campo da filosofia, mas isso mas por causa de um movimento muito mais forte de um grupo que é da Federal de Rio de Janeiro (DEPOENTE 4)

Essa falta de acesso à informação acaba fazendo com que a estrutura da escola atrapalhe em certa medida o processo de ensino-aprendizagem referente a essa temática, pois se o professor não tem acesso a essa informação é porque ela não circula na escola, não é debatida na escola e nos encontros pedagógicos:

- Eu trabalhei numa escola que tinha um projeto bem legal, eu dava aula só de capoeira na escola daqui de Jundiá e aí se falava mais nas reuniões, agora na maioria das escolas fala bem pouco, com pouca informação sobre o assunto, é um déficit, como o professor pode ensinar algo que já não aprendeu na formação, na pedagogia ou na faculdade e não tem uma formação continuada disso, é pouco? (DEPOENTE 1)
- Eu sou formado em 2007 e nenhum momento da minha graduação essa discussão foi feita de forma substantiva, nenhum momento, nenhum, eu fui formado num outro contexto onde eu fazia uma complementação do curso de licenciatura e nem é nessa complementação essa discussão foi feita né, então essa discussão dentro da formação inicial foi muito frágil, embora a gente estava pensando que no momento a lei estava sendo implementada, para você ter uma ideia eu não tive aula de capoeira e em nenhum momento ninguém discutiu a capoeira na minha formação e aliás já fiz essa pesquisa assim razoável, pouquíssimas universidades de educação física oferecem capoeira na sua formação mas oferecem basquete por exemplo, então essa relação do da formação do Brasil é muito complicada; eu fui tratar mais disso não mestrado e no doutorado quando eu fui estudar o currículo do município porque no município do São Paulo naquele momento existia no currículo esse debate oposto e aí eu tive mais acesso à legislação etc., fiz até uma disciplina ali na USP com Walter Roberto Correia que essa discussão não perpassou mas eu acho que a gente já foi avançando no doutorado e depois pensando na importância desse tema ir para as aulas tá. (DEPOENTE 3)

A partir das manifestações apresentadas acima, podemos deduzir que tem faltado ao docente formação nesse tema. Os docentes precisam ter um conhecimento profundo e sólido a respeito das temáticas relativas à Lei 10.639/03, alinhado a com um plano de estudos, para assim poder transmitir esse assunto com autoridade, fazendo com que se potencializem as habilidades dos alunos de adquirir um novo saber e reproduzi-lo de forma crítica tanto no contexto escolar como na sociedade em que estão imersos. Portanto, a falta de acesso à informação sobre a temática em questão em espaços coletivos de reflexão acarreta uma

dificuldade no momento de abordar os conteúdos da matriz africana nas aulas de Educação Física.

### **Receptividade do entorno sócio acadêmico (racismo e preconceito)**

Existe certa relutância ou preconceito, por parte da comunidade, dos pais, dos alunos e, em certa medida, da sociedade como um todo, em abordar as manifestações de matriz africana. Isso representa uma das maiores dificuldades no momento de trabalhar com esses temas nas aulas, pois se faz necessário um processo de desconstrução social de algo que está muito arraigado em vários sujeitos que compõem a comunidade escolar, o que afeta, conseqüentemente, o estudo desses conteúdos:

- Esse ano teve uma aluna que no final do bimestre que não queria fazer mais as aulas, que não estava muito afim, e aí a mãe foi falar com a coordenadora, e aí a coordenadora falou “não, é conteúdo do currículo, a professora tem que trabalhar e a sua filha tem que participar” e aí a gente não teve problemas porque tem pessoas que para trabalhar capoeira, nossa é a morte. (DEPOENTE 2)

-Dependendo do que você vai trabalhar é muito difícil, porque às vezes você pode esbarrar em algumas questões do tipo, por exemplo, na capoeira, aí começa trabalhar dos instrumentos “ah isso é macumba” “ah eu não vou fazer essa aula por que eu sou evangélico” então a gente desmistificar isso, tirar essa visão estereotipada em relação às questões étnico-raciais, as questões afro, afro-brasileiras é muito difícil, então às vezes trabalhar de uma forma paralelo a isso. (DEPOENTE 2)

Percebe-se, também, que o racismo e o preconceito são fatores que dificultam, em alguns momentos, a abordagem dessas temáticas:

-Assim pensado em linhas bem gerais desses anos todos, eu já tive turmas que a gente teve falas racistas que tiveram que ser trabalhadas na aula e aí demandaram um tempo maior de discussão. (DEPOENTE 4)

- Eu acho que atrapalha as vezes a aceitação das crianças. Mas eu acho que se a escola estivesse mais integrada, por exemplo, na outra escola que a diretora tinha um projeto forte com cabelo para fazer a tranças, aí fica muito mais fácil [...] é nossa cultura, nossa raiz, nossa história, a gente tem que conhecer de onde a gente veio, e até para a gente lutar em um país tão racista e preconceituoso que é. (DEPOENTE 1)

-Eu acho que assim a gente tem que estudar a história do Brasil, a real história do Brasil. A gente tem que entender que a gente vive em um país racista, assim é fundamental, por que não tem como trabalhar algo que eu acredito que não exista, “ah vou falar dos pretos, mas vou falar só por que tem que falar, tá gente? Mas para mim...” e ainda vai ser um trabalho efetivo, porque você às vezes vai achar que está falando uma coisa, mas você está reforçando outra[...]. (DEPOENTE 2)

O preconceito e racismo, como fatos sociais, levam muitas vezes a manifestações de intolerância perante o que é considerado diferente. Essa intolerância gera obstáculos ao processo de ensino-aprendizagem referente à matriz africana, pois nem todos os sujeitos estão dispostos a aceitar estes conteúdos por considerá-los diferentes, e, com isso, apresentam uma forte resistência, o que traz dificuldades para o professor na abordagem dessas temáticas em suas aulas:

-Não tenho dúvida do que eu vou falar para você. O que mais dificulta toda minha prática e minha vida é esse conservadorismo que tomou conta de uma parcela da sociedade, eu tenho medo Gina, às vezes eu tenho medo de falar certas coisas, medo, tanto para os colegas como professores como para todos os estudantes, a gente começa a pensar se falar algumas questões ou não, principalmente ali de 2018 para 2021; aquele contexto foi fortíssimo... Eu trabalhei na Secretaria municipal de educação na gestão Haddad, bem no finalzinho da questão quando já estava tendo um impeachment da Dilma etc., o Haddad tinha dentro da Secretaria municipal um coletivo negro pessoas do movimento negro para pensar as políticas educacionais, Gina nós íamos nas escolas e às vezes a gente recebia coisas e as pessoas falavam de uma certa forma que a gente saía com medo, e todas as propostas eram pautadas pelo movimento negro que fazia esse debate. Então, o que mais tem dificultado na minha vida, e essas práticas do Brasil de um tempo para cá, é esse conservadorismo e até mesmo o medo da vida porque você vai se vinculando com as pessoas e você vai criando um rótulo naqueles contextos né (DEPOENTE 3)

A abordagem de conteúdos da matriz africana pode facilitar o processo de criação da identidade cultural do aluno. Às vezes, as situações de racismo e preconceito na sociedade fazem com que a criança se sinta oprimida e desgostosa com suas origens e sua cultura, de forma que não se reconhece como pertencente a determinada etnia/raça ou cultura por querer fazer parte do “maioritário”, no caso, branco.

Fanon (2008) explica este fenômeno no seu livro “Peles negras, máscaras brancas”, no qual destaca processos que despojaram a população negra, e, a partir disso, essa população passa a não se reconhecer com negra, pois não tem referentes e ferramentas para se reconhecer como algo “positivo” (adjetivo limitado ao homem branco estereotipado). Esses sujeitos não sabem ler a si mesmos como um corpo negro, o que se relaciona com a imposição colonial e o entorno de criação: “A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2008, p.30).

-É difícil porque os alunos...eles não...assim... a maioria né...dos alunos e os professores, de entenderem esse contexto histórico, então eles reconhecem, não entendem mesmo processo da questão do autoconhecimento, então, alunos negros falam no máximo que são morenos, e isso dificulta o trabalho, porque você fazer algo entendendo que você faz parte daquilo é diferente (DEPOENTE 2)

A escola e os aluno devem ser os principais autores de uma reconstrução dos conceitos de racismo e antirracismo. A escola precisa oferecer experiências que possibilitem isso não somente através da disciplina de História, mas através, também, das aulas de Educação Física. A disciplina de Educação Física deve ser um espaço acadêmico para conscientização dos alunos acerca do multiculturalismo presente na sociedade, colaborando para o desenvolvimento de ações que possam facilitar o processo de formação de cidadãos críticos, íntegros, respeitosos e tolerantes perante as diferenças culturais presentes no âmbito ao qual pertencem.

#### 4.2.1.2 Aspectos da Educação Brasileira referentes à Educação Física escolar (AEB)

##### 4.2.1.2.1 *Enfoque dos conteúdos da matriz africana*

No que tange à área de Educação Física escolar propriamente, referente às manifestações da matriz africana, os docentes entrevistados apontam as diretrizes curriculares nacionais e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como referências para o trabalho com a matriz africana, particularmente, no trato com os objetos de conhecimento como lutas, danças, brincadeiras e a capoeira:

-Eu acredito que a capoeira deveria estar em todas as escolas do Brasil, deveria ter a capoeira a parte da Educação física... na verdade a capoeira tem um pouquinho de tudo isso, ela tem um pouquinho da dança, um pouquinho de esporte, ela tem da luta, ela tem música, ela tem instrumento, mas ela também história do Brasil, ela também trabalha questões do preconceito. (DEPOENTE 1)

-Então a gente não coloca por exemplo a capoeira dentro de lutas, capoeira é uma prática corporal sua sozinha nesse currículo, efetivamente para valorizar essas práticas eminentemente afro-brasileira, e aí de acordo com cada contexto de cada professor ele vai pensar nos seus aspectos metodológicos, mas teoricamente as ementas têm que ser construídas abordando todos esses conhecimentos estão que estão o tempo todo ali perpassando nesse currículo...Então esses conhecimentos essenciais eles estão muito vinculados com os saberes que os estudantes têm que acessar, então por exemplo nesse conhecimento 2 que é o conhecimento que vai tratar as diversidades ele vai falar das práticas corporais das comunidades quilombolas, das comunidades indígenas, as práticas corporais marginalizadas da cultura negra como o Hip-Hop, como o samba, como a capoeira, dentro de outras questões; então esse currículo traz efetivamente os saberes sem fazer uma relação metodológica de como o docente vai trabalhar com esses saberes, porque a gente entende que a intelectualidade de cada docente vai fazer isso, há um grupo de conhecimentos também que vai tratar das práticas né. (DEPOENTE 3)

A forma de abordagem desse conteúdo da matriz africana geralmente é superficial, em parte devido à própria qualidade do documento usado como referência, que parece produzido para um público alvo acadêmico:

- Eu acho, assim, eu gosto, é que eu entendo ne?, é que é muito louco assim, quando a gente está nesse ambiente acadêmico, para mim está muito claro, porque é fiz parte do laboratório, eu li, então eu consigo entender, só que depende da pessoa, a pessoa vai ver aquilo e não vai ter significado para ela, só que eu acho que o que falta, e isso não vai estar em nenhum documento, é a personalidade do professor, o que ele quer com aquilo, a gente não vai dar conta desse currículo nunca, aí nas lutas vai ter que saber se é de curta, média ou longa distância, aí nos esportes tem que saber a classificação dos esportes, aí dentro da classificação tem que ver a lógica interna dos esportes, aí na lógica interna tem as regras dos esportes, e aí dentro das regras tem que viver o esporte, então assim não vamos dar conta (DEPOENTE 2)

O conteúdo referente à Educação Física escolar fundamenta-se na cultura corporal, porém muitas vezes as manifestações de grupos minoritários ou de outras culturas não são abordadas como parte da discussão da aula.

#### 4.2.1.2.2 *Eixos transversais*

A transversalidade é materializada nas aulas quando são abordados os conteúdos da Educação Física escolar a partir de outras áreas, relacionadas à matriz africana, neste caso específico. Em linhas gerais, propõe-se abordar diferentes tópicos com base no planejamento previamente definido num projeto pedagógico, em torno uma temática escolhida perante diferentes áreas:

-Está nas práticas, mas os saberes que vão sendo colocados lá também eles estão muito vinculados, por exemplo, há um saber lá que é falado sobre as relações de gênero que atravessam as práticas corporais, as relações de raça que atravessam nas práticas corporais, então há um estímulo, por exemplo, do professor discutir racismo no esporte e não sou o esporte né, há toda uma questão dos professores a trabalhar com as práticas das comunidades quilombolas, discutir a cultura dessas práticas e não somente e as práticas, então esses saberes não estão vinculados só as práticas, mais precisamente essas relações que atravessa né, esses saberes que são atravessados por elas. (DEPOENTE 3)

Os elementos transversais com respeito à Educação Física Intercultural fazem referência aos conteúdos que são desenvolvidos durante o processo de formação da criança, com a finalidade de adquirir competências e habilidades por meio de um aprendizado integral sem a divisão dos conteúdos em função dos seus objetivos.

-A minha ideia de trabalhar as questões étnico-raciais tem dois pontos: tem um ponto de você colocar aquilo como conteúdo; e aquilo como um tema emergente que seja transversal ao conteúdo, e nenhum é menos do que o outro. Então, colocar esse conteúdo como principal, dependendo do que você vai trabalhar, é muito difícil porque às vezes você pode esbarrar em algumas questões (DEPOENTE 2)

A partir da perspectiva transversal, esses conteúdos e manifestações visam construir temas, entrelaçados com as demais áreas, que sejam recorrentes e que surgem da realidade social, virando fundamentos para a prática pedagógica ao integrar a realidade social à escola:

-Mas a gente percebe que com o tempo os estudantes vão entrando no processo de discussão. Por exemplo, a gente teve esse ano uma semana que discuti só as questões LGBTQIAP+ a semana inteira, e os estudantes foram entrando no debate. Então, assim, esses temas vão ser colocados e a gente vai percebendo uma mudança na cultura, embora eles estejam num contexto bem conservador (DEPOENTE 3)

-Por exemplo, no futebol eu trago para eles a questão do racismo que tinha antigamente, que tem hoje em dia; eu trago para eles as questões aí que tem, eu tento trazer. (DEPOENTE 1)

Na perspectiva de uma Educação Física Intercultural como intervenção cultural perante o fenômeno do multiculturalismo, na abordagem de temáticas fundadas nas manifestações da matriz africana, os elementos transversais devem considerar a prevenção da violência e da discriminação por qualquer circunstância social ou pessoal, desenvolvendo valores inerentes ao princípio da igualdade. Dessa forma, é favorecida a convivência e as relações dinâmicas que deveriam existir entre os alunos e alunas.



Por isso, com relação aos indicadores presentes nesta subcategoria, consideram-se manifestações cujo objetivo seja levar o processo de ensino além do “chão da quadra”, incorporando atividades que incentivem o aluno a transferir os conhecimentos e saberes para o seu dia a dia:

- Há um saber lá que é falado sobre as relações de gênero que atravessam as práticas corporais, as relações de raça que atravessa nas práticas corporais, então há um estímulo por exemplo do professor discutir racismo no esporte e não só no esporte né, há toda uma questão dos professores a trabalhar com as práticas das comunidades quilombolas, discutir a cultura dessas práticas e não somente as práticas, então esses saberes não estão vinculados só as práticas, mais precisamente essas relações que atravessa né, esses saberes que são atravessados por elas. (DEPOENTE 3)

A Educação Física Intercultural abarca essa transversalidade com uma visão pedagógica que fomenta a identidade cultural dos alunos, contribuindo com a sua formação cultural. Dessa forma, são estabelecidos vínculos fundados nas relações culturais com potencialidade de gerar a habilidade e/ou capacidade de se reconhecer pertencente num mesmo espaço.

- Com os pequenos, eu trabalhei praticamente o ano inteiro as questões das palavras que a gente utiliza no nosso dia a dia que são palavras racistas, palavras o termos, e ai eles nossa é muito legal por que a gente escreve ai eu falo se eles já ouviram falar, se eles usam no dia a dia deles, por exemplo “três neguinhas” eles não faziam ideia que três neguinhas era algo, “ah mas você não falam três neguinhas quando vai bater o card de vocês?” então trabalho nesse momento, quando lá pros maiores teve a situação da jogadora de vôlei que ela foi xingada de macaco trago para eles também, então é nesse momento que eu consigo também trabalhar, já trabalhei letra de música, por exemplo a letra do Rael<sup>2</sup>, para a gente analisar o que é que estava falando, se é próximo do nosso dia a dia, e na minhas aulas também eu trago esses debates de forma paralela (DEPOENTE 2)

Nesse sentido, pode-se enxergar que a abordagem dessas temáticas pode ser um elemento solucionador de conflitos, convertendo o contexto escolar num elemento fundamental para a integração cultural, reforçando também o vínculo do sujeito com o próximo e a comunidade:

-Eu já tive turmas que a gente teve falas racistas, que tiveram que ser trabalhadas na aula e aí demandaram um tempo maior de discussão [...] Aqui na escola a gente tem um programa negritude que ele já embasa já muitas ações que vão acontecendo na escola, então a gente tem uma aula específica chamada espaço-projeto, esse espaço-projeto é uma aula que acontece uma vez por semana intercalado com algumas outras aulas né?, que a gente chama de espaço democrático, onde os estudantes debatem questões deles, do cotidiano deles, e agora com o novo ensino médio também é um espaço que acaba acontecendo como uma opção de uma aula chamada projeto de vida, e aí depois vira um componente curricular, mas enfim, nesses espaço projeto a gente tem condições de trazer para além das questões que a gente já faz com o componente curricular, isso não estou falando só de mim, estou falando de todos os colegas que acabam trabalhando a questão que vai para além da lei. (DEPOENTE 4)

---

<sup>2</sup> Israel Feliciano (São Paulo, 1 de outubro de 1983), mais conhecido pelo seu nome artístico Rael, é um cantor, compositor e rapper brasileiro

Por outro lado, a escola onde trabalha o Depoente 4 apresenta um projeto que favorece a dialogicidade do multiculturalismo presente na sala de aula, tal como indicado em sua fala a seguir:

-Muitas vezes não fazendo esse diálogo com o arcabouço teórico do multiculturalismo acho que de cabeça assim, acho que é pouco ou quase nada aparece pensando na teoria multicultural né, nesse diálogo do multiculturalismo do McLaren ou de outros autores que vão trabalhar nesse campo pós-crítico relacionado aí ao multiculturalismo, mas a escola em si ela já faz o processo mesmo sem estar abarcando esse campo teórico né...esse é o projeto da escola né. Na verdade a escola parte de três princípios orientadores que são diálogo, o respeito e a solidariedade e esses três princípios, eles vão além dos componentes curriculares regulares que já são presentes no currículo da escola e esses temas, programas eles já vão trazer aí diferentes possibilidades para que as pessoas expressem sua forma de ser, por exemplo a gente tem um projeto de sexualidade, tem o programa negritude, a gente também tem um programa de integridade, os próprios componentes curriculares, os projetos que são desenvolvidos e que aí possibilita aí essas trocas tanto de culturas não locais falando assim cultura Brasileira como também cultura de outros países porque a gente tem alunos que vêm de fora (DEPOENTE 4)

No entanto, percebemos que, em relação às falas dos outros professores entrevistados, essa situação seria uma exceção, pois um ponto comum entre as outras escolas, segundo os docentes, é que têm ignorado, em certa medida, os conhecimentos e experiências dos grupos cujos padrões culturais não correspondem aos impostos pela cultura eurocentrista. Isso é reflexo de uma resistência, por parte das instituições e da sociedade em si, em reconhecer as populações que estão fora dos parâmetros culturais estabelecidos tradicionalmente.

-Eu vejo, não a escola em si, mas alguns professores que fazem esse trabalho, às vezes os professores na sala que tem aquelas crianças mesmo, mas aí a escola fazer um trabalho inteiro eu não vejo, é o professor o coordenador sempre que tem a preocupação de abraçar. (DEPOENTE 1)

-Às vezes também as pessoas querem a receita que eu entendo que isso não é a resposta, mas é o que já falei, estou sendo repetitiva, tem que ter coisa que dão embasamento para o professor trabalhar isso, eu trabalho classificação do esporte por que eu tive isso na graduação (DEPOENTE 2)

Assim acentua-se a questão referente à estrutura da escola, tanto pedagógica como política, em relação ao conteúdo a ser abordado e à ação dos professores e de todos os autores do contexto escolar; nota-se a necessidade de aprimorar a abordagem dessas manifestações e temáticas que favorecem o reconhecimento de todas as culturas que compõem o âmbito escolar.

#### 4.2.1.2.3 *Projetos pedagógicos da sala de aula/escola*

Com relação ao currículo perante a matriz africana, a forma como esses conteúdos são abordados para favorecer a dialogicidade entre as diferenças culturais presentes na aula de Educação Física é destacada por alguns dos professores. Eles relatam de maneira positiva a existência de várias formas que incentivam o tratamento do fenômeno do multiculturalismo nas aulas, favorecendo a criação desses espaços no currículo, no projeto político pedagógico e nas

diretrizes que a escola contempla. Porém, ainda há dificuldades de implementação devido às demandas que se apresentam no contexto escolar:

-[...] o PPP inclui a diversidade pensando em questões de pessoas deficientes, em questão de empoderamento das pessoas negras, né? porque em frente à minha escola tem uma praça que chama “Praça para Mãe Preta”, e aí esse ano, por exemplo, um projeto que o diretor está fazendo da gente entender quem é essa Mãe Preta, fez uma nova pintura na frente da escola com diversos rostos de mulheres pretas, então não limita o trabalho, mas por tantas demandas que eu disse, ainda não é algo que a gente vê e fala assim “nossa está super contemplado” a gente vê que todo mundo está sendo falado porque ainda não a sociedade de maneira geral a gente vê que ainda tem muito a avançar em relação nesse sentido e a minha escola é uma delas (DEPOENTE 2)

Assim, alguns dos professores indicam que as escolas contemplam o multiculturalismo nos seus projetos políticos pedagógicos, currículos e diretrizes, facilitando assim o desenvolvimento do que seria uma Educação Física Intercultural, fomentando o respeito e a tolerância com as diferenças presentes, não só dentro da aula, como também na escola como um todo:

-Na verdade, a escola parte de três princípios orientadores que são diálogo, o respeito e a solidariedade, e esses três princípios, eles vão além dos componentes curriculares regulares que já são presentes no currículo da escola e esses temas, programas eles já vão trazer aí diferentes possibilidades para que as pessoas expressem sua forma de ser, por exemplo a gente tem um projeto de sexualidade, tem o programa negritude, a gente também tem um programa de integridade, os próprios componentes curriculares, os projetos que são desenvolvidos e que aí possibilita aí essas trocas tanto de culturas não locais falando assim cultura Brasileira como também cultura de outros países (DEPOENTE 4).

A essência do trabalho cooperativo materializado no PPP é destacada por um dos professores ao abordar a colaboração do corpo docente para a elaboração dos currículos, o que revela a autoridade desse corpo docente:

-Nós acabamos de publicar neste ano 2021 um currículo coletivo construído pelos professores e professoras de educação física [...] e aí Gina, como é que nós fizemos né, os professores e as professoras mandaram os saberes que eles entendiam que tinha que ser trabalhados nos diferentes anos do ensino médio e um grupo de consultores de assessores em currículo do próprio Instituto Federal criou o que nós chamamos do currículo de referência da educação física, então só pra você ter uma ideia no nosso currículo tem 9 grupos de conhecimento, um desses grupos só trata das questões das diversidades. Então, nós temos um grupo de conhecimento que só discute isso, e a questão da relação étnico-raciais, de gênero, anticapacitista etc., perpassa pelos nove grupos de conhecimento. Então, a gente tem um currículo bastante fortalecido aqui, construído coletivamente pelos próprios docentes que dá força pra quem quer problematizar esses temas na aula tá. O PDI da instituição, ele tem na sua essência a valorização da democracia e da diversidade cultural, essa é a orientação, o princípio do PDI, o PDI é plano de desenvolvimento institucional tá? Ele é produzido há cada 4 anos, então estou falando do PDI 2019- 2023, e tem projetos político-pedagógicos de cada campus, são pautados dentro do PDI, então esse princípio da valorização cultural ele precisa ser levado em consideração, inclusive Gina nós fazemos pesquisa e extensão no Instituto Federal também, e os projetos de pesquisa e os projetos de extensão precisam estar sempre vinculados com esse princípio posto tanto no PDI quanto no PPP tá, e nós temos o currículo específico que trata desse tema e inclusive da educação física uns dos mas se elogiados por todas as questões colocadas, eu posso

mandar pra vocês também se vocês quiserem como análise documental esse currículo.  
(DEPOENTE 3)

A partir dessa perspectiva, na prática do(a) professor(a), o trabalho com a diversidade cultural implica selecionar uma diversidade de práticas corporais que são saberes por si só. Dessa maneira, o PPP favorece a criação de espaços e ambientes multiculturais para os alunos, atendendo às diferenças culturais que estão presentes na escola:

-Esse currículo, ele foi construído só pelos saberes que fazem parte do que vão ser trabalhados no ensino médio, um currículo que fala de perfil, objetivos e conhecimentos essenciais que nós chamamos, então esses conhecimentos essenciais eles estão muito vinculados com os saberes que os estudantes têm que acessar, então por exemplo nesse conhecimento 2 que é o conhecimento que vai tratar as diversidades ele vai falar das práticas corporais das comunidades quilombolas, das comunidades indígenas, as práticas corporais marginalizadas da cultura negra como o Hip-Hop, como o samba, como a capoeira, dentro de outras questões; então esse currículo traz efetivamente os saberes sem fazer uma relação metodológica de como o docente vai trabalhar com esses saberes, porque a gente entende que a intelectualidade de cada docente vai fazer isso, há um grupo de conhecimentos também que vai tratar das práticas né, então a gente não coloca por exemplo a capoeira dentro de lutas, capoeira é uma prática corporal sozinha nesse currículo, efetivamente para valorizar essas práticas eminentemente afro-brasileira, e aí de acordo com cada contexto de cada professor ele vai pensar nos seus aspectos metodológicos, mas teoricamente as ementas têm que ser construídas abordando todos esses conhecimentos, que estão o tempo todo ali passando nesse currículo. (DEPOENTE 3)

Esse cuidado na construção de diretrizes educacionais que contemplem a multiculturalidade na escola não foi relatado pelos outros depoentes. Muitas vezes, essa “ponte” está enraizada no altruísmo do docente, como manifesta a professora:

-Tem no PPP, mas é aquilo: trabalhar a semana da consciência negra, trabalhar aí no mês da consciência negra. E são professores específicos que batem nessa tecla quando a gente vai montar o PPP, e aí quando tem o mês, tem 3 ou 4 professores que agitam e outros professores levam junto, mas a gente até teve o ano, acho que antes da pandemia, no ano 2019 a escola teve uma formação com o professor Natanael de Campinas, muito bom que ele já tinha feito uma formação na prefeitura, ele trouxe sobre a cultura afro também os professores gostaram muito, mas gostar e depois conseguir trazer pro dia a dia, ainda que tem muitos professores que estão por se aposentar, professores antigos que tem mais de 18 anos na escola e são poucos que tentar renovar, acaba que vão seguindo o que teve a vida inteira. (DEPOENTE 1)

Os projetos político pedagógicos, currículos e /ou diretrizes oferecem condições para que a escola tenha certa organização, identificando assim desafios presentes e instaurando estratégias que permitam superar tais desafios e cumprir com as metas e objetivos acadêmicos traçados. O PPP, sob essa perspectiva, deve ser uma ferramenta que auxilie na gestão da escola e oriente o professor no seu cotidiano.

#### 4.2.1.2.4 *Formação docente perante os conteúdos da matriz africana*

Nesta subcategoria, os depoentes apontam que a falta de conteúdo referente à matriz africana no currículo da graduação de Educação Física é um fator que dificulta o processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito a essa temática:

-Infelizmente, não foi na formação. Eu entrei na faculdade em 2004, então, a lei já estava posta né? Eu sou formado em 2007 e nenhum momento da minha graduação essa discussão foi feita de forma substantiva, nenhum momento, nenhum. Eu fui formado num outro contexto, onde eu fazia uma complementação do curso de licenciatura e nem é nessa complementação essa discussão foi feita né. Então, essa discussão dentro da formação inicial foi muito frágil, embora a gente estava pensando que no momento a lei estava sendo implementada. Para você ter uma ideia eu não tive aula de capoeira e em nenhum momento ninguém discutiu a capoeira na minha formação, e aliás já fiz essa pesquisa assim razoável, pouquíssimas universidades de educação física oferecem capoeira na sua formação, mas oferecem basquete, por exemplo. Então essa relação da formação do Brasil é muito complicada. Eu fui tratar mais disso no mestrado e no doutorado, quando eu fui estudar o currículo do município. Porque no município do São Paulo, naquele momento, existia no currículo esse debate oposto e aí eu tive mais acesso à legislação etc., fiz até uma disciplina ali na USP com Walter Roberto Correia que essa discussão não perpassou, mas eu acho que a gente já foi avançando no doutorado e depois pensando na importância desse tema ir para as aulas tá. (DEPOENTE 3)

-Durante meus estudos eu fiz alguns cursos. Depois de formada também fiz outros cursos de formação, tanto da prefeitura aqui de São Paulo, mas não era voltado especificamente para Educação Física e depois que eu voltei a morar aqui em São Paulo eu fiz parte de um grupo estudos da UNINOVE por um semestre, mas voltado totalmente a Educação Física eu participei de eventos, seminários congressos, mas de formação só para Educação Física não que eu me recorde agora, eu acho que eu não fiz nada. (DEPOENTE 2)

Há ocasiões em que as temáticas referentes ao conteúdo da matriz africana na Educação Física são tratadas no curso de graduação, porém isso não ocorre de uma forma didática, que ofereça ao professor as ferramentas suficientes para controlar o tema e abordá-lo com autoridade, tal como afirma a professora:

-Na faculdade eu tive, por que eu tive a disciplina de capoeira lá, e entrava um pouco lá, mas bem pouco e nas formações da escola é tipo uma formação no ano, no mês da consciência negra se fala, mas eu vejo que é só o professor que é interessado que vai atrás, mas tem muitos que nem tocam no tema, mesmo sendo lei. (DEPOENTE 1)

Os professores discorrem sobre uma formação continuada que permita atender às exigências pedagógicas para a abordagem dessas temáticas, ressaltando a falta de estudo desse conteúdo durante suas formações iniciais, o que dificulta em grande medida as suas competências para ensinar:

-Então não tive nenhuma matéria voltada para as questões étnico-raciais. Eu nem lembro exatamente como foi que eu encontrei essa lei. Eu estava procurando um tema para minha pesquisa e eu não queria nada de convencional né, nessas, algumas monografias não me interessavam, assim “ah”, força superior de idosos ou ensino do futebol”, essas coisas eu não queria. E as questões étnico-raciais estão presentes na minha vida desde sempre[...], então, é uma questão que a minha família sempre conversou comigo desde pequena; e aí tem uma disciplina que se chama,... como é o nome da disciplina agora, que a gente aprende as tendências da Educação Física; e aí

a partir dessas tendências a gente vai falando um pouquinho sobre as dimensões dos conteúdos tal, aí atrás, e aí nesse momento vem trazendo um pouco a questão de gênero, a questão das etnias e somente nesse momento que a gente abordou, que eu tive contato na graduação (DEPOENTE 2)

A Lei 10.639/03, que estabelece as diretrizes da educação brasileira no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio, determina a obrigatoriedade da temática da história e cultura afro-brasileira. No entanto, segundo esses professores e professoras, não há uma formação sistemática e que seja minimamente eficiente para que os docentes consigam levar esses tópicos para sala de aula.

-Então na educação física não, né? por que eu me formei em 2004, então a lei é do 2003, foi uma discussão que não existiu na minha graduação de Educação Física... É, eu me formei no 2004, no final do ano 2004, eu peguei o final do processo de discussão, (DEPOENTE 4)

-Eu acho que sempre a gente aprende, nunca é negativo, “ah não deu para aproveitar nada” essas formações são bem práticas então são vídeos, textos não muito longos a gente não tem por exemplo uma dissertação, um artigo, a gente lê coisas rápidas né? mais o que sinto de dificuldade, isso agora no chão da sala de aula, que a gente vê no chão de quadra é que a gente está com muitas demandas (DEPOENTE 2)

O despreparo sobre algum conteúdo ocasiona insegurança em relação aos tópicos relativos à matriz africana por parte dos professores. É imprescindível que o professor seja capacitado para lidar com as situações que podem se apresentar na sala de aula devido às diferenças culturais presentes nela, e também para ter domínio da temática, a fim de que as atividades de ensino provoquem transformações no conhecimento dos alunos.

Nesse sentido, a preparação dos docentes em relação a esses temas permite otimizar o processo de ensino-aprendizagem e favorece, assim, a criação de espaços onde se contemple e se estude a diversidade cultural:

-Além de formação específica e que eu digo formação mesmo de trazer, dar instrumento para o professor, claro a teoria é superimportante, mas o professor precisa ter instrumento para dar aula, precisa mesmo aí aprender uma brincadeira, aprender uma cantiga fazer, entendeu? Para poder trabalhar, então, eu acho que precisa instrumentalizar o professor também com as formações, tanto na faculdade, tanto na formação continuada na própria prefeitura. (DEPOENTE 1).

-Eu não fiz nenhuma formação específica. (DEPOENTE 3).

O processo de ensino-aprendizagem é algo recíproco, pois o professor está sempre em constante formação, aprendendo diante de situações ou contextos. O professor que identificamos como depoente 3 compartilhou como seu processo de desconstrução de raça e de gênero ocorreu por meio de situações que viveu com os alunos, e como essas vivências o fizeram reconsiderar seus debates:

- Eu acho que...Eu fui me descontruindo muito durante o ser professor. Eu sempre comento que eu achava que fazia discussões antimachistas, por exemplo, até entender que a minha fala era machista. Porque um estudante do EM falou “professor você está sendo machista”. Sabe. Então, os alunos, os estudantes, da periferia de São Paulo, porque até hoje, antes de vir para o Instituto Federal, eu trabalhei na periferia. Eles me fizeram reconstruir Olha Gina eu acho que o que facilitou pra mim primeiro foi

ter contato com as pessoas que trata nesse tema, embora que um contato de bastante resistência porque as pessoas estão sempre imersas aí nos seus trabalhos você está vendo a dificuldade de falar com alguns professores não porque não queira mais porque estão nesse processo, eu acho que eu fui me desconstruindo muito durante ser professor sabe Gina? eu sempre comento eu achava que eu fazia as discussões antimachistas por exemplo até entender que a minha fala era machista porque um estudante do ensino médio falou “professor você está sendo machista” sabe? então os alunos, os estudantes da periferia de São Paulo, porque até hoje antes de eu vir pro instituto eu trabalhava na periferia e eles me fizeram desconstruir a minha visão de raça, de gênero, de classe social, por que com eles, no contato deles é que eu comecei a pensar nas coisas que eu fazia e como que eu reproduzia esse racismo estrutural, essa desigualdades que são estruturais e ainda reproduzo, viu Gina, nos vários momentos. Mas eu acho que, embora tenha uma Juventude que está, que abarcou esse a questão conservadora dos últimos anos, tem uma outra Juventude nas resistências mesmo que vem trazendo coisas que você não acredita. Nunca esqueço, eu trabalhei numa ETEC também, ETEC que é uma escola técnica aqui em São Paulo que não instituto, é estadual né, em Guaianazes, uma região bem periférica aqui de São Paulo e tinha umas meninas que valorizavam o cabelo negro, que dançava samba, que faziam uma discussão fortíssima na escola e aí se alguém fizesse um debate preconceituoso naquele contexto, elas iam para cima na hora. Então, tem uma organização coletiva da juventude nas periferias que as pessoas não vêm e não falam, e quando você vai para essas escolas e tem contato com essas pessoas é que você começa a se transformar, eu não sei se isso facilitou, mas foi isso que me transformou a pensar numa outra educação física sabe. (DEPOENTE 3)

Os depoentes destacam que a formação vem também do cotidiano docente, na forma de uma formação mais empírica e autônoma, referente tanto às leis como às temáticas da matriz africana na Educação Física. Em diversas ocasiões, os professores procuram formações ou ampliam seus conhecimentos por conta própria. Não podemos negar a importância dessa formação que acontece no cotidiano, mas devemos destacar o seu caráter idiossincrático, pois depende do interesse do professor.

-O que me transformou foi o contato com as pessoas desses coletivos de resistência, sabe? porque não foi a graduação, não foi o mestrado. No doutorado eu comecei a me aproximar desses temas muito mais por afã do que um por uma questão de orientação de estrutura, então, acho que foi um caminho que foi me aproximando, mas, de novo, a gente reproduz o tempo todo questões estruturais racistas, machista. Não há uma pessoa no Brasil que não reproduza essas questões, porque nós vivemos num país assim né, e esses coletivos vão fazer a gente repensar as práticas. (DEPOENTE 3)

Nesse sentido, pode-se afirmar que é necessária a preparação e formação continuada dos professores e daqueles que estão em processo de formação inicial, para que a lei e a abordagem desses conteúdos sejam efetivadas.

-Eu acho que o que é importante agora são essas formações que garantem que os professores tenham contato e a partir dessa lei pensar na prática, está bom, tem a lei 10.639, mas como é que eu posso trabalhar? Eu vou trabalhar só quando estou falando de capoeira é que vou falar sobre negro, mas quando estou falando o resto não vou falar, então acho que é importante proporcionar para esses professores formações para suas áreas específicas, para área de história, português, matemáticas e assim por diante, que eles consigam enxergar, que fique palpável, por que quando a gente vê uma lei a gente fala “nossa que legal” mas como é que vou colocar isso em pratica, para o professor que é leigo, para mim fica mais fácil, mas se a gente colocar uma outra legislação que eu não conheça por exemplo também vou ficar “meu, e como é que a gente faz isso?” (DEPOENTE 2)

A partir da preparação dos professores para aplicar essa lei no “chão da escola”, pode ser construída uma pedagogia intercultural e diversa, que facilite o processo de criação de identidade cultural dos alunos e dos professores negros, mas também com o objetivo de promover as relações entre diferentes culturas (interculturalidade) dentro do mesmo espaço, fomentando o respeito.

#### 4.2.1.3 Recursos metodológicos para a abordagem da matriz africana na Educação Física escolar (RMM)

##### 4.2.1.3.1 *Referências culturais como recurso para a abordagem da matriz africana*

O conteúdo da Educação Física escolar fundamenta-se na cultura corporal, porém muitas vezes as manifestações de grupos minoritários ou de outras culturas não são abordadas como parte dessa mesma cultura. Por isso, é importante tratar de modelos ou estratégias que poderiam ser implementados para a discussão referente à Educação Física Intercultural.

Entre os indicadores desta categoria, destacam-se algumas referências culturais que são implementadas como ferramentas para a abordagem das manifestações da matriz africana nas aulas de Educação Física escolar, como meio de intervenção para o tratamento do fenômeno do multiculturalismo presente no contexto escolar.

-A gente teve um retrocesso em diversos debates, eu acho que entender sim que os dados que estão explícitos eles existem não foram manipulados, então acho que isso é fundamental para que a pessoa entenda, por que é que tem que ser trabalhada essa questão, e aí a partir disso eu acho que ter essa visão ampla da questão de que a gente não vai trabalhar só a questão étnico-racial, quando a gente vai falar de jogo, de maculelê, quando a gente vai falar da roda de capoeira, a gente vai falar sobre o nosso dia a dia. (DEPOENTE 2)

Agrupam-se, entre os referentes culturais para esta categoria, todas as ações pedagógicas vinculadas às manifestações que fazem alusão a elementos relacionados com a história africana e afro-brasileira, dentre as quais se destacam as danças, as brincadeiras, os jogos tradicionais e a capoeira:

- Eu procuro diversificar bem, eu trabalho dos jogos e brincadeiras, por áreas de nosso país de outros e vou pros esportes, já trabalhei com parkour, já trabalhei com futebol americano, com Rugby, ginástica, danças né? Então eu procuro diversificar bastante e a capoeira que faz parte de mim, já todo ano trabalho com todo mundo a capoeira, aí com os maiores eu trabalho capoeira e maculelê. (DEPOENTE 1)

-A gente teve a capoeira, jongo, a gente já teve Batuque, aí estou falando de práticas que eu acabei fazendo em aula, mas assim tem outras que outros professores também fizeram, outras coisas tipo que acontecem em vários momentos na escola. Falando no meu caso em específico, o jongo, samba, e aí o samba no contexto de carnaval, de samba enredo. (DEPOENTE 4)

- Eu trabalho com conteúdo principal, pensando no conteúdo africano e afro-brasileiro, com capoeira... já trabalhei letra de música [...] para a gente analisar o que é que estava falando, se é próximo do nosso dia a dia, e nas minhas aulas também eu trago esses debates de forma paralela, esses temas discussão de gênero também que



aparece bastante mais de conteúdo propriamente africano e afro-brasileiro eu trabalho com eles a capoeira (DEPOENTE 2)

A forma como os professores abordam essas referências nas aulas de Educação Física é sempre próxima de circunstâncias reais, ou seja, os professores buscam levar para a aula as temáticas de uma forma contextualizada em relação à realidade dos sujeitos, considerando o contexto social do qual fazem parte. Com isso, a finalidade é que o aluno crie consciência sobre sua própria identidade e circunstâncias sociais atuais.

-Muitas brincadeiras a gente faz de uma forma teatral. Por exemplo, eu faço por exemplo acorda capitão do mato, eu explico quem é que era o capitão do mato, a gente fala da escravidão, falo da luta do negro, sempre falo que a capoeira foi um dos instrumentos que ajudou ao negro se libertar. Nunca trago o negro como “coitado”, explicou para eles que eles foram escravizados, que eles não eram escravos, que eles forma arrancados de lá que eles eram reis, que eles tinham sua vida lá. Então, tento trazer um pouco porque, as vezes, não sabem nem o que é escravo. Então, eu tento trazer isso, eu falo até para eles, imagina vocês estão na casa de vocês e vem alguém pega vocês e levam um para um lado, leva o outro pro outro, aí você vai para um lugar que você não sabe a língua. você não sabe nada, então, tem que trazer isso para eles. E aí através de brincadeiras e muita cantiga, muita música, eu mostro vídeos, dessa maneira que eu trabalho a capoeira. (DEPOENTE 1)

Ao analisar as falas dos professores, é possível determinar que, metodologicamente, o uso das referências culturais ocorre de forma contextualizada para instaurar a interculturalidade na Educação Física. Nesse sentido, entre as respostas, destaca-se o uso dos próprios representantes das práticas de manifestações da matriz africana, com a finalidade de aproximar os alunos a um contexto real e autêntico. O objetivo disso é gerar um vínculo entre a comunicação verbal, afetiva e a corporal, o que faz também com que o aluno conheça a cultura na qual esses representantes estão inseridos, de modo a favorecer o processo de dialogicidade entre as diferenças culturais:

-Eu trabalho muito com os representantes, com as pessoas que fazem as práticas. Então, todos os meus projetos sempre tem um mestre de capoeira que não acadêmico, um dançarino de hip hop que não é acadêmico, porque eu quero que os estudantes tenham contato com os representantes das práticas. Não só para eles apresentarem a gestualidade dessas práticas, mas para eles falarem na cultura na que eles estão inseridos. Então, ai eu vou trazer um pouco no campus de São Paulo a gente teve a oportunidade de criar um projeto chamado “práticas corporais educação intercultural”, então, esse meu projeto trabalha com estudantes bolsistas e a gente convidava, Gina, pessoas de várias comunidades para vir na aula de educação física para fazer a discussão, então eu trouxe moradoras de uma comunidade quilombola para falar das brincadeiras quilombolas de um quilombo que fica em Bertioga. Eu trouxe dançarinos de hip hop do movimento hip hop, mestres de capoeira de quilombos; efetivamente que são mestres, que tem uma história na capoeira linda, mas que não escrevem sobre isso porque é oral, a história da capoeira não é escrita, muitas vezes, então comecei a trazer esses temas e estudar com os estudantes esses temas. Então, normalmente a gente finalizava o ano sempre com apresentação de trabalhos aos alunos, que os alunos iam estudar as relações de gênero, as relações de raça, as relações econômicas que atravessam nas práticas corporais, e esse ano especificamente, na volta, aliás durante a pandemia, a gente conseguiu fazer uma discussão interessante estudando esses temas (DEPOENTE 3)

Entre as falas dos professores participantes dessas entrevistas, destacam-se algumas experiências relacionadas aos referentes culturais e às manifestações da matriz africana, as quais abrem espaço para uma Educação Física Intercultural. Esses referentes funcionam como ferramentas inovadoras para o ensino, que possivelmente aumentam a motivação de participação do aluno; apresentam instrumentos estruturadores da realidade, permitindo ressaltar o contexto cotidiano e social dos alunos; selecionam elementos formadores que contribuem na orientação e organização do ensino, resultando em diversas ações pedagógicas que impactam positivamente o aprendizado do aluno. Além disso, os depoentes fazem uso de elementos expressivos através dos quais podem comunicar uma realidade do território, sugerindo problemas de pesquisa que instiguem os alunos e os próprios professores a procurar maior informação sobre os conteúdos e as suas implicações.

#### 4.2.1.3.2 *Recursos metodológicos e material didático para a abordagem da matriz africana*

Os recursos metodológicos e material didático empregados para a abordagem dessas temáticas são fundamentais para que as políticas públicas cheguem à escola, pois materializam atividades significativas e diversas para que o aluno participe ativa e efetivamente da aula.

Esses elementos são usados pelos professores para o desenvolvimento dos conteúdos dentro da aula com o objetivo de fomentar uma resposta a demandas curriculares referentes ao trabalho com a matriz africana.

As tecnologias, entre elas as redes sociais e a internet como um todo, têm se convertido numa ferramenta que pode facilitar a aprendizagem colaborativa, criando espaços de troca de informação, que acabam sendo um lócus de comunicação intercultural:

- Eu acho que as reportagens são coisas bem legais de trazer, as próprias falas dos alunos que eles alguns momentos, tanto as falas boas tanto as ruins, que eles não entendem que brincar que o cabelo é duro é um racismo e você trazer isso para aula é enriquecedor também, e assim tem muita coisa acontecendo, os influencer isso é um tema que vem sendo bastante debatido nas redes sociais, o TikTok tem coisas legais, o Instagram tem coisas legais que você pode utilizar nas suas aulas, podcast tem coisas que são coisas que são bacanas também, acho que muita coisa dá para ser discutida tanto algo que enriqueça sua aula, tanto algo que aconteça e você traga para debate, novelas porque é que a gente não vê protagonista negro? Porque é que a empregada sempre vai seguir sendo a negra? Porque no comercial de esportes de tênis tipo a gente só vê uma negra ou um negro correndo lá no fundo, e aí quando para os maiores tem uma mulher branca, magra e de cabelo liso, então acho que essas questões midiáticas que os alunos estão aí nessa geração dos teclados, da tela eu acho que isso é muito importante, a gente começar a trazer também para as aulas de educação física. (DEPOENTE 2)

-Recursos tecnológicos ajudam muito né? nessa escola que eu estou tem internet que eu estou, tem televisão, tem livros também, eu também trago livros, eu leio às vezes, principalmente na capoeira se eu achar alguma coisa de outros temas, mas eu também leio para as crianças... Assim eu não sou contra de ficar na sala, de passar um vídeo, de passar um texto claro que não, eu falo para eles gente a educação física aprende de todas as maneiras, pode ser com uma música, pode ser com um texto, pode ser com

um filme, não é só chegar na quadra e correr, tem várias maneiras de falar e é importante você entenderem o que vocês estão fazendo, saber que tem uma história atrás, saber porque que veio, saber como se modificou aquela atividade (DEPOENTE 1)

Há grande variedade de materiais que podem ser utilizados dentro das aulas de Educação Física com a finalidade de potencializar o tratamento do fenômeno do multiculturalismo por meio da Educação Física Intercultural, com base nas manifestações da matriz africana. O objetivo desses materiais é, também, fazer com que o aluno tenha maior acesso e gerar maior interesse dentro e também fora da aula:

-Então por exemplo tem os murais, algumas coisas da escola aí, colocar algumas coisas ali nesses murais, seja cartazes ou de repente alguns textos, alguma coisa que chamasse a atenção para despertar esse interesse... trazer pessoas na escola, ai depende, vamos imaginar vai trabalhar com Hip-Hop, então vou trazer as pessoas do movimento Hip-Hop, em algum momento para alguém dançar, fazer alguma intervenção e puxar essa conversa em algum momento com os estudantes. Lembrando que assim se a gente for pensar hoje nas aulas de educação física, o break muitas vezes, ele vai estar presente, (DEPOENTE 4)

O uso da literatura que abrange estas temáticas foi indicado pelos depoentes como uma ótima estratégia metodológica para a sua abordagem:

-Uma coisa que eu tenho feito bastante é produzir um espaço de materiais que dialogam com as questões étnico-raciais. Então, de sugestão de materiais eu tenho utilizado bastante os livros de Rogério Andrade Barbosa até pra falar de obras para crianças. Não sei se você já viu essa, “Kakopi Kakopi. Brincando com as crianças de Vinte países africanos”. Esse mesmo autor junto com Yaguarê Yamã escreveu: “Doze brincadeiras indígenas e africanas”. E o primeiro livro que o encontrei desse autor, esse aqui “Ndule Ndule, como brincam as crianças africanas”. E o que que eu tenho feito, como dou aula na pedagogia, também eu tenho organizado o material tanto para minhas aulas do ensino superior, tanto para pensar nessas práticas e fazer a leitura com o ensino médio né? uma obra que me encanta muito, muito é essas “princesas negras” (DEPOENTE 3)

Os recursos metodológicos e os materiais didáticos são fundamentais na Educação Física, especialmente na abordagem da Educação Física Intercultural, uma vez que permitem ao aluno ter experiências múltiplas mediante as quais vai atingir maior compreensão e assimilar a temática trabalhada, que pode ser aproveitada por eles para se relacionar com o entorno sociocultural. Dessa forma, os alunos adquirem competências e habilidades, o que aproxima cada vez mais o cumprimento dos objetivos da aula e o sucesso do processo de ensino-aprendizagem referente a essa temática.

O professor e antropólogo Kabengele Munanga (2005) manifesta que a falta de representações positivas nos materiais didáticos, assim como de histórias em que o corpo negro é autor ou protagonista, faz com que as crianças negras se sintam silenciados dentro do contexto escolar. Esse fator é também um grande multiplicador das diferentes expressões do racismo da e desigualdade, por isso, a implementação desses recursos e materiais didáticos acaba sendo

uma grande ferramenta para a fundamentação de uma Educação Física Intercultural que trata do fenômeno do multiculturalismo.

#### 4.2.1.3.3 *Papel do professor em relação aos recursos metodológicos para a abordagem da matriz africana*

O professor, segundo os depoentes, pode cumprir um papel de gerador de novas experiências e conhecimentos para os alunos, provendo ferramentas que permitam o desenvolvimento de competências e habilidades de convivência em diferentes contextos e situações.

Para a análise deste indicador, destacou-se entre as respostas o fato de que, em muitas ocasiões, os docentes têm o papel de mediador e solucionador dos conflitos que acontecem na aula, reflexo do dia a dia que o aluno vive na sociedade. É também papel do professor auxiliar no processo de construção de identidade dos alunos em sua própria cultura, a partir da criação de interesses, valores compartilhados e respeito aos padrões culturais, desenvolvendo habilidades para construir ambientes de promoção de tolerância e respeito em relação às diferenças coexistentes.

-Em momento que acontecem situações específicas, por exemplo teve um interclasse, um aluno xingou de outro não lembro se foi de macaco enfim e aí ele saiu do interclasse, e a sala foi desclassificada por esse momento e aí foi feita uma conversa sobre isso, sobre o que aconteceu. ...Se eles usam no dia a dia deles, por exemplo “três neguinhas” eles não faziam ideia que três neguinhas era algo, “ah, mas você não fala três neguinhas quando vai bater o card de vocês?” então trabalho nesse momento, quando lá pros maiores teve a situação da jogadora de vôlei que ela foi xingada de macaco trago para eles também, então é nesse momento que eu consigo também trabalhar (DEPOENTE 2)

-Eu já tive turmas que a gente teve falas racistas que tiveram que ser trabalhadas na aula e aí demandaram um tempo maior de discussão (DEPOENTE 4)

Tais situações se apresentam também como oportunidades para que os próprios alunos que são portadores de diversidade cultural e têm características físicas diferentes do grupo hegemônico possam refletir e transformar essas relações:

-Eu tive um que já saiu, ele usava o cabelo Black e aí a gente teve algumas questões das crianças falarem do cabelo dele, e eu trouxe ele para a roda e a gente conversou com as crianças sobre o cabelo. Ele falou que não gostava quando as crianças falavam aquilo e foi se resolvendo também tranquilamente. Ele fazia trancinhas. ele deixava o cabelo comprido. E sempre que tem essas questões de preconceito, eu sempre, a gente conversa com as crianças (DEPOENTE 1)

O papel do professor ultrapassa as funções puramente teóricas, sendo que estas devem estar atravessadas por componentes sociais, éticos e morais, com o objetivo de que o processo de ensino-aprendizagem seja o mais crítico possível. Isso é feito a partir da ampliação do estudo do objeto da disciplina; da abertura de opções para que, mediante às aulas, sejam estabelecidos espaços para combater ativamente toda expressão de preconceito e racismo; da valorização dos

antecedentes e contribuições da população africana; do reconhecimento, que deve ser estimulado aos alunos, do Brasil como um país diverso, cujo povo é descendente de diversas culturas e etnias, entre elas a africana, como destaca o depoente 3:

-Há um estímulo, por exemplo, do professor discutir racismo no esporte e não só no esporte né; há toda uma questão dos professores, a trabalhar com as práticas das comunidades quilombolas, discutir a cultura dessas práticas, e não somente e as práticas. Então, esses saberes não estão vinculados só as práticas, mais precisamente, essas relações que atravessam né, esses saberes que são atravessados por elas. (DEPOENTE 3)

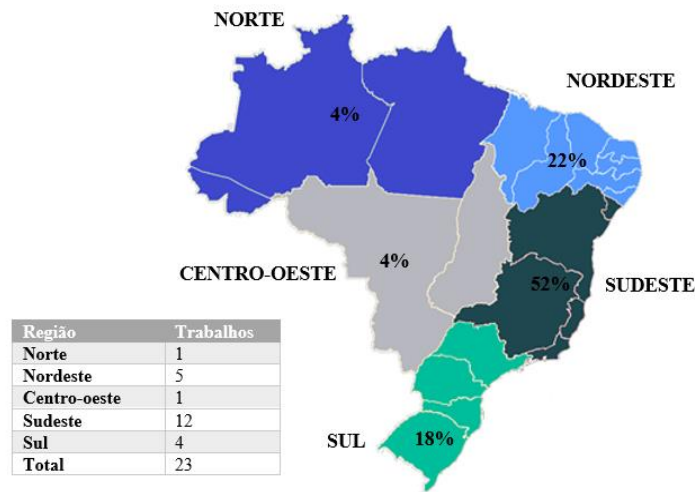
Portanto, o papel do professor perante a abordagem dessas temáticas fundadas numa Educação Física Intercultural vai além de ministrar aulas teóricas ou práticas por si só; envolve compartilhar conhecimentos e criar espaços de reflexão que permitam ao aluno desenvolver as competências de respeitar, tolerar, identificar e entender as diferenças culturais que existem no contexto tanto escolar como social, favorecendo processos de construção de identidade cultural e visando a criação de uma sociedade mais respeitosa e indulgente.

Antes de apresentarmos uma síntese dos resultados, tendo em vista os objetivos da dissertação, sentimos necessidade de fazer uma busca na literatura de trabalhos que pudessem complementar ou tensionar os resultados das entrevistas. Essa busca está sintetizada no tópico seguinte.

#### 4.3 UM OLHAR A PARTIR DAS PRODUÇÕES E LITERATURA (APORTE DA REVISÃO DE ESCOPO)

Ao realizar a busca por estudos referentes ao fenômeno do multiculturalismo como fato social, abordado a partir da Educação Física Intercultural com ênfase na matriz africana, foi possível identificar 23 publicados desde o ano 2004, isto é, desde a promulgação da lei. Com relação ao tipo de trabalho, 11 desses estudos correspondem a dissertações de Mestrado, dois a teses de Doutorado e 10 são artigos de revistas científicas. Com relação à distribuição regional, os estudos foram realizados majoritariamente na região sudeste do país, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, de onde vieram 55% dos trabalhos (12), seguido pelas regiões Nordeste e Sul, ambas com 22% (cinco) e 18% (quatro), respectivamente. Por fim, as regiões do Centro-Oeste e do Norte concentraram 5% (quatro) e 4% (um) respectivamente. Tais percentuais são ilustrados na Figura 3 abaixo:

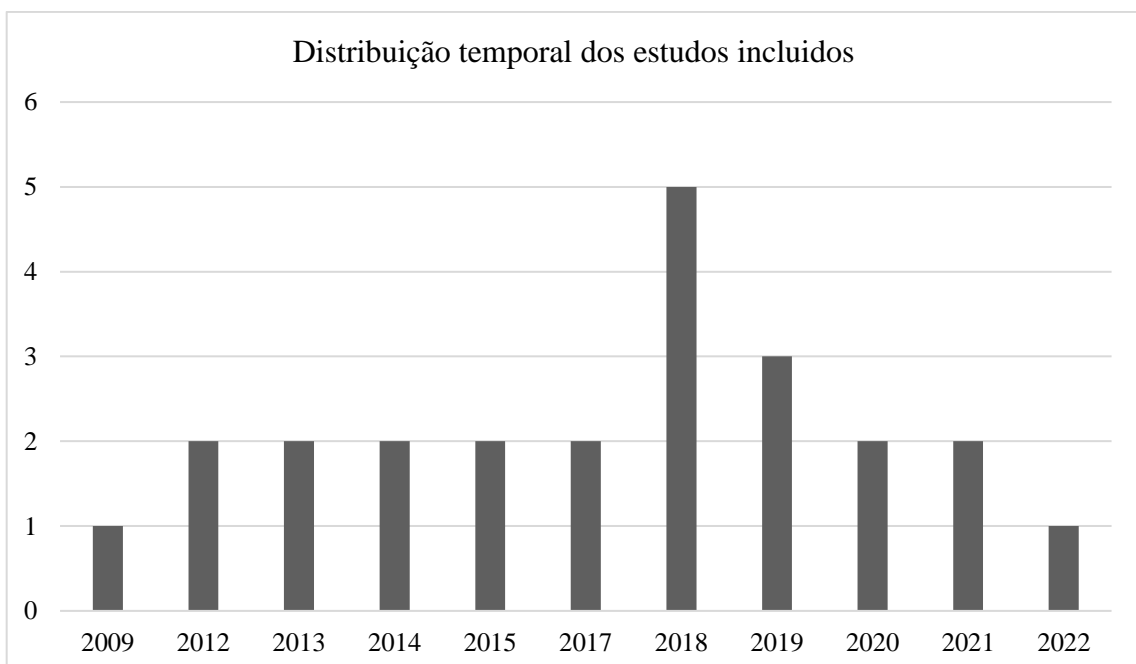
Figura 3 – Distribuição geográfica dos estudos



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Em relação à distribuição temporal (Figura 4), por sua vez, é possível identificar que as primeiras publicações após a instauração da lei começam a aparecer no ano de 2009, porém ainda de forma incipiente. Entre os anos 2009 e 2012, foram identificados apenas três trabalhos. No período entre 2011 e 2016 não foram encontradas publicações. Somente a partir do ano de 2012 são encontradas produções com maior regularidade acerca dessa temática, aproximadamente nove anos após a proclamação da Lei 10.639/03. O pico mais alto de publicações aconteceu no ano de 2018 (cinco). É importante destacar que só foram incluídos nesta busca os trabalhos publicados até dezembro de 2022.

Figura 4 – Distribuição temporal dos estudos



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Do ponto de vista metodológico, 83% das produções analisadas neste estudo correspondem ao enfoque qualitativo (respondem a questões que trabalham com diferentes significados e abordam fenômenos que precisam de análise e exploração do pesquisador), 4%, quanti-qualitativo, enquanto 13% não foram de natureza empírica.

Entre os estudos analisados, observa-se uma variedade de métodos, sendo que se destacam as pesquisas de tipo exploratório, descritiva, estudos de caso, pesquisa-ação, bibliográfica, documental, interpretativa e mista.

Sobres os instrumentos para coleta de dados, foram identificados questionários e entrevistas semiestruturadas em 13 dos estudos analisados. Além desses, outros instrumentos utilizados foram a análise documental e a análise bibliográfica em 9 estudos (evidentemente essas análises vêm auxiliadas com questionários e entrevistas também). Por fim, a observação das aulas e os diários de campos se fazem presentes em 5 estudos.

No que diz respeito ao público-alvo, considerando aqueles estudos em foi possível identificar a amostra, dois dos estudos analisados incluem os estudantes como amostra de pesquisa e 19 incluem os professores e/ou gestores.

Vale ressaltar, ainda, os autores mais citados. Os estudos incluídos nesta revisão citam, com maior incidência, o professor brasileiro-congolês Kabenguele Munanga, que estuda a antropologia afro-brasileira e é um autor de grande destaque em estudos sobre a abordagem dessa temática a partir de uma perspectiva geral da educação. O professor Munanga não faz uma abordagem vinculada propriamente à Educação Física, porém seus estudos e produções aportam bastante como fundamento e base teórica ao vincula-los com a Educação Física escolar.

Outro autor que aparece com frequência é o professor Luiz Gonçalves Junior, que se destaca com trabalhos referentes à etnomotricidade. Além deles, encontramos a professora Petronilha Beatriz Gonçalves, que aborda as temáticas da educação das relações étnico-raciais e o professor Marcos Garcia Neira, com produções relacionadas à Educação Física Cultural. Por fim tivemos também as autoras brasileiras Nilma Lino Gomez e Ivanilde Guedes, que abordam temáticas referentes à negritude, movimento negro no Brasil.

#### **4.3.1 Análise Temática**

Apesar de utilizarmos as palavras-chave como critérios de inclusão e exclusão para realizar a busca dos estudos, o que permite ter uma expectativa referente aos conteúdos presentes nas análises, pudemos distinguir a predominância de cinco temas, os quais agrupamos em três categorias, da seguinte forma: 1) A formação a partir da perspectiva da Lei 10.639/03;

2) Análises curriculares e dos conteúdos a partir da perspectiva da Lei 10.639/03; 3) Propostas didático-metodológicas de currículo para uma Educação Física Intercultural. A terceira categoria foi subdividida implicitamente em subcategorias específicas, que são: a) Processos pedagógicos; b) Jogos e brincadeiras da matriz africana; c) Danças e corporeidade como manifestações da matriz africana; d) Capoeira como prática essencial da cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física. Para fins de organização, essas categorias estão agrupadas na Tabela 3 a seguir, com seu(s) respectivo(s) autor(es) para que depois seja realizada a análise detalhada.

Tabela 3 – Categorias e autores identificados na revisão

| <b>Temáticas</b>   | <b>Autores</b>  | <b>Trab.</b> |
|--|---|--------------|
| A formação a partir da perspectiva da Lei 10.639/03                                  | (Silva Crelier, 2017); (de Souza Francisco, 2018); (Crelier & Figueiredo da Silva, 2019); (Pereira, Gomes, Carmo, & Silva, 2019); (Nobrega, 2019); (Maldonado, 2021)  | 6            |
| Análises curriculares e dos conteúdos a partir da perspectiva da Lei 10.639/03       | (Bins, 2014); (Martins, 2013); (Leal Coutinho, 2014); (Queiroz Citta, Aparecido Caetano, Miranda Ribeiro, & de Carvalho Filho, 2015); (Moreira & Silva, 2018); (Faria, 2018); (Dornelas e Silva Rocha & Souza Ugaya, 2020); (Gonçalves de Lima, Souza Junior, & Tenorio Brasileiro, 2020) | 8            |
| Propostas didático-metodológicas de currículo para uma Educação Física Intercultural | (Maranhão, 2009); (Bento, 2012); (de Souza Rizzo, 2013); (Costa, 2018); (Santos Barcelos, 2018); (Guedes, 2021); (Bravalheri, 2022) (França Britto, Aparecido Caetano, & Miranda Ribeiro, 2015); (Carneiro Guimaraes, 2017)   | 9            |

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

#### **4.3.2 Prática docente a partir da perspectiva da Lei 10.639/03**

Nesta categoria, o eixo temático fundamenta-se na verificação da prática pedagógica do professor e na visão dos estudantes sobre a Educação Física Intercultural com foco nas manifestações de matriz africana.



Os autores Crelier, (2017), Figueiredo da Silva, (2019) e Pereira et al. (2019) apresentam estudos que visam identificar e analisar as representações dos professores e alunos na escola perante as relações étnico-raciais e a abordagem da Lei 10.639/03 dentro da aula de Educação Física. Um ponto importante a destacar nesses estudos é que os resultados indicam que uma grande parte dos professores desconhecem as leis e, por esse motivo, não aplicam metodologias e/ou modelos pedagógicos que facilitem o tratamento desse fenômeno.

Nobrega (2019) e Maldonado (2021), por sua vez, também analisam o fazer docente perante os conteúdos referentes à cultura negra e afro-brasileira, fazendo uma análise crítica focada na Educação Física como contribuinte à promoção de uma Educação Antirracista. Nesse caso, foi constatado que a temática já aparece no currículo e que existem ações pedagógicas as quais pretendem indicar a diversidade étnico-racial como base orientadora, dando conta de formalidades legais, porém ainda existe um extenso caminho a ser percorrida para modificar o currículo eurocêntrico e esportivizante da Educação Física. Além disso, evidencia-se que existe uma grande quantidade de professores de Educação Física que desenvolvem projetos educativos viabilizando a valorização das diferenças e a diversidade; esses projetos não se restringem à sala de aula, atingem também o cotidiano dos alunos.

Por outro lado, De Souza Francisco (2018) tem como objetivo entender a Diversidade Cultural, porém a partir do olhar dos principais atores das aulas que são as crianças. Assim, ele procura compreender e analisar a capacidade das crianças de gerar inúmeras situações para que se debata a questão da diversidade cultural. A autora faz uma crítica um tanto política referente à dívida social que existe em relação ao povo negro, e a partir daí realizar uma análise sobre o papel da Educação Física escolar no tratamento do fenômeno multicultural que caracteriza as escolas brasileiras, considerando a formação docente um ponto chave para guiar os alunos na sala de aula.

#### **4.3.3 Análises curriculares e dos conteúdos a partir da perspectiva da Lei 10.639/03**

Os estudos de Faria (2018), Coutinho (2014), Gonçalves (2020) e Moreira (2018) visam analisar a prática pedagógica dos professores e professoras em direção a um olhar crítico referente aos documentos norteadores dessas práticas, fundamentadas na implementação da Lei 10.639/03, sinalizando os cenários perceptíveis na realidade social.

Os autores buscam discutir e analisar a maneira como a lei é tratada pelos docentes de Educação Física e, após as análises que realizam em suas pesquisas, os autores destacam a pouca ênfase dada a essas questões e a necessidade de formação dos professores para lidar com esse fenômeno.

O estudo de Bins (2014) e Queiroz (2015) busca analisar as possibilidades que existem para o desenvolvimento do trabalho com as questões étnico-raciais nas aulas de Educação Física. Para isso, é verificada a abordagem que os professores dão para essa temática nas aulas e há uma tentativa de identificar os dispositivos político-pedagógicos que intervêm no tratamento deste fenômeno. É descrita, ainda, a estratégia metodológica que um professor adota por meio do uso dos valores civilizatórios afro-brasileiros, a qual é sugerida como uma possibilidade de trabalho com as relações étnico-raciais nas aulas de Educação Física.

Os autores propõem, além disso, uma reflexão referente à inserção da lei contextualizada nos fatores histórico-sociais relacionados ao povo negro brasileiro, discutindo sobre a capacidade construtora da Educação Física em termos éticos e culturais.

Há estudos que analisam a implementação dessa temática escolar, demonstrando como essas manifestações têm se instrumentalizado nas aulas a partir da promulgação da lei. Buscando identificar e compreender os processos educativos decorrentes de uma intervenção com elementos da matriz africana, como é o caso das pesquisas de Martins (2013) e Dornelas (2020), é apontada a falta de formação e preparação do corpo docente referente a este conteúdo como um fator recorrente.

Esses estudos apontam que a abordagem dessa temática pode possibilitar uma percepção crítica em prol da construção de uma identidade cultural dos estudantes, o que favoreceria o reconhecimento e respeito das diferenças e o tratamento do fenômeno do multiculturalismo, confrontando os fatos preconceituosos e racistas que são notórios no país. Porém, a falta de conhecimento das leis e de inserção dos conteúdos dificulta a aplicação dessas práticas pedagógicas.

Em suma, vemos que, embora já vão se completar 20 anos a partir da promulgação da lei, existem ainda muitas dúvidas e desconhecimento por parte dos docentes, de modo que o difícil acesso e a falta de clareza nas diretrizes pode ser um fator determinante nesta problemática.

#### **4.3.4 Propostas didático-metodológicas de currículo para uma Educação Física Intercultural**

Os estudos agrupados nesta categoria (nove) propõem inicialmente diagnosticar e descrever as possibilidades didático-metodológicas para a inserção de temáticas que abordem o multiculturalismo com ênfase na matriz africana nas aulas de Educação Física. Com fins de organização, nesta categoria se agrupam os estudos analisados em subtemas, conforme segue:

#### 4.3.4.1 Capoeira

Diversos estudos propõem o uso de conteúdos específicos para a abordagem deste fenômeno. Entre eles, França et al (2015) analisou o impacto que tem esta manifestação própria da matriz afro-brasileira, assim como uma proposta metodológica para o trabalho deste conteúdo a partir da percepção de um grupo de professores da rede de ensino pública. Um fator recorrente em vários dos estudos analisados é o desconhecimento do corpo docente a respeito da Lei 10.639/09. No estudo citado, os autores destacam que, além desse desconhecimento acerca da lei, existe também uma falta de conhecimento adequado sobre a capoeira em si, o que minimiza a possibilidade de ser inserida como conteúdo nas aulas por parte dos professores.

No mesmo sentido, Carneiro (2017) discute a possibilidade de aplicação da capoeira nas aulas de Educação Física e, para isso, apoiou-se na análise do material didático proposto pelo governo do Estado de São Paulo no ano de 2008 e de uma revisão bibliográfica. O autor conclui que trabalhar a capoeira possibilita trabalhar a temática da cultura afro-brasileira e, assim, contempla a referida lei no currículo escolar e na realidade do ensino; no entanto, de igual forma, é pontuado o desconhecimento dos conteúdos por parte do corpo docente.

#### 4.3.4.2 Jogos e brincadeiras

Os autores Maranhão (2009) e Bento (2012) utilizam os jogos e brincadeiras de matrizes africanas e indígenas como conteúdos facilitadores no tratamento do fenômeno do multiculturalismo dentro da aula de Educação Física. Bento (2012) percebeu que os jogos favorecem a dialogicidade não só entre os alunos, mas também entre o aluno e o professor. Nesse sentido, o autor aponta que os jogos promovem a construção de modelos pedagógicos pertinentes ao reconhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira, favorecendo os processos sociais. Além disso, Maranhão (2009) identificou que os jogos possibilitam aos alunos a construção de uma nova percepção da população negra, o que gera identificações que fortalecem suas identidades.

#### 4.3.4.3 Manifestações artísticas e corporeidade

Outras manifestações foram apresentadas para tratar do fenômeno do multiculturalismo em prol de uma Educação Física Intercultural. Nesse sentido, Barcelos (2018) e Bravalheri (2022) fizeram um estudo com a finalidade de compreender as danças como criadoras de significados. Nesse estudo, eles defendem que as danças afro são manifestações que possuem um forte vínculo cultural e comunicativo, favorecem o processo de construção de identidade cultural e, por não terem a influência da indústria e da mídia, tornam-se uma forma de expressão significativa para ser estudada.

Rizzo (2013) e Guedes (2021), por sua vez, refletem sobre o corpo negro e as diferenças, entendendo o corpo como primeira via de comunicação com o mundo. Os autores propõem a construção de um currículo que traga conteúdo da Educação Física relacionados às relações étnico-raciais e que permita a comunicação com as implicações resultantes dos corpos negros na escola; as estéticas afro-diaspóricas e a filosofia Ubuntu devem ser consideradas como base para o cumprimento de tais conteúdos, por meio de uma pedagogia interdisciplinar.

Já Costa (2018) investiga a corporeidade negra fundamentando-se nas experiências culturais e vivências africanas e afro-brasileiras. Ela acredita que o trabalho com a corporeidade negra pode criar novas perspectivas dentro do contexto escolar. A autora também procura refletir sobre o papel da escola e da Educação Física por meio do estudo desse corpo negro, desconstruindo padrões e preconceitos. A análise das informações coletadas apontou a necessidade de discutir o corpo e corporeidade com maior amplitude nas aulas.

Como ponto chave desta revisão, verificamos que existem diversas possibilidades de conteúdos e atividades para tratar o fenômeno do multiculturalismo, com ênfase na matriz africana através das aulas de Educação Física, entre eles apontamos jogos e brincadeiras, danças, músicas, histórias e a capoeira como temas mais prevalentes, inclusive a abordagem do corpo e o papel da população negra nos esportes. A esses apontamentos, somam-se o que nos foi compartilhado pelos depoentes na pesquisa de campo.

#### 4.4 ACHADOS DA REVISÃO DE ESCOPO

Esta revisão permitiu a ampliação da compreensão sobre a ênfase que os pesquisadores estão dando à temática em questão. Ao fazer a análise dos estudos, foram identificadas três categorias que são majoritariamente abordadas nas produções referentes a esse tema, entre elas a formação inicial e continuada, análises crítico-reflexivas dos conteúdos e materiais curriculares e propostas de intervenção ao fenômeno nas aulas.

A falta de formação por parte do corpo docente é um fator que aparece recorrentemente como problemática na abordagem das temáticas que favoreçam uma Educação Física Intercultural, tanto no sentido de dificuldade do acesso à informação como de clareza no que diz respeito às diretrizes. Com isso, é possível concluir que se faz indispensável a implementação de formações específicas que proporcionem a correta capacitação dos profissionais sobre a temática, facilitando assim a criação de propostas e estratégias metodológicas que possam auxiliar no processo de construção cultural dos alunos.

Também foi possível identificar que as principais manifestações incluídas para a abordagem do multiculturalismo mediante a Educação Física são a capoeira, danças e algumas brincadeiras da matriz africana; no entanto, os professores de Educação Física escolar estariam

engessados pelos documentos oficiais curriculares, e esse conteúdo são limitados a professores que se interessam pela temática, o que exclui aqueles que não têm proximidade com ela. Dessa forma, não há um padrão educativo referente à Educação Física Intercultural.

Vale destacar, ainda, que há documentos e produções que realizam a análise dos documentos curriculares, que indicam a obrigatoriedade do ensino desses conteúdos, porém ao não existir uma formação continuada a inclusão dos mesmos nas aulas é dificultada.

Mesmo que esta pesquisa não tenha abordado a totalidade dos estudos relativos à temática em questão, os resultados obtidos permitem verificar a preocupação de docentes em desconstruir o protótipo curricular estado-unidense e eurocentrista e confirmar que existem possibilidades de ampliar as práticas pedagógicas com o objetivo da formação integral dos alunos.

## 5 CONCLUSÕES

Percebe-se que um ponto comum dos entrevistados é a referência ao Brasil como um país multicultural, identificando-o como um espaço diverso culturalmente e, por isso, o processo de ensino-aprendizagem deve considerar esse contexto. Esse trabalho de pesquisa partiu da premissa que o Multiculturalismo caracteriza o Brasil, ou seja, que ele é uma qualidade da sociedade brasileira. Partiu-se da premissa que a Educação física intercultural é entendida como uma ação pedagógica para dar resposta ou tratamento a tal fenômeno. Em que pese os professores e professoras não se referirem à expressão educação física intercultural, consideramos as suas respostas dentro desse constructo.

Quanto ao conhecimento da lei 10.639/03, todos os professores conhecem a lei. No entanto, os mesmos atribuem esse conhecimento aos seus interesses e não aos processos de formação inicial e formação continuada oferecidos pelas redes de educação. Dito de outra forma, cada um deles teve contato com a lei porque se interessaram voluntariamente pela discussão sobre a cultura africana e afro-brasileira na Educação física. Por outro lado, as respostas coletadas nas entrevistas apontam que as estruturas das escolas não sempre favorecem o tratamento do fenômeno, também há estudos que indicam que existem docentes que desconhecem a lei e as suas diretrizes, ou mantêm um conhecimento superficial delas.

Apesar de os professores entrevistados possuírem conhecimentos referentes à temática de Educação Física Intercultural com ênfase no conteúdo da matriz africana, o que refere à discussão principal, coincidem no fato de que o acesso à informação para todo o corpo docente é restrito. Segundo os depoentes a falta de formação representa um grande desafio para os professores, pois o desconhecimento da temática dificulta o processo de ensino-aprendizagem.

Referente ao acesso à informação e formação do corpo docente, segundo os professores entrevistados existem formações referentes à educação e as relações étnico-raciais, porém os cursos as formações que abordam estas temáticas voltados à área de Educação Física ainda são insuficientes, e os professores que acedem a eles fazem por que tem certa proximidade com o debate por seus interesses próprios. o que sugere uma dificuldade para a abordagem dos conteúdos pois quem não tem proximidade com as temáticas não tem o conhecimento suficiente para ministrar uma aula ao respeito.

Diante dos indicadores e reflexões obtidas com a entrevista realizada com os professores e professoras, verificou-se que a formulação de uma resposta na forma de uma Educação Física

Intercultural é um processo ainda distante dos professores e professoras. Em que pese o reconhecimento da necessidade de formular essa resposta. Reconhecemos a necessidade do conhecimento de certos conceitos e do tema do multiculturalismo e educação intercultural sejam apropriados pelos docentes de forma a contemplar as diferenças e tendo em consideração que o contexto escolar é o primeiro cenário de intercâmbio social e cultural. Além disso, tal ação vai de encontro aos objetivos das diretrizes e bases da educação brasileira, que apontam para o estabelecimento de uma educação e educação física intercultural como resposta ao fenômeno do multiculturalismo no qual o contexto social e por tanto escolar está imerso.

É imperativo a construção de uma sociedade que seja democrática e igualitária, que respeite a individualidade e valorize o sujeito como integrante participativo de um grupo humano rico em valores, gostos, costumes e crenças. E, conseqüentemente, uma escola intercultural onde a participação, integração, intercâmbio e reconhecimento do outro, sejam fundamentos da escola.

E é por meio destas aulas com a Educação Física Intercultural como intervenção que é possível criar estes espaços de reflexão com os alunos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino-aprendizado está naturalmente vinculado às experiências sociais e raciais dos sujeitos, diante disso, abordar a diversidade na escola é visibilizar e valorizar as diferentes culturas e etnias presentes na sociedade brasileira (consequentemente, na escola), facilitando processos de construção de identidade cultural dos mesmos. As aulas de Educação Física Escolar são ambientes propícios para o desenvolvimento de situações e atividades que promovam a troca destes conhecimentos, saberes e experiências entre os participantes, incluindo no processo duplo de reconhecer suas diferenças e afirmar o que lhes é comum.

À medida que foi se desenvolvendo a presente pesquisa foi possível identificar que há fatores que dificultam a abordagem de temáticas referentes a Matriz Africana durante as aulas de Educação Física, particularmente fatores relacionados à formação inicial, a dinâmica social e cultural; tais como a desinformação e dificuldade de acesso às informações tanto por parte do professor como para os alunos, o preconceito e desigualdade social, entre outros. O âmbito escolar brasileira pelo que foi exposto pelos depoentes, muitas vezes privilegia os conteúdos da cultura eurocêntrica, deixando de lado a cultura de descendência africana e até mesmo latino-americana e suas diversidades. Considerando o contexto social no qual estamos imersos, é importante considerar as representações das matrizes étnicas e culturais que deram origem à cultura latino-americana (embora neste estudo abordou se o território Brasileiro unicamente) nos currículos e no dia a dia acadêmico, sabendo que é um território extremamente diverso culturalmente.

É importante fazer ênfase na importância de fazer uma busca de alternativas para otimizar este quesito, pois o professor não pode ministrar uma aula sobre o que não conhece, e essa é uma das grandes dificuldades encontradas para a abordagem destas temáticas, privando assim aos alunos destes conteúdos indispensáveis para sua formação integral.

Para tais fins o termo multiculturalismo na presente pesquisa foi abordado como um fato social, reconhecendo a presença de diversas culturas num mesmo contexto; reconhecer a sociedade como multicultural permite adotar uma postura determinante, que possibilita a construção de algumas alternativas para o tratamento de fenômenos sociais atendendo as necessidades da comunidade a partir de uma análise crítica do si mesmo e dos contextos circundantes, reconhecendo os outros como elo gerador do si próprio.



Uma Educação Física Intercultural é um ambiente favorável para esse reconhecimento dos outros e suas diferenças, instaurando processos de resistência para que os sujeitos construam espaços de convivência que consolidem a possibilidade de uma sociedade igualitária, favorecendo dinâmicas de inclusão tanto dentro do entorno educativo como fora dele, criando ambientes de comunicação e integração.

Desde essa perspectiva a Educação Física Intercultural teria como objetivo gerar métodos e processos que estimulem desde sua atuação pedagógica a autonomia referente aos processos pedagógicos de cunho eurocêntrico, envolvendo caminhos para desconstruir padrões decoloniais na educação, cujo principal propósito seja o de formar sujeitos integrais com a capacidade de consolidar-se como seres éticos e morais na sociedade e que desde suas experiências e vivências próprias construam conteúdos pertinentes à realidade cultural fortalecendo relações sociais profundas.

Os espaços acadêmicos ainda tem muita caminhada para reestruturar as suas metodologias e espaços, velando pelo respeito e tolerância das diferenças, muitas vezes a diferença é vista mais como um problema e não como uma oportunidade de mudança e de criar espaços para novos debates e discussões, e até mesmo estratégias inovadoras de ensino para que assim os alunos podam ter novos referentes nos quais eles se vejam refletidos de acordo com algum marcador cultural e/ou social pautado na construção da subjetividade da identidade, colaborando com o processo de formação da personalidade dos alunos, autoestima, empoderamento bem como a confiança em si mesmo.

Ao planejar o tema objeto desta pesquisa um dos principais propósitos era o de identificar e descrever oportunidades de aplicação destes conteúdos, assim como a de obter opiniões e sugestões pedagógicas e metodológicas que facilitem o processo de ensino para os professores referentes a estes temas. Ao analisar os resultados obtidos identificaram se entre as estratégias mais aproveitadas pelos professores o uso de material didático o que gera maior foco de atenção do aluno no conteúdo, a implementação de atividades lúdicas como danças, jogos, músicas, e brincadeiras alusivos à matriz africana pode fazer com que o aluno aprenda de uma forma empírica e reproduza esses conteúdos na sua comunidade. A capoeira como um dos maiores patrimônios culturais do Brasil é um ótimo conteúdo para abordar a história Afro e Afro-brasileira que abrange diversas manifestações como a musicalidade por exemplo, que apesar de ser um conteúdo que sofre preconceito por causa da sua origem africana, atualmente está sendo algo chamativo para os alunos, e é uma atividade que além de ser um exercício que potencializa

diversas capacidades e habilidades físicas nos alunos transmite uma nova cultura e desenvolve ações éticas e morais, reforçando o respeito e tolerância entre os participantes e o processo de cimentação da identidade cultural.

Por outro lado, ao concluir esta pesquisa e ao analisar as respostas e dados obtidos identifica-se a necessidade de incluir alternativas que favoreçam o tratamento e abordagem do fenômeno da diversidade cultural presente no contexto social, tendo a Educação Física Intercultural como gerador de oportunidades e espaços de troca cultural, fazendo com que o aluno reconheça e respeite as diferentes, e também que se identifique como partícipe de uma destas culturas a partir destas manifestações, fomentando intercâmbios e interações que vão favorecer o seu desenvolvimento pessoal e humano.

Não entanto, ao longo desta pesquisa, surgiram algumas situações que dificultaram em certa medida o seu desenvolvimento; inicialmente a situação de saúde pela que passou o mundo referente à pandemia por causa do COVID-19, isto fez com que o projeto passasse por várias mudanças, atrasando um pouco o desenvolvimento; uma vez estipulado o tema após as diversas mudanças que sofreu o trabalho apresentou-se uma maior dificuldade com a localização e contato com professores com interesses no debate da Educação Física Intercultural, o fato de eu ser uma pessoa estrangeira e pouca ou nula experiência na área da docência no Brasil dificultou ainda mais este processo, afortunadamente foi possível superar estes obstáculos e foi possível concluir esta pesquisa.

Finalmente, o proposto nesta pesquisa pretende apresentar possibilidades de reconstrução do ensino da Educação Física escolar tradicional-eurocêntrica, abrindo passo à Educação Física Intercultural como ferramenta de resistência dos corpos através do movimento projetado para a construção de identidade cultural específica de cada sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUADO, O. T.; GIL J. I.; MATA, B, P. **Educación Intercultural: una propuesta para la transformación de la escuela**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2005.
- ABELLI, I.; DE ZUBIRIA, S. Cultura. **Teorías y gestión**. Universidad Antonio Nariño, 1998.
- ABRAMOWICZ, A. (2006). **Trabalhando a diferença na educação infantil**. Moderna.
- ACUÑA DELGADO, A. **La construcción cultural del cuerpo en la sociedad Raramuri de la Sierra Tarahumara**. Abya Yala, 2006.
- AGUIRRE BAZTÁN, A. **Etnografía: Metodología cualitativa en la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo, 1995.
- AGUIRRE GARCIA, J. C.; JARAMILLO ECHEVERRI, L. G. (2012). Aportes del método fenomenológica a la investigación educativa. **Revista Latinoamericana de Estudios Educativos**, 2012, p. 51-74.
- ALONSO, J. et al. Análisis de las situaciones motrices lúdicas en eventos recreativos populares. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, 2010.
- ALTHUSSER, L. **Ideología y aparatos ideológicos de Estado**. Paris: Nueva Vision, 2005.
- ARIAS, F. G. **El proyecto de investigación. Introducción a la metodología científica**. Venezuela: Episteme, 2012.
- ARTUNDUAGA, L. La etnoeducación: una dimensión de trabajo. **Revista Iberoamericana de Educación**, 1997, p. 30-45.
- ARKSEY, H., & O'MALLEY, L. (2007). **Scoping studies: towards a methodological framework**. *International Journal of Social Research Methodology*, 19-32.
- BENTO, C. (2012). **Jogos de origem ou descendência indígena e africana na educação física escolar: Educação para e nas relações étnico-raciais**. São Paulo.
- BINS, G. (2014). **Mojuodara: a educação física e as relações étnico-raciais na rede municipal de ensino de Porto Alegre**. Rio Grande do Norte.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira**. Brasília: MEC, 2004.

Brasil. (2013). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. In Brasil, Diretrizes Curriculares (págs. 496-513). Brasília: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto-Secretaria de Educação Fundamental, G. F. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC / SEF, 1997.

BRASIL. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO.

BRASIL. (2018). Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília.

BRAVALHERI, R. (2022). **Cultura africana numa perspectiva interdisciplinar: Educação Física na cultura corporal de movimento**. Motrivivencia. Revista de Educação Física, Esporte e Lazer.

CADENA CAMUEZ, A. P. et al. **La etnomotricidad. Un enfoque intercultural de las practicas motrices**. La Plata, Huila, Colombia, 2011.

CALVO, G.; GARCÍA, W. Revisión crítica de la etnoeducación en Colombia. **Historia de la Educación**, 2013, p. 343-360.

CAMACHO, S.; OLGUÍN LÓPEZ, A.; TREJO GARCÍA, C. **La investigación cualitativa**. Hidalgo: Universidad Autónoma del estado de Hidalgo, 2017.

CANDAU, V. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: A. MOREIRA; V. CANDAU. **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2008, p. 12-38.

CANDAU, V. (2009). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. 7 letras, 151-169.

CANDAU, V. (2016). **Cotidiano escolar e práticas interculturais**. Cadernos De Pesquisa, 802-820. doi: <https://doi.org/10.1590/198053143455>

CANDAU, V. (2020). **DIFERENÇAS, EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DECOLONIALIDADE**. Revista Espaço do Currículo, 13, 678–686. Obtenido de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949>

CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, 2002, 60-80.

CANTEIRO SILVA, V. (2017). **PROJETO: INDÍGENAS E AFRICANOS: NOSSAS RAÍZES**. Rio Grande: ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA WANDA ROCHA MARTINS CASSINO.

CARNEIRO GUIMARAES, L. (2017). **A CAPOEIRA E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10639/03 NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES E POSSIBILIDADES**. Amapá.

CARVALHO, N. M. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus (Coleção Corpo e Motricidade), 2007.

COSTA, N. (2018). **Corporeidade negra e educação: práticas interculturais e suas representações**. Minas Gerais.

CRELIER, C., & FIGUEIREDO DA SILVA, C. (2019). **AFRICANIDADE E AFROBRASILIDADE EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Rio Grande do Sul.

CRUZ OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J. **Educação Intercultural e Educação Física Escolar: Possibilidades de Encontro**. Santos, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

DA SILVA SANTOS, A. P. A Educação Física em uma perspectiva multicultural e as relações de gênero na escola. **Efdeportes**, 2015, 1-3.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004. De Lima Ferreira, C. **Brasil Escola**, 10 out. 2017. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/>.

DE SOUZA FRANCISCO, C. (2018). **O eu, o outro e o nós: um caminho para compreender a diversidade na educação física escolar na perspectiva das crianças**. São Paulo.

DE SOUZA RIZZO, D. (2013). **Corpo, cultura e identidade no ensino médio: uma abordagem a partir das aulas de Educação Física**. Mato Grosso do Sul.

DE SOUZA, L. (2019). **Investigación con análisis cualitativo de datos: conociendo el Análisis Temático**. SciELO, 71(2), 51-67.

DIETZ, G. **Interculturalidad y diversidad cultural como recurso educativo**. Ciudad de Mexico: Scielo, 2019.

DORNELAS, Silva Rocha, S., & Souza Ugaya, A. (2020). **A África pra gente. Motricidades**, 100-112.

DOS SANTOS NOBREGA, C. (2019). **EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar**. São Paulo.

DUSSEL, E. Cultura imperial, cultura ilustrada e libertação da cultura popular. In: DUSSEL, E. **Para uma ética da libertação latino-americana III: erótica e pedagógica**. São Paulo: Loyola, s.d.

ETXEESTE OTEGI, J. et al. El placer de descubrir en praxeología motriz: La etnomotricidad. **Asociación científico cultural en Actividad Física y Deporte**, 2015.

FANON, F. (2008). **Peles negras, mascaras brancas**. Espanha: Ediciones Akal.

FARIA, C. (2018). **História e cultura afro-brasileira nas aulas de educação física do Município de Cariacica: Uma proposta curricular**. 2018.

FELDMAN, W. **Esporte, inclusão e magia**. São Paulo: Vox gráfica e editora, 2008.

FERNANDÉZ, J. La importancia de la Educación Física en la escuela. **Efdeportes**, 2009.

FLEURI, R. (2000). **Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais**. In V. Candau, Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa (págs. 67-81). Rio de Janeiro: DP&A. doi:<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184780>

FRANÇA Britto, I., Aparecido Caetano, W., & Miranda Ribeiro, A. (2015). **CAPOEIRA E ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA: ANÁLISE DO MATERIAL DO ALUNO – CICLO II**. São Paulo.

FREIRE, P. **Pedagogia libertadora**. São Paulo: Capes edições, 1987.

FREITAS SILVA, G., DE FREITAS MACÊDO, K., Brasil de Almeida Rebouças, C., & Alves, Â. (2006). **Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa**. Online Brazilian Journal of Nursing., 5(2), 246-257

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GANONG, L. (1987). Integrative reviews of nursing research. Res. Nurs. Health.

GARCIA, R. **Programas de educación intercultural**. España: Desclé de Brouwer, 1997.

GARCIA NEIRA, M. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores.** São Paulo, 2011.

GARCÍA SÁNCHEZ, J. **Interculturalidad “voz de los afrocolombianos”.** Bogota: Fundación Universitaria del Área Andina, 2006.

GIL QUINTANA, J. **La socialización oculta en Educación Física. Análisis de la enseñanza de las actividades físicas y deportivas en Meliana (Valencia).** Meliana: Universidad del País Vasco, 2017.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GIL, P.; CONTRERAS, O. R. Enfoques actuales de la Educación Física y el Deporte. Retos e interrogantes: el manifiesto de antigua. **Revista Iberoamericana de Educación**, 2005, p. 225-300.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research.** Hawthorne N.Y: Aldine de Gruyter, 1967.

GONÇALVES JUNIOR, L. Etnomotricidade: multiculturalismo e Educação Física escolar. In: CARREIRA FILHO, D.; ROBERTO CORREIA, W., **Educação Física Escolar.** Curitiba: Editora CRV, 2010, p. 49-67.

GONÇALVES JUNIOR, L. et al. (2012). Etnomotricidad: juegos de resistencia cultural en la comunidad caizara de Ilhabela – Brasil. **Estudios Pedagógicos XXXVIII**, 2012, p. 249-266.

GONÇALVES, L. J. A motricidade humana no ensino fundamental. In: **I Seminário Internacional de Motricidade Humana: passado-presente-futuro.** São Paulo: ALESP, 2007.

GONÇALVES DE LIMA, I., Souza Junior, M., & Tenorio Brasileiro, L. (2020). **A inserção de conteúdos afro-brasileiros nas aulas de Educação Física: um olhar pela prática pedagógica.** Indagatio Didactica.

GUEDES, I. (2021). **Educação Física: corpos negros e insurgências epistêmicas.** SciELO.

GUEDES, C. A Educação Física e os mistérios de seu tempo. **Revista Brasileira de Ciências do esporte** 21, 2000, p. 85-94.

HALL, S. (2006). **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG.

HERNANDEZ SAMPIERI, R. **Metodología de la Investigación**. Mexico D.F: Mc Graw Hill Education, 2006.

HOUSSAYE, J. Gerir o pluralismo em educação, 2000. Disponível em: <http://www.oi.acime.gov.pt/docs/rm/multiculturalismo.pdf>.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução: J. P. Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

JÚNIA, R. **História e cultura africana e indígena nas escolas**. Centro colaborador da OMS para a Educação de Técnicos em Saúde, 13 mai. 2010. Disponível em: <http://www.epsvj.fiocruz.br/noticias/reportagem/historia-e-cultura-africana-e-indigena-nas-escolas>.

KELLER, J. **Activité physique et sportive et motricité de l'enfant**. Paris: Vigot, 1992.

LEAL COUTINHO, D. (2014). **A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES**. Rio de Janeiro.

LESSARD-HÉBERT, M. **Investigação qualitativa**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

LEVAC, D., COLQUHOUN, H., & O'BRIEN, K. (2010). **Scoping studies: advancing the methodology**. Implement Sci.

LIMA, E. (2006). **"Currículo e desenvolvimento humano"**. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamenta.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES, A. (2011). **Interculturalidade e Direitos fundamentais culturais**. En F. Piovesan, & M. Garcia, Direitos económicos, sociais, culturais e ambientais. São Paulo: Revista dos Tribunais.

MALINOWSKI, B. **Les Argonautes du Pacifique Occidental**. Paris: Éditions Gallimard, 1989.

MARANHÃO, F. (2009). **Jogos africanos e afro-brasileiros nas aulas de Educação Física: processos educativos das relações étnico-raciais'**. São Paulo.

MARTINS, B. (2013). **Relações étnico-raciais e diversidade cultural: caminhos em direção a uma outra educação física escolar**. Rio de Janeiro.



- MEIRA, R. B. Experienciar, aprender, criar e ensina. **Revista de Educação Popular**, 2003, p. 103-114.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciência sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.
- MINAYO, M. C. **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.
- MOLANO, O. L. **Identidad cultural un concepto que evolución**. Madrid, 2015.
- MOREIRA, A., & SILVA, M. (2018). **Possibilidades didático-metodológicas para o trato com a lei no 10.639/2003 no ensino da educação física: a importância da educação étnico-racial**. Rio Grande do Norte.
- MOSQUERA, J. Educación física intercultural: Un espacio para movilizar la lucha contra la desigualdad social. **Revista ADvir**, 72, 2017.
- MOSQUERA, J. (2048). **O currículo da biblioteconomia: Perspectivas comparadas sobre a desigualdade social na Universidade Federal da Bahia (Brasil) e na Universidad de Antioquia (Colombia)**. Salvador: Universidade Federal Da Bahia
- MOURA, D. L. **Cultura Educação Física Escolar**. São Paulo: Phorte editora, 2012.
- MUNANGA, K. (2005). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO.
- MUNN, Z. P. (2018). **Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach**. BMC Med Res Methodol, 18-143.
- MUÑOZ SEDANO, A. **Educación intercultural: teoría y práctica**. Madrid: Escuela Española, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Educação intercultural. Teria e pratica**. Madrid: Escuela Española, 1997.
- NACIONAL., I. D. **Patrimônio cultural intangível imaterial. Para saber mais**. Brasília: Iphan, 2007.
- NUSSBAUM, M. (2013). **Fronteiras da justiça: deficiência, nacionalidade, pertencimento a espécie**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

OLIVEIRA E SILVA, R. C. **Formação multicultural de professores de Educação Física: entre o possível e o real**, 2008. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, M. **Como hacer investigación cualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2018.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948.

PAIXAO da Rocha, L. (2006). **Políticas afirmativas e educação: a Lei 10639/03 no contexto das políticas educacionais no Brasil contemporâneo**, Universidade Federal do Paraná, 1-125.

PANSINI, F.; NENEVÉ, M. Educação multicultural e formação docente. **Universidade Federal de Rondônia – UNIR**, 31-48, 2008.

PARLEBAS, P. **The Universals of Games and Sports**. Paris: Frontiers in Psychology, 1986.

\_\_\_\_\_. **Juegos, deporte y sociedad: léxico de praxeología motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PARREIRA, V.; FOGANHOLI, C. Danças brasileiras na Educação Física escolar: (re) conhecendo histórias e diferentes linguagens. **PPGE/UFSCar**, 686, s.d.

PEREA CABALLERO, A. et al. Importancia de la Actividad Física. **Revista Médico-Científica de la Secretaría de Salud Jalisco**, 121-125, 2018.

PEREIRA, A., GOMES, D., CARMO, K., & SILVA, E. (2019). **Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE**. *SciELO*.

PRIGOL, E.; BEHRENS, M. Teoria Fundamentada: metodologia aplicada na pesquisa em educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodología del trabajo Científico: Métodos y técnicas de investigación del trabajo académico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2018.

QUEIROZ CITTA, L., APARECIDO Caetano, W., MIRANDA RIBEIRO, A., & de CARVALHO FILHO, C. (2015). **Cultura afro-brasileira nos cadernos de educação física do ensino fundamental II**. São Paulo.

RIBEIRO, R. Y. **Até quando educaremos exclusivamente para a branquitude? Redes de significados na construção da identidade e da cidadania**. São Paulo: Panorama, 2002.

- SALAZAR GALEANO, Y. **Procesos interculturales desde la Educación Física**. Bogotá D.C: Universidad Pedagógica de Colombia, 2013.
- SANTIAGO, M., AKKARI, A., & MARQUES, L. (2013). **Educação Intercultural: desafios e possibilidades**. Vozes.
- SANTOS BARCELOS, G. (2018). **Danças afro e suas sensíveis significações**. Rio grande do Sul.
- SANTOS, C.; ALBUQUERQUE, E.; MENDOÇA, M. **Alfabetização e letramento nos livros didáticos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SILVA CRELIER, C. (2017). **A educação física escolar e a lei 10639/03: o chão da escola x os aspectos legais**. Rio de Janeiro.
- SILVA, T. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SILVÉRIO, V. O multiculturalismo e o reconhecimento: mito e metáfora. **Revista USP**, 44-55, 1999.
- SOUZA, E. ET AL. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: M. Minayo, S. Assis, & E. Souza, **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- STAKE, R. **Investigação com estudos de casos**. Tradução: Roc Fiella. Espanha: Morata, 1998.
- TAROZZI, M. **O que é a grounded theory? Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1992.
- TEIXERA MALDONADO, D. (2021). **O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de educação física**. Revista Uni-oeste.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Diretrizes da UNESCO, sobre a educação cultural**. London, 1945. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147878s.pdf>.
- VALERO VALENZUELA, A.; & GOME LOPEZ, M. Multiculturalidad en las clases de Educación Física através de los juegos del mundo. **Efdeportes**, 11-3, 2014.

VERRANGIA, D., & GONÇALVES Silva, P. B. (2010). **Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências**. Educação e Pesquisa, 705-718.

WALSH, C. **Interculturalidad, Colonialidad y educación**. Bogotá. 2004. Disponível em: <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeyp/article/viewFile/6652/6095>.

## APENDICE A. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

#### 1. DADOS DO INDIVÍDUO

Nome completo

---

Sexo  Masculino

Feminino

RG

Data de nascimento

Endereço completo

CEP

Fone

e-mail

---



---



---



---



---



---



---

### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INTERVENÇÃO AO FENÔMENO DO MULTICULTURALISMO: PRESENÇA DA MATRIZ AFRICANA

2. Pesquisador Responsável

Luiz Eduardo Pinto Bastos Tourinho Dantas

3. Cargo/Função

Professor Doutor

4. Avaliação do risco da pesquisa:

RISCO MÍNIMO

RISCO BAIXO

RISCO MÉDIO

RISCO MAIOR

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa

1 semestre

### **III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:**

#### **1. Justificativa e os objetivos da pesquisa**

Estamos te convidando para nos ajudar a entender melhor como a escola lida com a presença de diferenças de cultura, gênero e identidade. Nós entendemos que na escola existe uma diversidade que abre possibilidades de trabalhos construtivos muito interessantes, mas infelizmente conflitos e exclusão acabam surgindo em função dessas diferenças. Queremos saber como professores e professoras pensam e lidam com essa diversidade no seu dia a dia profissional, com um interesse especial sobre a matriz cultural africana..

#### **2. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais;**

Nós pedimos que você participe de uma entrevista sobre seu papel como professor de Educação Física frente a essa diversidade cultural que comentamos. A entrevista será realizada através de videochamadas ou chamadas telefônicas, ou até mesmo um encontro presencial, o que lhe for mais conveniente e de acordo com as regras sanitárias no momento da entrevista. Com “seu papel como professor”, queremos dizer que estamos interessados em saber como você faz diante dessas diferenças culturais dentro da sua aula. Cada entrevista terá duração máxima de 90 minutos. É importante que você tenha em consideração que em qualquer momento da entrevista você pode negar-se a responder qualquer pergunta que lhe ocasione algum desconforto, ou mesmo finalizar sua participação na pesquisa.

#### **3. Desconfortos e riscos esperados**

A entrevista será como uma conversa orientada por algumas perguntas que nos permitirão te ouvir e acompanhar os direcionamentos das suas respostas acerca do tema da pesquisa. Você sempre poderá se negar a responder, dar continuidade ou pedir para mudar de assunto se sentir qualquer tipo de desconforto. Podemos acabar chegando em temas desconfortáveis conforme você for respondendo, mas lembramos que você pode pedir para mudar de assunto ou até encerrar a entrevista se assim o desejar. Porém, os riscos desses desconfortos são mínimos.

#### **4. Benefícios que poderão ser obtidos**

Ao participar dos procedimentos desta pesquisa você terá a possibilidade refletir sobre sua prática docente, o que lhe ajudará em sua formação continuada sobre educação intercultural nas aulas de Educação Física, mais particularmente, a presença da prática matriz africana nas propostas educativas e na prática cotidiana de professores de educação física escolar. Você também poderá, se assim o desejar, tem em mãos uma transcrição de sua entrevista para leitura e reflexão.

#### **5. Procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo.**

Não haverá procedimentos alternativos neste estudo.

### **IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:**

**1. Você terá** acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas;

**2. Você tem** a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa e de deixar de participar do estudo;

**3. Você têm** a salvaguarda (garantia) da confidencialidade, sigilo e privacidade de todo material gerado a partir de sua participação na pesquisa

4. Você terá a sua disposição assistência médica no HU (Hospital Universitário da USP) OU HCFMUSP (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP), por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

**V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.**

Luiz Eduardo Pinto Basto Tourinho Dantas Av. Jaguaré, 249 Apt 141 Bloco 02 Tel 11 981786759 / 30913173

**VI - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES**

**Comitê de Ética da EEFE-USP**

Escola de Educação Física e Esporte - USP  
 Av. Prof. Mello Moraes, 65 - Cidade Universitária  
 CEP: 05508-030 - São Paulo – SP  
 Telefone (011) 3091-3097  
 E-mail: cep39@usp.br

**VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 assinatura do sujeito da pesquisa  
 ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
 assinatura do pesquisador  
 (carimbo ou nome legível)

**APENDICE B. CARTA DE ANUENCIA**

Formulário E

**Carta de Anuência****DECLARAÇÃO**

Eu \_\_\_\_\_, na qualidade de responsável pelo(a) \_\_\_\_\_, autorizo a participação do professor(a) \_\_\_\_\_ na pesquisa “Educação Intercultural no Componente Curricular da Educação Física Como Uma Resposta ao Fenômeno do Multiculturalismo: a Presença da Matriz Africana” a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador Luiz Eduardo Pinto Basto Tourinho Dantas; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo para a referida pesquisa.

Local, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

**ASSINATURA DO RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO**

---

**(carimbo da Instituição)**



## APENDICE C. ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### 1. FAMILIARIZAÇÃO COM/DO ENTREVISTADO.

**1.1.** Obrigado por ter aceitado participar da pesquisa. Antes de começar, gostaria de saber se posso gravar nossa conversa? Como disse, isso não será divulgado para ninguém. É só para eu ter o registro e não precisar anotar tudo aqui. Vamos lá!

**1.2.** Qual a sua idade?

**1.3.** Há quanto tempo atua como professor de educação física?

**1.4.** O que o fez escolher a educação física como profissão?

### 2. TRABALHO

**2.1.** Você já respondeu num primeiro contato, mas gostaria de perguntar novamente. Em que escola(s) você leciona?

**2.2.** Há quanto tempo?

**2.3.** Quantos dias por semana e quantas turmas você atende na(s) escola(s)?

### 3. CONHECIMENTO/FAMILIARIDADE COM O MULTICULTURALISMO

#### Perguntas do pesquisador

**O que o depoente conhece sobre fenômeno do multiculturalismo?**

#### Pergunta ao entrevistado

**3.1.** O que vem na sua cabeça quando se fala/escuta de “Multiculturalismo”?

**3.2.** Você considera o contexto escolar um cenário multicultural?

(i) << **Em caso afirmativo, perguntar por quê?** >>

(ii) << **Em caso negativo, perguntar se deveria ser** >>.

**3.3.** Você acha que a sua escola contempla a diversidade cultural dos alunos (multiculturalismo)?

(i) << **Em caso afirmativo** >>

Quais são as ações que sua escola fomenta para facilitar a criação de ambientes multiculturais para os alunos?

(ii) << **Em caso negativo**>> Por quê?

3.4. A estrutura e organização da sua escola favorece ou atrapalha a criação de

espaços e ambientes multiculturais para os alunos?

(i) << **Em caso de favorecer, perguntar** se consegue identificar nos documentos da sua escola (PPP e ou Currículo, e outros) diretrizes/orientações para atender as diferenças culturais presentes na escola?" >>

#### 4. CONHECIMENTO/FAMILIARIDADE COM A MATRIZ AFRICANA NA BNCC.

##### Perguntas do pesquisador

Considerando a matriz africana exclusivamente, qual a relação que o depoente estabelece com as orientações prescritas na legislação e as bases curriculares e uma educação física intercultural

##### Pergunta ao entrevistado

4.1. Você conhece as leis que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que fazem parte do currículo dos ensinos fundamental e médio << Lei 10.639/03 e 11.645/08 >>?

(i) << **Em caso afirmativo, você pode contar o que conhece dessas leis?** >>

4.2. De que forma você teve contato com as leis? Ou, como isso apareceu na sua formação? (Na graduação, formação continuada, coletivo de professores, documentos curriculares).

(i) Você já teve formações especificamente sobre esse tema? Se não, você tem estudado

a lei? << **Em caso afirmativo, sobretudo formações, solicitar detalhes de como foi a experiência** >>

**4.3. Com relação ao currículo perante a menção a matriz africana na BNCC e/ou no currículo estadual ou municipal que você está subordinado, você acha que é abordada de forma que favorece a**

**dialogicidade entre as diferenças culturais presentes na aula?**

**4.4. Como o corpo das leis (Lei 10.639/03 e 11.645/08) está contemplado na BNCC e ou no currículo que sua escola segue?**

**4.5. Você acha que há clareza nas orientações e expectativas que se referem a matriz africana na Educação Física**

## DISCUSSÃO PRINCIPAL

### 5. EDUCAÇÃO FÍSICA E MULTICULTURALISMO.

#### Pergunta do pesquisador

**Quais as implicações do multiculturalismo para a educação básica para o depoente? O depoente acha possível abordar o multiculturalismo desde a aula de Educação Física? Como?**

#### Pergunta ao entrevistado

**5.1. Como você aborda o multiculturalismo na aula de Educação física? Pedir exemplos.**

**5.2. Acha que existe a possibilidade de adotar um modelo pedagógico que aborde o multiculturalismo numa aula de Educação Física?**

(i) << **Em caso afirmativo** >>

**Você destacaria alguma estratégia metodológica ou modelo pedagógico para abordar o multiculturalismo nas aulas de Educação Física Escolar? Se sim, quais?"**

(ii) << **Em caso negativo** >> **Por quê?**

**5.3. Acha que existe um modelo pedagógico na Educação Física que favorece o tratamento do Multiculturalismo?**

(i) << **Em caso afirmativo** >>

**Pode oferecer exemplos?**

(ii) << **Em caso negativo** >> **Por**

**que não?**

## 6. MATRIZ AFRICANA E CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### Pergunta do pesquisador

O professor considera pertinente e importante a abordagem de ferramentas metodológicas com base as manifestações da matriz africana no currículo de Educação Física, para a formação integral dos alunos?

Observar se a resposta coteja se a Educação Física pode contribuir para uma educação intercultural focada no diálogo, tolerância e respeito das diferenças?

### Pergunta ao entrevistado

**6.1. Você já ministrou aulas abordando as manifestações da Matriz Africana inscritas na BNCC [Base Nacional Comum Curricular]?**

(i) << **Em caso afirmativo** >> **De que forma você tem abordado os conteúdos da matriz africana nas suas aulas? Que conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira você contempla nessas atividades? Pedir exemplos?**

**6.2. Como você relaciona os conteúdos da Matriz Africana nas suas aulas? Pedir exemplos. (So se não ficou clara a resposta 6.1)**

**6.3. Quais aspectos têm facilitado, e quais tem dificultado o trabalho com a matriz africana nas suas aulas de Educação Física Escolar?**

**6.4. Você tem sugestões acerca de como otimizar o trabalho com a Matriz Africana nas aulas de Educação Física Escolar.**

